BUDAPESTE
CHICO BUARQUE
ROMANCE

BUDAPESTE

Chico Buarque

Devia ser proibido

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que em seguida Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que freqüento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

Fui dar em Budapeste graças a um pouso imprevisto, quando voava de Istambul a Frankfurt, com conexão para o Rio. A companhia ofereceu pernoite num hotel do aeroporto, e só de manhã nos informariam que o problema técnico, responsável por aquela escala, fora na verdade uma denúncia anônima de bomba a bordo. No entanto, espiando por alto o telejornal da meia-noite, eu já me intrigara ao reconhecer o avião da companhia alemã parado na pista do aeroporto local. Aumentei o volume, mas a locução era em húngaro, única língua do mundo que, segundo as más línguas, o diabo respeita. Apaguei a tevê, no Rio eram sete da noite, boa hora para telefonar para casa; atendeu a secretária

eletrônica, não deixei recado, nem faria sentido dizer: oi, querida, sou eu, estou em Budapeste, deu um bode no avião, um beijo. Eu deveria estar com sono, mas não estava, então enchi a banheira, espalhei uns sais de banho na água morna e me distraí um tempo amontoando espumas. Estava nisso quando, zil, tocaram a campainha, eu ainda me lembrava que campainha em turco é zil. Enrolado na toalha, atendi à porta e topei um velho com uniforme do hotel, uma gilete descartável na mão. Tinha errado de porta, e ao me ver emitiu um ô gutural, como o de um surdo-mudo. Voltei ao banho, depois achei esquisito hotel de luxo empregar um surdo-mudo como mensageiro. Mas fiquei com o zil na cabeça, é uma boa palavra, zil, muito melhor que campainha. Eu logo a esqueceria, como esquecera os haicais decorados no Japão, os provérbios árabes, o Otchi Tchiornie que cantava em russo, de cada país eu levo assim uma graça, um suvenir volátil. Tenho esse ouvido infantil que pega e larga as línguas com facilidade, se perseverasse poderia aprender o grego, o coreano, até o vasconço. Mas o húngaro, nunca sonhara aprender.

Já passava de uma quando fui para a cama nu, religuei a tevê, e a mesma mulher da meia-noite, uma loura com maquilagem pesada, apresentava uma reprise do jornal anterior. Percebi que era uma reprise porque já tinha reparado na camponesa de rosto largo que encarava a câmera com os olhos saltados, empunhando um repolho do tamanho da sua cabeça. Balançava ao mesmo tempo a cabeça e o repolho para cima e para baixo, e falava sem dar trégua ao repórter. E espetava os dedos no repolho, e chorava, e esganiçava a voz, e tinha o rosto cada vez mais vermelho e inflado, e enterrava os dez dedos no repolho, e agora meus ombros se retesavam não pelo que eu via, mas no afã de captar ao menos uma palavra. Palavra? Sem a mínima noção do aspecto, da estrutura, do corpo mesmo das palavras, eu não tinha como saber onde cada palavra começava ou até onde ia. Era impossível destacar uma palavra da outra, seria como pretender cortar um rio a faca. Aos meus ouvidos o húngaro poderia ser mesmo uma língua sem emendas, não constituída de palavras, mas que se desse a conhecer só por inteiro. E o avião reapareceu na pista, numa imagem distante, escura, estática, que salientava mais ainda a voz masculina da locução em off. A notícia do avião já pouco me importava, o mistério do avião era ofuscado pelo mistério do idioma que dava a notícia. Vinha eu escutando aqueles sons amalgamados, quando de repente detectei a palavra clandestina, Lufthansa. Sim, Lufthansa, com certeza o locutor a deixara escapar, a palavra alemã infiltrada na parede de palavras húngaras, a brecha que me permitiria destrinchar todo o vocabulário. Ao jornal sucedeu uma mesa-redonda cujos participantes pareciam não se entender, depois um documentário sobre o fundo do mar, com peixes

transparentes, e às duas em ponto retornou minha amiga maquilada, que envelhecia de hora em hora. Meteorologia, Parlamento, bolsa de valores, estudantes na rua, shopping center, camponesa com repolho, meu avião, e já me arriscava a reproduzir alguns fonemas a partir de Lufthansa. Aí entrou na tela uma moça de xale vermelho e coque negro, ameaçou falar espanhol, zapeei no susto. Caí num canal em inglês, mais um, outro, um canal alemão, um italiano, e de volta à entrevista com a dançarina andaluza. Cortei o som, me fixei nas legendas, e observando em letras pela primeira vez palavras húngaras, tive a impressão de ver seus esqueletos: ö az álom elötti talajon táncol.

Às seis da manhã, quando o telefone deu o despertar, eu estava sentado na ponta da cama. Logo recitaria em uníssono com o locutor a notícia do avião, uns bons vinte segundos de húngaro. Feito o quê, vesti com desgosto a roupa da véspera, porque só tinham liberado as bagagens de mão, e desci para o lobby, que estava uma babilônia. Quanto mais se desentendiam os vários idiomas, mais se exaltavam os protestos contra o terrorismo, contra a companhia aérea, contra os extras que o hotel cobrava. As vozes só serenaram quando foi aberto o restaurante, para o caféda-manhã gratuito, mas aí o estrago estava feito; fui buscar minhas palavras húngaras na cabeça e só encontrei Lufthansa. Ainda tentei me concentrar, olhei para o chão, andei de lá para cá, e nada. No fundo do salão avistei uma roda de garçons falantes, e pensei que poderia ao menos filar umas palavras deles. Mas ao me perceberem, fizeram brusco silêncio e me intimaram a sentar com três grandalhões de cara eslava, numa mesa cheia de farelos, cascas de frutas, cascas de queijo, mais quatro vidros de iogurte raspados. Restavam intocados na cesta de pães uns similares de broas avermelhadas, na certa uma especialidade nativa, que provei com cautela e por educação. A massa era leve, de um sabor adocicado que com o tempo deixava uma lembrança amargosa. Comi a primeira, a segunda, acabei comendo as quatro porque estava faminto, e a coisa não era de todo ruim, se engolida com chá. Tratava-se de um pão de abóbora, conforme o maitre informou em inglês, mas eu não queria a receita da broa, queria saborear seu som em húngaro. In Hungarian, insisti, e desconfiei que eles tinham ciúme de sua língua, pois o maitre não se deu por achado; fez um ô gutural, despejou no meu prato um monte de broas, rejeitadas pelas mesas vizinhas, e bateu as mãos para me apressar, fazendo ver que o restaurante estava vazio. No lobby, uma aeromoça com uma lista e um walkie-talkie na mão gritava Mister Costa! Mister Costa!, e eu era o último a me juntar à legião que se afunilava na esteira rolante, a dez metros da porta do hotel. Deslizamos até o portão de embarque através de um longo e cintilante território livre, um país de língua nenhuma, pátria de

algarismos, ícones e logomarcas. Na Polícia Federal um funcionário bigodudo folheava com preguiça cada passaporte, que devolvia sem carimbar. Esvaía-se na pessoa dele minha esperança de ouvir a derradeira voz de um húngaro, pois de sua boca não saía um bom-dia, um muito obrigado, um boa viagem, que dirá um volte sempre. Quem sabe como compensação, ao me instalar na poltrona da classe executiva, me voltou à

língua o sabor do pão de abóbora, e agora de novo ele era doce. Apertei o cinto, fechei os olhos, achei que não ia dormir nunca mais na vida, tomei um sonífero e o avião decolou. Cheguei o rosto à janela, estava tudo nublado, a pílula fazia efeito. Quando se abriu um buraco nas nuvens, me pareceu que sobrevoávamos Budapeste, cortada por um rio, O Danúbio, pensei, era o Danúbio mas não era azul, era amarelo, a cidade toda era amarela, os telhados, o asfalto, os parques, engraçado isso, uma cidade amarela, eu pensava que Budapeste fosse cinzenta, mas Budapeste era amarela.

No caso das crianças

Nova reviravolta no caso das crianças dos olhos furados. Na noite de ontem a governanta do orfanato, que se supunha foragida no Paraguai, compareceu deliberada-mente ao distrito policial de Volta Redonda. A narração estava arrastada, a voz sem brilho, com certeza a Vanda tinha gravado aquele texto de manhã bem cedo. O delegado não quis dizer se o depoimento da governanta poderia inocentar ou complicar mais ainda o amante da costureirinha. Não, não, não há nada de conclusivo, a dona parecia sedada ou em estado de choque, dizia frases desconexas, e a Vanda surgiu ao vivo anunciando o futebol feminino após os comerciais, a voz limpa, um meio sorriso adequado, eqüidistante das duas notícias; usava sombra nos olhos, os cabelos presos, o colar de miçangas. Sentei-me na cama, a secretária eletrônica piscava na mesa-de-cabeceira: Zé, é o Álvaro, você já

deve ter... Vandinha, sou eu, Vanessa, as bolas fosforescentes... Zé, é o Álvaro, cara, o alemão está... Vanda, aqui quem fala é o Jerônimo, pode me chamar no mezanino. Vandinha, é a Vanessa, eu pensei que as bolas... Zé, Álvaro, é meio-dia, cara, você... Eu tinha tomado vinho, barbitúricos, o avião se atrasara em Frankfurt, houve escala em São Paulo, malas se extraviaram, fuso horário, jet lag, fiz uma ducha, comi bananas, fui pela praia devagar, rente a ciclovia, meninas pedalando, meninas de patins, sol de outono, parei o carro em Ipanema. O quiosque estava tranqüilo, pedi um coco e dobrei os braços no balcão, recostei

a cabeça nos braços, as pessoas cruzando pelas minhas costas: você viu a cara dele, o escroto ainda fica pálido.., ela afastou a calcinha e veio aquele furúnculo... só equipamento de primeiro mundo, cheio de frisas... depois iam falar que era para um crioulo.., aí eu disse para ele que estava menstruada... mas ia dar uma grana considerável.., o vice-presidente me contou no telefo...., para mim de repente é isso mesmo... Pensei em tirar os sapatos e ir molhar os pés, mas o mar estava longe e me deu preguiça de andar na areia. Tinha de seguir para a agência, entrei no carro, a preguiça era muita.

Preguiça eu não conhecia, no tempo em que atendíamos numa sala três por quatro no centro da cidade. Atendia eu, na verdade, porque o Álvaro passava os dias na rua, fazendo contatos, tomando providências. Quando ainda anunciava a agência nos classificados, ele mandava imprimir em negrito a palavra confidenciabilidade. E

apareciam uns sujeitos encafifados, olhando para baixo, falando com a boca torta, na época eu topava qualquer encomenda. Não pelo dinheiro, que mal dava para quitar o aluguel da sala; pagavam-me os honorários correntes no mercado, como se paga por página a um escriba velho, um digitador, um copiador de enciclopédias. Pagavam em espécie mediante a entrega da mercadoria e partiam às pressas, quando muito entreabriam o envelope para conferir o número de folhas ali dentro. Para mim valiam como exercício de estilo aquelas monografias e dissertações, as provas de medicina, as petições de advogados, as cartas de amor, de adeus, de desespero, chantagens, ameaças de suicídio, textos que eu mostrava ao Álvaro antes de limpar o arquivo. Ele espiava a tela e falava gênio, gênio, pensando noutras coisas, o Álvaro nunca pensava exatamente no que estava olhando. E a Vanda implicou com ele logo no início do nosso namoro, referia-se ao Álvaro como o vampiro, porque chupava meu talento, porque me trancava na agência e saía para os coquetéis. Dizia isso por me querer bem, não aos meus escritos, que ela não lia, Vanda nem sabia direito que espécie de escritor era eu. Ela me conheceu já

bastante aprumado, ignorava o quanto o Álvaro acreditara e investira em mim, desde a faculdade de letras até a agência, montada por iniciativa dele. Ele tinha algum dinheiro de família, era bem relacionado, e quando se aproximou de um pessoal da política, eu estava apto a redigir discursos para qualquer circunstância, a partir de um rascunho ou uma entrevista breve. Discursos de campanha remuneravam bem, mas me deixavam insatisfeito, infeliz mesmo. Muitas vezes o orador atropelava as passagens que eu mais prezava, não

hesitando em saltar parágrafos inteiros caso a agenda estivesse cheia ou o sol forte. E intrometia de supetão uns arrebatamentos da cabeça dele, que os populares aplaudiam, depois largava a papelada no palanque para o vento levar. De modo que recompensa profissional, para valer, só obtive a partir da publicação integral de meus artigos em jornais de grande circulação. Meu nome não aparecia, lógico, eu desde sempre estive destinado à sombra, mas que palavras minhas fossem atribuídas a nomes mais e mais ilustres era estimulante, era como progredir de sombra. A Cunha & Costa Agência Cultural já estava então estabelecida em três ambientes com vista para a praia de Copacabana, e o Álvaro inventou de emoldurar e pendurar nas paredes as minhas obras de sua predileção. Eram artigos escritos em nome do presidente da Federação das Indústrias, do ministro do Supremo Tribunal Federal, do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, em suma, era uma galeria que o Álvaro exibia a quem entrasse na agência, dizendo: José Costa é gênio. Procurava empresas, autarquias, fundações, sindicatos, clubes, churrascarias, abria um book com meus artigos e proclamava: José Costa é gênio. Mas, Álvaro, e a confidenciabilidade? Ele ria sua risadinha fina, engraçada num homem grande e peludo, e garantia que nossos clientes eram os primeiros a fazer propaganda da Cunha & Costa. Até não-clientes se gabavam por aí de terem dispensado suas assessorias, pagando um pouco mais por nossos serviços diferenciados, o Álvaro falava essas palavras. E no entanto os artigos nas paredes me incomodavam, o book me incomodava, estar em evidência era alguma coisa como quebrar um voto. Foi o que lhe comuniquei numa conversa franca, e o Álvaro me ouviu com o olhar parado, pensando noutras coisas. E seguiu ampliando a galeria, e contratou um empregado para carregar o book, que àquela altura já era um cartapácio. De qualquer maneira, ao alardear na praça a nossa fábrica de textos, tinha agora o cuidado de omitir meu nome; caso lhe perguntassem se não seria ele mesmo, Álvaro da Cunha, o versátil literato, baixava a cabeça e resmungava: deixa isso para lá.

Depois de casado, eu chegava em casa alterado tarde da noite e a Vanda não se conformava, esquentava minha sopa amaldiçoando o Álvaro. Eu deixava por isso mesmo, não tinha como lhe explicar que, encerrado o expediente, me demorava sozinho na agência por conta própria, em leitura obsessiva. Naquelas horas, ver minhas obras assinadas por estranhos me dava um prazer nervoso, um tipo de ciúme ao contrário. Porque para mim, não era o sujeito quem se apossava da minha escrita, era como se eu escrevesse no caderno dele. Anoitecia, e eu tornava a ler os fraseados que sabia de cor, depois repetia em voz alta o nome do tal sujeito, e balançava as pernas e ria à beça no sofá, eu me sentia tendo um

caso com mulher alheia. E se me envaideciam os fraseados, bem maior era a vaidade de ser um criador discreto. Não se tratava de orgulho ou soberba, sentimentos naturalmente silenciosos, mas de vaidade mesmo, com desejo de jactância e exibicionismo, o que muito valorizava minha discrição. E novos artigos me eram solicitados, e publicados nos jornais com chamada de capa, e elogiados por leitores no dia seguinte, e eu agüentava firme. Com isso a vaidade em mim se acumulava, me tornava forte e bonito, e me levava a brigar com a telefonista e a chamar o office boy de burro, e me arruinava o casamento, porque eu chegava em casa e já gritava com a Vanda, e ela me olhava arregalada, não conhecia os motivos de eu estar assim tão vaidoso. Eu tinha de fato um mau temperamento quando veio dar na agência o convite para o encontro anual de autores anônimos, a se realizar em Melbourne. Era uma correspondência postada em Cleveland, sem outro indício de remetente, tendo como destinatário Cohna & Casta Agency, num envelope preto que o Álvaro abriu e me passou achando graça. Joguei a carta na gaveta das coisas desimportantes, mesmo porque não trazia maiores informações além do nome de um hotel e uma data que sem querer registrei, era o dia de anos da Vanda. Meses mais tarde, chegando em casa às duas da manhã, encontrei minha mulher sentada na cama com cara de sono, pois acordava cedo desde que virara apresentadora de telejornal. Quando me perguntou se eu ainda ia querer a sopa, num impulso lhe respondi que na televisão ela parecia uma papagaia, porque lia as notícias sem saber do que falava. Ela calçou os chinelos, vestiu um casaco de crochê por cima do pijama, foi devagar para a cozinha, ligou o microondas, e sem elevar a voz disse que pior era eu, que escrevia um catatau de coisas para ninguém ler. Dispensei a sopa, abandonei o lar com a roupa do corpo e me ajeitei na agência, onde ficava namorando meus artigos até adormecer no sofá. Depois de noites dormindo ali, com umas sobras da raiva e dor nas costas, pensei em voltar para a Vanda em consideração ao seu aniversário, e foi quando me lembrei do convite na gaveta. O Álvaro não se opôs à minha viagem para a Austrália, até fez alguns comentários sobre globalização e coisa e tal. Eu tinha dinheiro suficiente, com mais de trinta anos nunca havia deixado o país, julguei que na pior das hipóteses esfriaria a cabeça dando a volta ao mundo de avião. Passei em casa para fazer a mala, a Vanda não estava, deixei-lhe um bilhete informando que partiria para o congresso mundial de escritores.

Ética, leis de imprensa, responsabilidade penal, direitos autorais, advento da internet, era extenso o temário do encontro, a portas fechadas, num hotel soturno de Melbourne. Oradores de diversas nacionalidades se sucediam em palestras que eu acompanhava em espanhol, pelo sistema de tradução simultânea. Mas já

na segunda jornada, à medida que entrávamos pela noite, as questões de interesse comum iam dando lugar a depoimentos pessoais, constrangedores. Aquilo começava a lembrar uma convenção de alcoólatras anônimos que padecessem não de alcoolismo, mas do anonimato. Veteranos autores, ostentando o nome completo no crachá, disputavam o microfone para um festival de vanglórias. Citavam uma enfiada de obras suas, e sem necessidade expunham a identidade dos presumidos autores, ora um grande estadista, ora o notório ghost-writer de um grande estadista, ora um romancista laureado, um filósofo, um proeminente intelectual, provocando rebuliço e gargalhadas na platéia. Na terceira noite eu estava mesmo decidido a abandonar a sala, quando o microfone caiu na minha mão e os circunstantes cruzaram os braços a me observar. Eu era o calouro, eu era talvez um elemento estranho, eu andara ouvindo confissões comprometedoras, eu não tinha saída, meu silêncio seria um acinte. Desculpando-me por me expressar em português, fiz um resumo do meu currículo, mencionei minha tese de doutorado, fui aplaudido, concedi em recitar alguns dos meus fraseados pausadamente, para que os intérpretes pudessem traduzi-los a contento. Em seguida expliquei o contexto de um ou outro trabalho, fiz alusão a personalidades que me deviam favores, daí a pouco estava a desembuchar fragmentos embaralhados de todos os artigos que me vinham à

cabeça. Já era uma compulsão, eu fervia, falava, falava, teria falado até o amanhecer se não desligassem a aparelhagem de som. Ao ver a sala vazia e o elevador lotado, subi de um fôlego sete lances de escada; eu estava leve, eu estava magro, lá em cima me veio a sensação de ter ficado oco. A náusea que senti ao entrar no quarto me acompanharia ainda longo tempo, o bolor dos corredores me impregnou as narinas; durante meses, toda vez que me refestelasse no sofá da agência, pensando em saborear velhos artigos, ressentiria o cheiro do carpete alaranjado do hotel em Melbourne. Meu quarto era abafado, a janela era um vidro fixo, a paisagem eram duas fileiras de postes de luz numa avenida reta e sem fim. Senti vontade de ligar para alguém no Brasil, mas o telefone estava bloqueado. Passei a noite olhando para o teto, e quando bateram à porta com o café-da-manhã, senti imensa gratidão, fiz questão de que o camareiro se sentasse comigo; era filipino, mal falava inglês, me ensinou umas palavras de malaio e tinha mãos muito pequenas, que enchi de moedas. Eu estava emotivo, desci à sala ansioso para rever os colegas, e a partir daquela manhã as reuniões decorriam quase em silêncio, as pessoas prostradas nos assentos. Os poucos que se dispunham a tomar a palavra falavam baixo, longe do microfone, lembrando as agruras de um ofício de que tantos desertam, em busca de fortuna e popularidade. Prestavam-se homenagens a companheiros

ausentes, falecidos no abandono ou internados em asilos para esquizofrênicos, ou ainda delatados, identificados publicamente, alguns até

perseguidos e condenados em seus países por delito de opinião, profissionais que por princípio opinião não têm. Na sessão de encerramento houve discursos em defesa dos direitos de privacidade e livre expressão, mas a proposta de se redigir uma carta aberta foi de pronto rechaçada; afinal, jornal algum publicaria um abaixoassinado de escritores que nunca se assinam. E nós que uma semana antes havíamos chegado ao hotel batendo portas de táxi e desancando maleiros, juntos partimos lentamente, arrastando bagagens repletas de calhamaços até o ônibus fretado, no outro lado da rua. No aeroporto trocamos endereços e abraços, houve quem chorasse, todos garantiram presença no próximo encontro em Casablanca, depois cada qual entrou num túnel. Viajei trinta horas com o pensamento em branco, e quando pedi para dormir em casa, a Vanda nada me perguntou, me serviu uma sopa e alinhou meus cabelos. Foi aí que, despojado de amor-próprio, engravidei a Vanda.

Já com uma barriguinha e cheia de caprichos, a Vanda resolveu programar nossa sempre adiada lua-de-mel. Seria em Nova Iorque, durante seu mês de férias na televisão, mas eu estava sem graça de pedir nova licença ao Álvaro. A Vanda bateu pé, me meteu em brios, me fez ver que eu não era um empregado dele, era seu sócio quase meio a meio. Sentei-me com o Álvaro, mostrei-lhe meu novo laptop, falei da inflexibilidade das mulheres em geral, no fim das contas ele me deixou à

vontade para viajar, até ficou de me dar um guia de bons endereços em Manhattam. E aproveitou para dizer que dentro em pouco, se eu não me importasse, ele provavelmente iria terceirizar algumas das minhas tarefas. Só fui entender direito esse negócio na volta da lua-de-mel, ao encontrar um jovem redator instalado numa mesa defronte à minha, e meia dúzia de artigos seus enquadrados nas paredes. Já

de algum tempo, conforme acabei sabendo, o Álvaro adestrava o rapaz para escrever não à maneira dos outros, mas à minha maneira de escrever pelos outros, o que me pareceu equivocado. Porque minha mão seria sempre a minha mão, quem escrevia por outros eram como luvas minhas, da mesma forma que o ator se transveste em mil personagens, para poder ser mil vezes ele mesmo. A um aprendiz, eu não me negaria a emprestar meus apetrechos, vale dizer meus livros, minha experiência e alguma técnica, mas o Álvaro tinha a pretensão de

lhe transmitir o que era mais que propriedade minha. Para não me aborrecer, decidi ignorar os textos do rapaz, e me sentava de costas para as costas dele, porque é impossível criar com um estranho fitando a nossa cara. Mas numa noite em que me encontrava sozinho na agência, vagando os olhos pelas paredes da sala, deparei com um artigo de jornal numa moldura barroca, e o título A Madame e o Vernáculo me pareceu familiar. Fui olhar, e era matéria recente assinada pelo presidente da Academia Brasileira de Letras, para quem por acaso eu nunca escrevera, e só podia ser coisa do rapaz. Li a primeira linha, reli e parei, tive de dar o braço a torcer; eu não saberia introduzir aquele artigo senão com aquelas palavras. Fechei os olhos, achei que poderia adivinhar a frase seguinte, e lá estava ela, tal e qual. Cobri o texto com as mãos e fui removendo os dedos a cada milímetro, fui abrindo as palavras letra a letra como jogador de pôquer filando cartas, e eram precisamente as palavras que eu esperava. Então tentei as palavras mais inesperadas, neologismos, arcaísmos, um puta que o pariu sem mais nem menos, metáforas geniais que me ocorriam de improviso, e o que mais eu concebesse já se achava ali impresso sob as minhas mãos. Era aflitivo, era como ter um interlocutor que não parasse de tirar palavras da minha boca, era uma agonia. Era ter um plagiário que me antecedesse, ter um espião dentro do crânio, um vazamento na imaginação. Passei a olhar enviesado para o rapaz, pensei em desafiá-lo peito a peito, apertá-lo contra a parede, mas logo foi contratado outro rapaz, e outro, e a todos o Álvaro lograva impor meu estilo, quase me levando a crer que meu próprio estilo, lá no começo, seria também manipulação dele. Quando me vi cercado de sete redatores, todos de camisas listradas como as minhas, com óculos de leitura iguais aos meus, todos com meu penteado, meus cigarros e minha tosse, me mudei para um quartinho que estava servindo de depósito, atrás da sala de recepção. Ali recuperei o gosto pela escrita, pois os artigos para a imprensa me deprimiam, eu já tinha a impressão de estar imitando meus êmulos. Passei a criar autobiografias, no que o Álvaro me apoiou, afirmando tratar-se de mercadoria com farta demanda reprimida.

Artistas, políticos e escroques famosos batiam a minha porta, mas eu me dava ao luxo de atender somente personagens tão obscuros quanto eu mesmo. Clientes que me lembravam aqueles da sala três por quatro do centro da cidade, exceto por serem ricos o suficiente para pagar o cachê extorsivo que o Álvaro estipulava, além de custearem a tiragem do livro para distribuição entre parentes e amigos. Tipos como o velho criador de zebu dos cafundós do país, cujas memórias reescrevi com muito sexo, transatlânticos, cocaína e ópio, proporcionando-lhe algum conforto num leito de hospital. O homem estava mesmo nas últimas, e mal teve forças para me autografar um exemplar do seu

Inventário Passional, que levei para o encontro de autores anônimos em Istambul. Selecionei as melhores passagens para leitura pública, mas meus pares exigiram que eu o lesse de cabo a rabo; se eu não tinha uma celebridade a assiná-lo, tinha quantidade delas dentro do relato, e enquanto relacionava as atrizes de cinema, primeiras-damas, senhoras do jet set e um ou outro príncipe que o velho levara para a cama, escutava o rebuliço e as gargalhadas na platéia. Minha produção era então copiosa, e já às vésperas de partir para a Turquia tinha me comprometido a pôr em livro as aventuras cariocas de um executivo alemão, que agora me aguardava na agência. Mas eu estava com preguiça, vim pela praia devagar, vim olhando as meninas de bicicleta, parei para tomar um coco, quase dormi em cima do balcão, e quando cheguei o alemão tinha acabado de ir embora, fiquei um tempo plantado na recepção, sem saber o que fazer, e a voz aguda do Álvaro atravessava as paredes: mas a idéia de distribuir laranjas foi do governador... Aí teria que numerar todos os cavalos.., claro, ninguém pega herpes pelo telefone... o.k., cara, se você quiser, eu providencio uma tréplica.., então vamos deixar para lá, tchau tchau... alô!... A recepcionista queria me anunciar ao Álvaro, mas não precisava, era muita a preguiça, era o fuso horário, era o jet lag, era vontade de ir para casa.

Girei a chave, ninguém na sala, água escorrendo na cozinha. Atravessei o corredor, a porta do quarto estava fechada, fui torcendo a maçaneta sem fazer ruído. O sol da tarde já baixava, vazando as persianas e projetando como que uma grade no assoalho e na coberta da cama. O banheiro estava aberto, a luz acesa. Enrolada numa toalha branca, com os pés apartados, a Vanda atirou a cabeça para a frente, quase tocando o chão, como num tipo de penitência. Passou a escova na nuca, puxando os cabelos castanhos pela raiz, e pude olhar suas pernas, seus braços, seus ombros nus, aquela pele que eu conhecia morena por igual no corpo inteiro, menos nos seios e debaixo da calcinha. Entretanto, olhando a Vanda assim de repente e tão de perto, mais uma vez me admirei; minha primeira dúvida, sempre que vinha de viagem, era se a Vanda ganhara viço na minha ausência, ou se em meus pensamentos ela desbotava. Ergueu a cara vermelha, me viu pelo espelho e vacilou: você entrou pelo terraço? Não, roubei a chave. Você é louco, meu marido pode chegar a qualquer momento! Seu marido está em Istambul. Não pode ser, estou esperando ele desde ontem! O avião dele caiu. Oh! Dei um passo à frente e me encostei nela, que descalça mal passava do meu queixo, e durante um bom tempo nos fitamos pelo espelho, eu apertando seus quadris como ela gosta. Até que se voltou amolecida, a cabeça pendendo para a direita, a boca entreaberta, os olhos fechados com as pestanas tremelicando; depois do beijo, quando soltasse seus lábios dos meus, ela diria

que estava com sono. Soltou seus lábios dos meus, apoiou-se na pia, me encarou com os olhos ainda fechados, esfregou-os e disse: estou morta de sono. Passou por mim como uma sonâmbula, os passos lentos mas retos, e caiu inerte na cama, a toalha branca pousando em seu corpo. E o sol invadia o quarto, e as sombras da persiana estampavam uma jaula na toalha sobre o corpo na cama. A Vanda fingia dormir, esperando que eu lhe roçasse a língua atrás da orelha. Demorei uns segundos de propósito, considerando que a toalha era um molde perfeito sobre o corpo dela; se a descolasse do corpo com cuidado, poderia em tese construir ao lado uma outra Vanda de bruços. Afinal me ajoelhei no chão e rocei a língua atrás da sua orelha, que cheirava a sabonete. Súbito saltou da cama, pensei que fosse recomeçar a brincadeira do marido, mas não. Era faro de mãe pressentindo o menino lá embaixo, no playground ou na garagem do edifício, pois só minutos mais tarde o choro dele entrou no apartamento. A Vanda já estava de blusa e jeans na porta do quarto, o que aconteceu?, o que aconteceu?

Acontecera nada, um menino tinha batido no menino e a babá o trouxera da escola mais cedo. Estatelado na cama, quem fingia dormir agora era eu, mas deu para ver que o menino tinha ganhado mais uns quilos. Meu filho estava obeso.

O alemão não tinha cabelos, nem sombra de barba, nem sobrancelhas, era perfeitamente glabro. Sem ser velho, tinha a pele do rosto ressequida, provável seqüela do sol do Rio, sete verões com a pele a se soltar da pele a se soltar da pele até chegar a essa, uma pele com um quê de papel, uma casca provisória que foi ficando. Aprumava-se na cadeira assim que eu acionava o gravador, e falava um português exótico porém fluente, interrompido apenas para eu trocar a fita, ou quando o Álvaro entrava no quartinho. Entrava sem bater, o Álvaro, sem motivo algum, saía, voltava com um contrato para o alemão rubricar, saía, deixava a porta aberta. Já não havia alemão, e ele continuava a entrar a qualquer hora, falava qualquer coisa e espichava o olho para o meu computador, me forçando a cobrir a tela com as mãos, para proteger meus rascunhos. Só à tardinha, quando ele e seus rapazes deixavam a agência, eu sentia confiança para tocar o trabalho. Pegava a esmo uma das vinte fitas cassete que o alemão deixara gravadas, ouvia vagamente sua voz, pousava os dedos no teclado, e eu era um homem louro e cor-de-rosa sete anos atrás, quando zarpei de Hamburgo e adentrei a baía de Guanabara. Eu nada sabia desta cidade, nem pretendia aprender o idioma nativo, fui enviado para pôr ordem na Companhia, e na Companhia só se falava alemão. Não contava conhecer Teresa, que me introduziu ao Chamego do Gambá, boteco onde se tomava cerveja e se cantavam

sambas a noite inteira. Ali me iniciei na língua em que me arrojo a escrever este livro de próprio punho, o que seria inimaginável sete anos atrás, quando zarpei de Hamburgo e adentrei a baía de Guanabara. Ao primeiro contato, o idioma, o clima, a alimentação, a cidade, as pessoas, tudo, tudo me pareceu tão absurdo e hostil que caí de cama, e ao me levantar dias mais tarde, vi horrorizado meu corpo pelado e meus pêlos soltos no lençol. Depois conheci Teresa e fui me enfronhando no país, fui ao boteco, fui à favela, fui ao futebol, à praia custei a ir porque tinha vergonha. Apagava as luzes para dormir com Teresa, mas ela me alisava o corpo inteiro, dizia que eu era gostoso e macio igual a uma cobra. Uma morena como Teresa seria inimaginável sete anos atrás, quando zarpei de Hamburgo. Teria casado com ela, na capela de uma ilha na baía de Guanabara, se ela não tivesse me trocado por um cozinheiro suíço, e foi então que fiquei todo careca, perdi até os pentelhos, os pêlos do sovaco, tudo, e o médico diagnosticou uma alopécia de fundo nervoso. Seria uma peladura temporária, mas não foi, e acabei me acostumando sem os pêlos, que não me faziam mais falta que Teresa, e mesmo sem Teresa acabei me acostumando. Esqueci Teresa como já tinha esquecido Hamburgo, e larguei a Companhia para fundar uma ONG, ou melhor, para catar mulher na praia, o que seria inimaginável sete anos atrás, quando adentrei a baía de Guanabara, e extasiado perdi todos os pêlos, mas esse meu texto estava viciado, patinava, não evoluía. Alguma coisa me atrapalhava, palavras bizarras me vinham à mente, eu esfolava os dedos no teclado e no fim da noite jogava o trabalho fora. Trôpego, chegava em casa e encontrava meu lugar na cama ocupado por uma criança gorda. Com a Vanda, aliás, eu nem abordava mais esse assunto, porque ela sempre tinha uma resposta para tudo. Além de enorme, o menino ia completar cinco anos e não falava nada, falava mamãe, babá, pipi, e a Vanda dizia que Aristóteles era mudo até os oito, não sei de onde ela tirou isso. E

pela madrugada ele pegou a mania de balbuciar coisas sem nexo, inventava sons irritantes, uns estalos nos cantos da boca; eu não tinha sossego nem na minha cama, me segurava, me mordia, finalmente estourei: cala a boca, pelo amor de Deus! Calou, e a Vanda saiu em sua defesa: ele está só te imitando. Imitando o quê? Imitando você, que deu para falar dormindo. Eu? Você. Eu? Você. Desde quando? Desde que chegou dessa viagem. Pronto. Descobri naquele instante que em meus sonhos eu falava húngaro.

A passagem por Budapeste se dissipara no meu cérebro. Quando a recordava, era como um rápido acidente, um fotograma que trepidasse na fita da memória. Um lance ilusório, talvez, que me dispensei de referir à Vanda ou a quem quer que

fosse. É verdade que a Vanda tampouco se preocupava em saber que grandes escritores eram esses que eu encontrava todo ano, em congressos que ninguém noticiava. Talvez se defendesse de fantasiar aventuras do marido mundo afora, poetisas, dramaturgas, antropólogas que me fizessem perder o juízo e o avião de volta. Portanto seria estúpido relatar, sem convicção, a uma Vanda que não queria ouvir, a minha madrugada solitária em Budapeste. E hoje aquela Budapeste estaria morta e sepultada, não fosse o menino levantá-la do meu sonho. Uma tentativa de se aproximar do pai, compreendi logo mais, que eu rechaçara com uma brutalidade inexplicável. As seis e meia em ponto das manhãs seguintes, quando mãe e filho acordavam com o despertador, me obriguei a também me pôr de pé. Passei a dedicar ao menino o tempo que me sobrava antes do trabalho, usado em geral para me espreguiçar, pensar na vida e ler jornais no banheiro. Agora, quando a Vanda saía para a televisão, eu ficava na copa tomando café com meu filho. Observando-o às voltas com sorvetes e coca-colas, procurava restaurar as feições perdidas em seu rosto flácido, e admiti que eram as de um menino muito bonito. Com a ponta do guardanapo, limpava-lhe a boca dos sucrilhos e encontrava os lábios carnudos da mãe, como da mãe eram seus olhos negros. Estive para afastar os cachos castanhos que lhe escondiam parte das faces, mas me reprimi a tempo, encabulado; havia em minhas mãos o gesto que acariciava as faces de Vanda. Durante mais de um mês esperei que ele repetisse as palavras do meu sonho, pois só assim me sentiria redimido. Fala, meu filho, eu quase implorava, segurando seus pulsos, mas nesse ponto ele desatava a chorar, chamava a mamãe, chamava a babá. E ao menos a babá compartilhava as minhas aflições pela afasia do menino. Disse ela que, quando era nova no emprego, já advertia dona Vanda: bebê que se vê refletido no espelho fica com a fala empatada. A Vanda não riu quando lhe transmiti o comentário, e garantiu que o menino, longe de mim, fazia grandes progressos; possessiva, queria dizer que minha assistência constante era capaz de sufocá-lo. Pelo sim, pelo não, voltei a remanchar nos lençóis até mais tarde. A idéia das palavras húngaras, porém, ainda me vinha atazanar na cama, no banheiro e sobretudo na agência, diante do computador, sua tela vazia cor de gelo. E

aconteceu de um dia o Álvaro invadir meu quartinho agitando um jornal: olha aí, cara, o teu gringo está virando estrela. Numa coluna de assuntos culturais, informava-se que Kaspar Krabbe, homem de negócios radicado no Rio, dava os últimos retoques em seu livro de memórias romanceadas. Levei um susto, pensei em ligar para o alemão, precisava lhe avisar que o trabalho estava um pouco atrasado, mas a minha vista escorregou para outra nota ao pé da página: o emérito poeta Kocsis Ferenc será homenageado esta noite em recepção no

consulado da Hungria.

Eu tinha preguiça de jantar fora, para festas ninguém me convidava, teatro me deixava nervoso, filmes novos, esperava que saíssem em vídeo, por isso a Vanda nem quis saber direito aonde iríamos quando lhe telefonei da agência; mandou a empregada passar meu terno cinzento e correu para o shopping. Em casa, ela se habituara a passear de T-shirt, shorts, bermudas, jeans, talvez o guarda-roupa de uma resignada, mas que aos meus olhos já virara a sua grife. Mesmo quando apresentava o noticiário na tevê, usava um figurino informal, caseiro. Não admira pois que o menino se espantasse ao vê-la surgir de paletó e saia pretos, salto agulha, colares, brincos, blush, batom e um coque com as pontas presas em gomos. Para apaziguar e adormecer o filho precisou se despir, lavar o rosto, soltar os cabelos, e levou outra hora e meia até se recompor e me encontrar na garagem. A caminho da praia do Flamengo improvisei elogios a Kocsis Ferenc, o grande intérprete da alma húngara, e citei os Tercetos Secretos como sua obra mais notável. Inventei na hora, esses tercetos, mas sem demora Vanda afirmou conhecêlos, tendo lido a respeito em suplemento literário. Acrescentou que o livro de Kocsis fora muito premiado, lançado num catatau de países, traduzido até em chinês, e era um deleite ouvi-la assim falando à toa, eu ria por dentro, eu sempre me vingava de gostar da Vanda. Ela ainda discorria sobre os Tercetos Secretos quando chegamos ao endereço do consulado, e ali não havia fotógrafos, nem seguranças, nem automóveis com placa do corpo diplomático, não havia um manobrista, não havia ninguém, em frente ao edifício havia um poste de luz, duas palmeiras miúdas e a vaga onde encostei o carro. Um vigia nos abriu o portão de ferro sem nada perguntar, e ao apertar o botão do elevador constatei um ligeiro tremor em minha mão. Chegando ao sexto andar, Vanda e eu nos entreolhamos; eu tinha preparado o espírito para o idioma de Budapeste mais ou menos como ela estava coberta de jóias. E nos víamos ali num pequeno hall de elevador, silencioso, iluminado apenas pela fresta da porta do apartamento 602. Mas assim que ousei empurrar a porta, o consulado explodiu em aplausos. Ato contínuo as cerca de cinqüenta pessoas no salão, que estavam em pé, voltadas para a janela, soltaram as costas, se remexeram, se viraram para os lados e começaram a falar umas com as outras. Era a sonoridade do idioma húngaro que se abria para mim ao passo que eu penetrava o salão. Vibravam as vozes húngaras ao meu redor, sem suspeitar que expunham a um intruso os seus segredos. E por ignorar os significados, com mais nitidez eu percebia as inflexões da língua; estava atento a cada reticência, a cada hesitação, à

frase interrompida, à palavra partida ao meio como fruta que eu pudesse espiar

por dentro. Absorto no centro da festa, tardei a me lembrar da Vanda, que eu abandonara na porta. E lá permanecia ela, entretida numa roda de senhoras que provavelmente a conheciam da televisão. Cheguei-me para ver o que tanto a divertia, mas era também em húngaro que lhe diziam coisas que ela aprovava balançando a cabeça. A Vanda era mesmo uma atração, num salão povoado por pessoas de meia-idade, todas um pouco assemelhadas, vestidas com semelhante singeleza, num ambiente de aniversário em família. Um senhor de terno cinzento igual ao meu, vai ver o próprio cônsul, circulava com uma garrafa de cristal bico-dejaca, servindo os convivas; topando a mim e à Vanda de mãos vazias, apressou-se em providenciar dois cálices de um licor muito doce, sabendo a damasco. Atrás dele vinha uma mulher de cabelos arroxeados com uma bandeja de pãezinhos. Os pães de abóbora, pensei, mas ela deu meia-volta, e a seu exemplo todo mundo emudeceu e se virou de novo para a janela. Ali se postava um homem longilíneo e meio encurvado, parecendo ser mais jovem do que aparentava, porque parecia um moço com ares de velho. Tinha cabelos muito finos que a brisa assoprava, com o Pão de Açúcar iluminado ao fundo, cor de abóbora. Só podia ser Kocsis Ferenc, um livro numa mão, um cálice na outra. Tratei de me aproximar do poeta, a Vanda comigo, pois ele falava baixo, numa voz muito grave, cava. Recitava um poema conhecido da platéia, que sussurrava com ele o bordão: egyetlen, érintetlen, lefordíthatatlan. Risonha, a Vanda alongou-se para alcançar meu ouvido e não acreditei que fosse se atrever a traduzir os versos. O Joaquinzinho, foi o que ela me cochichou, pois ao emitir aquelas três palavras, o poeta estalava de leve o dorso da língua, que nem nosso filho quando me imitava. O poema ganhava intensidade em coincidência com o vigor do vento na janela, que revirava o penteado do poeta e as páginas do livro. Mas Kocsis Ferenc já não consultava o livro para pronunciar palavras pungentes; seus olhos claros buscavam os olhos de cada espectador, inclusive os meus. Seus olhos azuis e injetados se fixaram enfim nos olhos negros da minha mulher. Fez uma pausa, bebeu o licor de um gole só e retomou a récita sem tirar os olhos da minha mulher. De esguelha eu a observava, a boca entreaberta, os cílios tremelicantes, o sangue subindo ao rosto, e havia uma lágrima em seu olho esquerdo quando o sujeito finalizou, enfático: egyetlen, érintetlen, lefordíthatatlan! Explodiu um aplauso geral, ato continuo as pessoas soltaram as costas, se remexeram e se viraram para os lados, exceto a Vanda, que, olhando para o húngaro, era como uma santa olhando para o alto em oração, as mãos ainda coladas do último aplauso. Precisei sacudi-la, puxei-a pelo braço, atravessamos o salão, saí com ela à francesa. Passando pela praia de Botafogo, a Vanda insinuou que eu tivera uma crise de ciúme, mas só ela não havia notado que o poeta era gay. Em Copacabana perguntei se queria parar num japonês e ela

ficou pensativa. Chovia em Ipanema, e com a mão na minha coxa ela disse que em casa tinha sopa de ervilhas. Beijei sua boca na garagem, a Vanda amoleceu, fingiu que dormia em pé no elevador, e por aí fomos.

Pelas manhãs, na ausência da Vanda, eu poderia receber clientes num canto da sala de visitas e adiantar meu serviço sem intromissões. Muitas vezes cogitei em carregar para casa o computador e os dicionários, mas era talvez o que faltava para o Álvaro me desligar da sociedade. Ele já reduzira bastante a minha cota, com certa razão; não lhe cabia arcar com os salários de uma dezena de redatores que, bem ou mal, se incumbiam de responsabilidades minhas. Mas com cinco por cento da Cunha & Costa, dizia ele, eu podia levar vida de nababo, almoçar em Paris e jantar em Nova Iorque, mergulhar no Caribe com minha mulher, dar voltas ao mundo até

ficar tonto. E eu estava pensando justamente nas próximas férias da Vanda, no dia em que o Álvaro irrompeu no quartinho com um telefone sem fio, falando mais alto que o habitual. Era a primeira vez que eu via um telefone celular e, distraído, quase me esqueci de tapar o monitor. Mas entre meus dedos ele deve ter enxergado um coração, ouros, um rei, um oito de espadas, a tela verde; havia tempo que eu só

ligava o computador para jogar paciência. Ele estava na linha com o alemão e se desculpava em meu nome pela palavra empenhada, pelo prazo estourado, pelo adiantamento esbanjado no exterior, pela irrisória multa contratual. Desligou e disse que, se eu não me importasse, ele terceirizaria o livro do alemão, pois acabara de contratar um rapaz que era gênio, e não sei se estava blefando ou se teve mesmo a intenção de me espezinhar. De qualquer modo naquele instante fechei o jogo, arregacei as mangas, pousei os dedos no teclado, zarpei de Hamburgo, adentrei a baía de Guanabara e preferi nem ouvir as fitas do alemão. Eu era um jovem louro e saudável quando adentrei a baía de Guanabara, errei pelas ruas do Rio de Janeiro e conheci Teresa. Ao ouvir cantar Teresa, caí de amores pelo seu idioma, e após três meses embatucado, senti que tinha a história do alemão na ponta dos dedos. A escrita me saía espontânea, num ritmo que não era o meu, e foi na batata da perna de Teresa que escrevi as primeiras palavras na língua nativa. No princípio ela até

gostou, ficou lisonjeada quando eu lhe disse que estava escrevendo um livro nela. Depois deu para ter ciúme, deu para me recusar seu corpo, disse que eu só a procurava a fim de escrever nela, e o livro já ia pelo sétimo capítulo quando ela

me abandonou. Sem ela, perdi o fio do novelo, voltei ao prefácio, meu conhecimento da língua regrediu, pensei até em largar tudo e ir embora para Hamburgo. Passava os dias catatônico diante de uma folha de papel em branco, eu tinha me viciado em Teresa. Experimentei escrever alguma coisa em mim mesmo, mas não era tão bom, então fui a Copacabana procurar as putas. Pagava para escrever nelas, e talvez lhes pagasse além do devido, pois elas simulavam orgasmos que me roubavam toda a concentração. Toquei na casa de Teresa, estava casada, chorei, ela me deu a mão, permitiu que eu escrevesse umas breves palavras enquanto o marido não vinha. Passei a assediar as estudantes, que às vezes me deixavam escrever nas suas blusas, depois na dobra do braço, onde sentiam cócegas, depois na saia, nas coxas. E elas mostravam esses escritos às colegas, que muito os apreciavam, e subiam ao meu apartamento e me pediam que escrevesse o livro na cara delas, no pescoço, depois despiam a blusa e me ofereciam os seios, a barriga e as costas. E

davam a ler meus escritos a novas colegas, que subiam ao meu apartamento e me imploravam para arrancar suas calcinhas, e o negro das minhas letras reluzia em suas nádegas rosadas. Moças entravam e saíam da minha vida, e meu livro se dispersava por aí, cada capítulo a voar para um lado. Foi quando apareceu aquela que se deitou em minha cama e me ensinou a escrever de trás para diante. Zelosa dos meus escritos, só ela os sabia ler, mirando-se no espelho, e de noite apagava o que de dia fora escrito, para que eu jamais cessasse de escrever meu livro nela. E

engravidou de mim, e na sua barriga o livro foi ganhando novas formas, e foram dias e noites sem pausa, sem comer um sanduíche, trancado no quartinho da agência, até que eu cunhasse, no limite das forças, a frase final: e a mulher amada, cujo leite eu já sorvera, me fez beber da água com que havia lavado sua blusa. Voltei ao princípio do texto no computador, e a revisão de um livro era para mim um tempo de extremo apego. Logo, logo, ele teria novo autor, e abrir mão de um livro pronto e acabado era sempre doloroso, mesmo para um profissional calejado como eu. Mas o livro do alemão, talvez por ter sido escrito assim num jorro, eu nem conseguia desfrutá-lo, as palavras me escapavam à vista. Palavras recém-escritas, com a mesma rapidez com que haviam sido escritas, iam deixando de me pertencer. Eu via minhas palavras soltas na tela e, horrorizado, imaginava que elas me abandonavam como o alemão perdia pêlos. Imprimi o livro, folheei-o pela última vez, e por ter a sensação de que era meu livro derradeiro, já não o queria vender por dinheiro algum. Cheguei a guardar os originais na gaveta, tranquei-a, depois pensei na cara do Álvaro, abri a gaveta.

Enfiei o maço num envelope pardo, escrevi na etiqueta, à

mão, o título O Ginógrafo, e as letras saíram pálidas, parecia que ali se esgotava minha própria tinta. Atravessei a sala dos rapazes, e foi tamanho o silêncio deles que julguei escutar um ruído de olhos a me seguir. Entrei sem bater na sala do Álvaro e atirei na sua mesa o envelope com o livro de duzentas páginas, mas ele estava ao telefone e não prestou muita atenção. Desci à avenida Atlântica, chuviscava, a praia estava deserta, as águas escuras e crespas. Busquei abrigo num quiosque, e me perguntei se algum dia saberia viver longe do mar, em cidade que não terminasse assim num acidente, mas agonizando para todos os lados. Depois de um tempo fitando a arrebentação das ondas e a linha da água a progredir na areia, senti o corpo descair de leve para a frente; era como se em vez de subir a maré, o continente adernasse. Enfiei-me no bairro, entrei às pressas numa farmácia e cumprimentei a balconista, mas fui-me embora sem saber por que tinha entrado. Pedi um chope no bar da esquina, vi uma agência de viagens logo em frente, larguei o chope, cruzei a rua e comprei duas passagens para Budapeste.

A Vanda trouxe o menino até o elevador para convencê-lo de que eu iria embora sozinho, com cinco malas grandes e duas de mão. Sentado no táxi, esperei os quarenta minutos que ela necessitou para acabar de enganar a criança na cama. Fomos os dois em silêncio até o aeroporto, onde a funcionária lhe pediu um autógrafo e relevou o excesso de bagagem. Na sala vip, pedi duas taças de champanhe, falamos tintim e nada mais. Quando o alto-falante anunciou o vôo para Londres, creio ter visto uma ligeira contração nos seus lábios, mas a Vanda se levantou depressa, deu-me um beijo na cabeça e desapareceu puxando a mala de rodinhas. Pedi outro champanhe e folheei uma revista cheia de rostos que me pareciam fora de foco. Na minha mente ainda era nítida a expressão da Vanda, ao abrir a passagem que eu lhe entregara numa carteira de camurça, envolta em papel de seda: Budapeste?, e o que tem para fazer em Budapeste? Era difícil responder, olhar o Danúbio?, tomar licores?, ouvir poetas? A Vanda queria aprimorar o inglês, assistir aos musicais, além do mais sua irmã gêmea, a Vanessa, estava em Londres, as duas poderiam passear no Soho, jogar tênis, em Budapeste ela não conhecia ninguém, tem loja de departamentos em Budapeste? Não sei, deve ter confeitarias, excelentes museus. Budapeste?, nem pensar! Passou na agência e alterou seu bilhete, como quem dá um pulo na butique para trocar um presente de tamanho errado. Eu poderia até ficar magoado, mas não deu tempo, ela se magoou antes de mim, disse que desde a lua-de-mel era a primeira vez que eu me negava a acompanhá-la em suas férias. Calou-se dias e

noites a partir de então, querendo me fazer sentir remorsos pela atitude dela. E agora, ao atender à última chamada para Paris, minha conexão, tive um pouco de pena da Vanda, que sobrevoando sozinha o oceano Atlântico talvez refletisse no quanto fora injusta. Naquele momento talvez se mortificasse por não estar de mãos dadas comigo, levantando vôo para Budapeste. Ignorava que para Budapeste, no fundo, penso que não a convidaria, se não estivesse seguro de que voaria só.

Eu nunca tinha visto

Kriska se despiu inesperadamente, e eu nunca tinha visto corpo tão branco em minha vida. Era tão branca toda a sua pele que eu não saberia como pegá-la, onde instalar as minhas mãos. Branca, branca, branca, eu dizia, bela, bela, bela, era pobre o meu vocabulário. Depois de contemplá-la um tanto, desejei apenas roçar seus seios, seus pequenos mamilos rosados, mas eu ainda não tinha aprendido a pedir as coisas. Nem ousaria dar um passo sem o seu consentimento, sendo Kriska uma amante da disciplina. Nas primeiras aulas me fazia passar sede, porque eu falava água, água, água, água, sem acertar a prosódia. Os pães de abóbora, um dia trouxe à sala uma fornada deles, passou-os fumegantes sob o meu nariz e jogou tudo fora, porque eu não soube denominá-los. Mas antes de fixar e de pronunciar direito as palavras de um idioma, é claro que a gente já começa a distingui-las, capta seu sentido: mesa, café, telefone, distraída, amarelo, suspirar, espaguete à

bolonhesa, janela, peteca, alegria, um, dois, três, nove, dez, música, vinho, vestido de algodão, cócegas, maluco, e um dia descobri que Kriska gostava de ser beijada no cangote. Aí ela tirou pela cabeça o vestido tipo maria-mijona, não tinha nada por baixo, e fiquei desnorteado com tamanha brancura. Por um segundo imaginei que ela não fosse uma mulher para se tocar aqui ou ali, mas que me desafiasse a tocar de uma só vez a pele inteira. Até receei que naquele segundo ela dissesse: me possui, me faz o amor, me come, me fode, me estraçalha, como será que as húngaras dizem essas coisas? Mas ela ficou quieta, o olhar perdido, não sei se comovida pelo meu olhar passeando no seu corpo, ou pelo meu falar pausado no idioma dela, branca, bela, bela, branca, branca, bela, branca. E eu também me comovia, sabendo que em breve conheceria suas intimidades e, com igual ou maior volúpia, o nome delas.

As aulas noturnas de Kriska às vezes avançavam pela madrugada, e de sua casa eu saía direto para o hotel. A caminho do hotel, ou mesmo no meio da lição, ou

ao despertar, ou em vez de dormir, volta e meia eu me perguntava o que estaria fazendo a Vanda àquela hora em Londres. Sabia que ela é mulher de acordar cedo para as excursões, de fazer amigos, de filmar estátuas, almoçar em pé, entrar em fila, subir escadarias, quando viajávamos juntos era normal só nos encontrarmos na hora do jantar. Não poderia criticá-la; eu mesmo já vi por alto tantas cidades que hoje sou capaz de confundi-las todas. Custei a aprender que para conhecer uma cidade, melhor que percorrê-la em ônibus de dois andares é se fechar num aposento dentro dela. Não é fácil, e eu sabia que entrar em Budapeste não seria fácil. Já no aeroporto tive de resistir às facilidades que se oferecem a um recém-chegado, as moças das agências de turismo, os táxis que me esperavam de portas abertas: sir, signore, monsieur, mister. Confiei a mala a um profissional mais discreto e permanecemos um minuto em silêncio dentro do carro. Arrisquei enfim, Hotel Plaza, foi o que me ocorreu, porque em qualquer cidade do mundo existe um hotel com esse nome. Iô iô, o motorista disse, e me guiou por uns subúrbios embaçados, seus postes esparsos com lâmpadas a vapor de mercúrio. Eu estava bastante cansado, meus olhos ardiam, cochilei, e de repente trafegávamos numa cidade tão iluminada que dela não se enxergavam as fachadas, as esquinas, os espaços, mas somente as luzes. Um desses letreiros era do Hotel Plaza, que como a maioria dos hotéis Plaza não ficava em praça alguma, mas numa ladeira. Sorry, désolé, não encontravam minha reserva mas me fiz de desentendido, continuei tamborilando no balcão, e acabaram por me instalar num quarto com varanda. Saí na rua, e era uma ladeira cheia de restaurantes e casas de espetáculos típicos: buona sera, bienvenue, the real goulash, the crazy czardas, se habla espaniol etc. Caminhei rua acima, onde ela ganhava ares de bairro residencial, arborizada, tranqüila, com sobrados de cantaria do século XIX. Já havia subido sete quadras quando ouvi uns lamentos, como gemidos de mulher rouca e de homem ferido, e tive a impressão de ver um casal enroscado atrás de um álamo. Parei, julguei conveniente descer de volta ao hotel, mas uma menina loura se destacou da árvore e me interpelou. Parecia me pedir algo, talvez um cigarro, e ser abordado em húngaro me deixou besta, honrado mesmo. Eu não tinha cigarros, deixara de fumar havia um ano, mas sem refletir respondi: iô iô. A lourinha girou o corpo, fazendo esvoaçar seu saiote, e com grande animação falou qualquer coisa para a árvore, de onde saiu um rapaz de braços fortes, sem camisa, com um colete cáqui cheio de bolsos, desses de fotógrafo. Ela com uma braçada, ele cabeceando o ar, me acenaram para acompanhá-los numa transversal à esquerda. Segui-os um pouco temeroso porque poderia perder minha referência, deixando a rua do hotel. Mas nosso destino estava cem metros adiante, uma casa pequena com um neon roxo em feitio de letra de mão: The Asshole.

Bar de nome inglês, com decoração de pub inglês, caixas de som tocando rock and roll inglês, logo imaginei que o The Asshole fosse freqüentado exclusivamente por húngaros. Mas na sua semi-escuridão a jovem clientela não me discriminou, nem por forasteiro nem por beirar os quarenta e me ralearem os cabelos. Ocupamos uma minúscula mesa redonda, eu, a lourinha de saiote rosa que parecia menor de idade e o namorado fotógrafo, de trinta anos no máximo. Uma garçonete apareceu sem ser solicitada, trocou três beijinhos com cada um deles e serviu três taças de aguardente. Quedou de pé ao meu lado balançando um saco de moedas, a coxa nua com celulite prensada contra a borda da mesa, e então compreendi que fora convidado para financiar uma noitada no bar. Desembolsei de bom grado meus forintes, pagando essa e mais dez ou doze rodadas da aguardente que não consegui identificar, porque gelada demais e cheirando a álcool puro. Vieram também algumas latas de cerveja, que a lourinha bebia dançando entre as mesas, esbarrando nas mesas, caindo no colo das pessoas. Não satisfeita, pegou a requebrar na minha frente, enquanto o namorado fumava charuto olhando para o teto, e todo mundo fazia comentários aos berros por causa do volume da música. A lourinha era abusada, me apontava às gargalhadas e gritava para o fotógrafo: é bom saber que eu vou para a cama com esse cara, ou: comigo na cama esse cara vai saber o que é bom, ou: saiba que eu vou é com esse cara bom de cama, ou coisa que o valha; eu já me considerava prestes a dominar a língua húngara, quando falada alto e bom som. Esse cara na cama podia ser seu padrasto, foi o que entendi o fotógrafo dizer a ela, após entortar a boca e me indicar com o queixo. Em seguida espezinhou o charuto, ergueu-se, colocou-se defronte dela e era o dobro dela, poderia desmontá-la com um tapa mole. Agarrou-a pelos quadris, lançou-a nas alturas, aparou-a com um braço só, largou-a rodopiando no salão, a calcinha vermelha à mostra, depois pulou para cima da mesa, trançou as pernas e as escancarou no ar em linha horizontal. Era um tipo elástico, passava a bota rente ao rabo-de-cavalo da garçonete e o bar em peso marcava com palmas o ritmo do rock and roll. A lourinha tentava copiá-lo desengonçadamente, o povo achava graça, e ponderei que era hora de me retirar. Pisei em falso ao me levantar e alcancei a porta de modo precipitado, porque o tronco estava mais veloz que as pernas. Aspirei o ar da madrugada, saí à direita, hesitei, retornei, e ali estava de novo o casal, a me fazer sinais diante do The Asshole.

Ofereciam-se para me ensinar o caminho de volta, iô iô, carecia mesmo de uma orientação. Saíram andando na minha frente, ela igual a uma criança pendurada no braço dele, e senti ternura vendo aquela cena, me lembrava um filme que esqueci. Pararam junto de uma árvore, era o álamo onde os encontrara, e me

despedi com um aceno discreto, pensando que queriam namorar de novo. Mas emparelharam comigo ladeira abaixo numa cortesia desnecessária, pois eu já sabia que estava a sete quadras do hotel. Entraram no hotel atrás de mim, se esquivaram no lobby enquanto eu pegava a chave e me alcançaram no elevador. Mal abri o quarto, o fotógrafo se instalou na minha cama e acendeu um cachimbo fino. E a lourinha me conduziu à varanda, de onde se avistava Budapeste de ponta a ponta. Nascia um dia nebuloso e a cidade era cinzenta; engraçado que eu imaginava Budapeste amarela, mas era toda cinzenta, os edifícios, os parques, até o Danúbio que a cortava em forma de ípsilon, bifurcando-se no alto. A lourinha tomou minha mão, estudou-a, suspirou, riscava minha palma com a unha e suspirava. Levou-a depois a seu peito para me fazer sentir como o coração batia forte. E pela mão me dirigiu de volta ao quarto, onde vi o fotógrafo de cabeça baixa, sentado na ponta da cama, balançando a munheca. Achei desagradável ele se masturbar na minha cama, mas não, era o tambor de um revólver que ele rolava entre as pernas. Indicou-me uma cadeira à sua frente, enquanto a lourinha se sentava no chão, sobre as pernas. Na mesa-de-cabeceira havia cinco balas, que ele foi guardando num bolso do colete, contando de um a cinco com dicção minuciosa, unu, doi, trei, patru, tchintche. Olhou para o teto, assobiou uma melodia, de repente levou o revólver ao ouvido esquerdo, como se atendesse a um telefonema urgente. Fez uma careta, ela encolheu os ombros, ele apertou o gatilho, ouviu-se um clique. Pigarreou, deitou a arma no chão e seguiu-se um longo silêncio; não havia passarinhos em Budapeste, nem um galo ao longe, um cão, decidi rir mas o riso saiu metálico. A lourinha empunhou a coronha, também ela era canhota, e com a destra fez o sinal da cruz. Enfiou o cano dentro do ouvido, o revólver era enorme na mão dela, pensei que seu indicador nem alcançaria o gatilho, alcançou. Ainda futucou o ouvido com o cano, como se procurasse o encaixe mais profundo, o caminho mais curto para a bala, disparou, e nada, clique. Olhou-me entre os olhos, um nadinha estrábica, alojou o revólver na minha mão, era a primeira vez que eu segurava uma arma de fogo. Abri a boca, a lourinha me piscou um olho, colei o cano no céu da boca, não tive medo. Puxei o gatilho e só depois do clique o medo veio, o cano desatou a bater entre meus dentes, a coronha se grudou na minha mão, a mão enrijeceu, pousei o revólver na mesa-de-cabeceira mas não o consegui soltar, e ele repenicava na madeira que nem castanholas. Afinal a mão afrouxou, se relaxaram os músculos do corpo inteiro, senti o cansaço daquela noite, mais a noite passada no avião, mais as noites anteriores na cama com a Vanda, o menino me dando pontapés. As pálpebras cederam, senti o peso de todas as minhas noites de insônia superpostas.

Abri os olhos num sobressalto e vi o fotógrafo outra vez com o revólver na mão, que estava trêmula; por um instante acreditei que não fosse a mão, mas o revólver a tremer ainda com meu tremor. Chegou-o à cabeça, tornou a baixá-lo, examinou, chacoalhou, abandonou-o no carpete, e para mim estava ótimo, passara a bebedeira e o tempo de bravatas. Já me dispunha a lhe dar um abraço, beijar a mão da lourinha, acompanhá-los até a porta, encher os bolsos dele com as garrafinhas do frigobar, quando o vi empurrando a arma com a ponta do pé, na minha direção. Deve ter descoberto que eu não falava húngaro, pois com muita ênfase repetia uns gestos semicirculares. Queria dizer que a roleta-russa tinha girado no sentido horário e agora deveria reverter o giro, a começar por mim. Estava roubando, estava inventando uma regra absurda, eu queria protestar, mas nem sequer sabia dizer não em húngaro. Quem me socorreu foi a lourinha, que tomou o revólver, tentou socá-lo de volta na mão do namorado, e aí ele a chamou de vaca. Falou vaca com todas as letras, como nós latinos falamos vaca desde a Roma antiga, e concluí que o farsante também não falava húngaro coisa nenhuma. Era romeno, usava um medalhão de bronze no peito, uma argola na orelha, um anel em cada dedo, era um cigano romeno, e teve razão a lourinha em lhe dizer: sinto asco do teu espetáculo grotesco, ao menos foi isso o que escutei. E a fim de vexá-lo, voltou a arma contra a própria testa e atirou, sem pestanejar. Não havia bala, bem feito, ao cigano não restava alternativa; recolheu o revólver, apontou-o contra a têmpora, e quando o balaço lhe arrombasse os ossos, calculei que a massa encefálica espirraria no cabelo da lourinha, ia ser nojento. Ia ser asqueroso, mas eu não conseguia deixar de olhar, e vi como se fechavam as dobradiças do seu dedo no gatilho, cheguei a ouvir ranger a mola do gatilho, e clique. Neca, não morreu, jogou o revólver no meu colo, mostrou os dentes de ouro para a lourinha, em seguida ambos me encararam. E assim ficou evidente que por alguma artimanha, com alguma prestidigitação cigana, eles tinham reservado para mim a bala do tambor. Estavam de olho no meu dinheiro, desde o início, organizavam minha morte. E seria uma morte tão oportuna para eles quanto inglória para mim, o suicídio de um turista alcoolizado em Budapeste. Levantei-me com a arma em riste e saí andando para trás, pois não daria as costas a uma gentalha tão sinistra. Ergueram-se os dois ao mesmo tempo, me acuaram em torno do quarto, e se por um lado ele ostentava músculos, punhos, anéis cortantes, por outro a cara dela era mais assassina. Prognata, vinha empertigada e dilatando as ventas, com a arrogância invertida dos baixinhos, e por mais que eu mirasse na fuça de um e de outro, eles não reduziam o passo. Foi quando comecei a duvidar de que aquele jogo fosse a valer porque, a não ser no cinema, ninguém avança de peito aberto contra uma arma carregada. E ao dar com os calcanhares na parede meti o cano na minha boca, fazendo com que me

respeitassem. Frearam a meia distância e dessa feita o tempo era meu, eu me encontrava numa condição de artista. Desviei o revólver para o ouvido, para o coração, para um olho e outro, fiquei passando a ponta do cano feito um batom nos lábios, até o engolir novamente, determinado a encerrar a brincadeira. Engatilhei, ela encolheu os ombros, ele fez uma careta, então senti um gosto esquisito. Senti no paladar que a arma tinha chumbo, ela já

desprendia chumbo na minha língua, e agora era tarde, eu não podia me deter. Só

me restava premer o gatilho aos poucos, na esperança de que a bala saísse devagar, mas no entretempo alguém bateu na porta do quarto. Seguiu-se um tumulto no corredor, gritaria, pancadaria de portas, passos de gente pesada. Os ciganos se retraíram, do que me aproveitei para arremessar o revólver contra a parede oposta, a fim de ver se ele descarregava com o choque. Mas o que se ouviu foi um ribombo de sinos sobre nossas cabeças, puseram-se a badalar todos os sinos de Budapeste. Abri a porta, passava um bando de dinamarqueses de bermudas, juntei-me a eles. Enfiei-me à força no elevador abarrotado, no térreo topei com os ciganos descendo às carreiras o último lance de escada. Fingi desconhecê-los e me dirigi à calçada do hotel, onde mais dinamarqueses se aglomeravam ao lado de um ônibus e o cicerone distribuía folhetos turísticos. Já

estava com um pé no ônibus, quando vi o casal se distanciando no alto da ladeira, ela pendurada no braço dele, meio manca.

Desisti da excursão, subi ao quarto, me estirei na cama e abri o folheto, que era um mapa ilustrado da cidade, as ruas brancas sobre fundo bege, os jardins em matizes de verde e o Danúbio azul. À margem leste, Pest, a oeste, Buda, onde o Hotel Plaza estava assinalado com uma seta vermelha. Não havia o nome das ruas, e a rua do hotel era uma longa linha reta que subia do rio até sair do mapa. Se optasse por uma transversal, eu estava a três dedos do centro histórico de Buda, um arruamento irregular dotado de outras setas, e círculos de várias cores, e cruzes representando igrejas, e asteriscos remetendo a um índice com explicações em inglês. Mas eu não buscava explicações, pretendia passear os olhos com calma naquele urbanismo. E

ao longo do dia, esquadrinhei ruas e becos de Buda, andei com desenvoltura por cima de sua muralha, entrei pelas paredes do castelo medieval. Não me aborrecia caminhar assim num mapa, talvez porque sempre tive a vaga sensação de ser eu também o mapa de uma pessoa. Só larguei o passatempo para ver uns homens a

se esgoelar na televisão, num debate político que, mesmo morto de sono, acompanhei até o fim, sem som. Tinha cortado o som pouco depois de ligar o aparelho, pois escutar uma língua tão estranha já começava a me perturbar. Pensei que durante o sono aquela língua invadiria minha cabeça combalida, pensei que ao despertar, me surpreenderia falando uma língua estranha. Imaginei que no dia seguinte sairia pela cidade estranha falando uma língua que todos entenderiam, menos eu. Fez-se tarde, desliguei a tevê, liguei a tevê, aumentei o som, tornei a cortá-lo, apaguei e acendi o abajur, solicitei travesseiros, sanduíches, e ao ver no telejornal das três a apresentadora húngara abrindo e fechando a boca, me lembrei da Vanda. Telefonei para o Plaza de Londres, por julgar que ela poderia estar estatelada na cama como eu, comendo um misto-frio, vendo um noticiário lá na BBC. Adoraria ouvi-la falar disparates sobre os últimos acontecimentos, pois ela não conhecia do inglês muito mais que eu do húngaro. Mas foi até bom não encontrá-la; a Vanda saberia que eu telefonava para nada, telefonava tão-somente para escutar sua voz. Mesmo assim, logo liguei de novo, em vão, ela na certa saíra com a irmã; deixei nome e número com a telefonista, fiquei mais um tempo pensando na minha mulher, achei que não ia dormir nunca mais na vida, tomei um sonífero. Acordei com a claridade no quarto, com os sinos dando as seis, com a televisão ligada no jornal, e demorei a entender que apresentadora muda era aquela cheia de pancake, que tantos travesseiros balofos eram aqueles, eu não saberia dizer se dormira três ou vinte e sete horas. Voltei a ligar para a Vanda, mas ela ainda não tinha chegado ao hotel, o que de alguma forma foi uma bênção; ao detectar alguma indecisão em minha voz, na certa iria tripudiar: Budapeste... eu não falei?

Cheguei à janela, contemplei a cidade e voltei para a cama, seria capaz de recair no sono até o dia seguinte. Então me lembrei do mapa, busquei a seta vermelha do hotel, eu estava a um palmo da outra banda do rio. Pelo montante de setas, cruzes, asteriscos, círculos amarelos, triângulos azuis, deduzi que Pest era mais animada que Buda. Ali estavam os principais hotéis e restaurantes, teatros, cinemas, butiques, shopping centers, e numa rua de intenso comércio notei uma série de aviõezinhos verdes que, segundo o índice, correspondiam a companhias aéreas. Alguma hora eu teria de marcar a viagem de volta, pois meu bilhete estava em aberto. Pagando uma pequena diferença, poderia com certeza desdobrá-lo, passar por exemplo um fim de semana em Londres. Poderia até embarcar naquela noite, se calhasse, visto que Buda eu já conhecia de cor, e para Pest tinha um dia inteiro. Saltei da cama, desci pelas escadas, encontrei um dia radiante, um ônibus despejava dinamarqueses no hotel. Cheguei ao Danúbio tão depressa que olhei meus pés, para me assegurar de andar com eles e não com o

pensamento. Vi passarem alguns minutos de Danúbio, verde-musgo e bem mais largo do que aparentava no mapa. Atravessei a ponte pênsil em ritmo de jogging, dei numa praça grande com uma estátua no meio, admirei rapidamente as fachadas neoclássicas, os balcões art nouveau, os arcos bizantinos, na terceira esquina respirei tabaco, chocolate, cebola, virei à direita, passei pela Kodak, pela Benetton, pela C&A, cortei caminho por uma galeria, virei à esquerda, Lufthansa, American Airlines, Alitalia, a agência da Air France ainda estava fechada. Postei-me defronte da porta, para garantir prioridade no atendimento, e as pessoas cruzavam pelas minhas costas falando frases sem pé nem cabeça. Esperei, esperei, anoiteceu, e então atinei que tinha acordado às seis da tarde. Tentei refazer meu itinerário a contrapelo, mas me confundi com as luzes de bares, discotecas, pizzarias que na minha vinda não estavam ali. Começou a chover, táxis passavam lotados, encontrei uma livraria aberta, entrei; se amanhã deixasse o país sem conseguir juntar duas palavras, levaria um dicionário como suvenir. Cheguei a uma prateleira repleta de grossos volumes, corri os olhos pelos títulos húngaros em seus dorsos e tive a visão de uma biblioteca deveras desorganizada, caótica. Depois observei melhor, e as capas estavam todas alinhadas, as letras é que pareciam fora de ordem. Por isso me chamou a atenção o livro mais modesto, mas com um título legível: Hungarian in 100

Lessons. Numa folheada entrevi alguns exercícios de conversação: este trem vai para a Bulgária? minha esposa é vegetariana; quanto mede o velho obelisco?; preciso comprar candelabros baratos; onde mora aquele soldado? Então percebi a moça alta com uma mochila nas costas que olhava o livro em minhas mãos e abanava a cabeça. Pensei tratar-se de uma fiscal da casa, e que fosse proibido aos fregueses manusear a mercadoria. De pronto lhe estendi o livro, que ela agadanhou e jogou de qualquer jeito no fundo de uma prateleira. A rispidez do gesto, presumi que fosse uma característica dos hunos, como as maçãs do rosto dela, um tanto salientes, ou os lábios que julguei cruéis, porque sem muita polpa. E quando ela afirmou que a língua magiar não se aprende nos livros, fiquei pasmo, porque a sentença me soou perfeitamente inteligível. Ainda me perguntei se ela teria se expressado em português, ou em inglês, ou mesmo em romeno, mas tanto era em húngaro que não distingui uma só palavra. E contudo não me restava dúvida, ela afirmara que a língua magiar não se aprende nos livros. Talvez a moça tivesse um modo de cantar a língua que, mesmo sem compreender, eu pegasse de ouvido. Talvez apenas pela entonação, eu entendesse o que ela queria dizer. Ou talvez por entender a música, adivinhar a letra me parecesse fácil. Portanto quedei na expectativa de novas palavras, mas ela tomou impulso e partiu realmente como uma flecha, sua cabeça sobrevoando

as estantes centrais da livraria. Saiu, estacou sob a marquise para espreitar o finzinho da chuva, e só ao alcançá-la reparei que ela usava patins. Pus-me a seu lado e, sem saber como me manifestar, tirei casualmente o mapa do bolso e murmurei: Hotel Plaza. Arrancou-o da minha mão, e pensei que o fosse atirar num bueiro, pois Budapeste tampouco se aprenderia nos mapas. Mas ela o desdobrou, analisou: Plaza... Plaza... Plaza... Plaza... iô. E a caminho do hotel tive minha primeira e peripatética aula de húngaro, que consistiu em ela dar nome às coisas que eu apontava: rua, patins, gota d'água, poça, noite, pizzaria, discoteca, bar, galeria, vitrine, roupa, fotografia, esquina, mercado, bombom, tabacaria, arco bizantino, balcão art nouveau, fachada neoclássica, estátua, praça, ponte pênsil, rio, verde-musgo, ladeira, portaria, lobby, cafeteria, água mineral e Kriska.

Vinha Kriska toda falante, os passos dos patins retinindo na calçada, os lampejos de letreiros e faróis na cara, mas nem bem nos sentamos à luz chapada da cafeteria do hotel, acendeu um cigarro e emudeceu. Pudera, aquele era um recinto tão vazio e despojado que depois de apontar as paredes lisas, a mesa de vidro, a cadeira de metal, o garçom de branco, a garrafa, o copo, o cinzeiro, o isqueiro, o fogo e o cigarro de marca Fecske, sendo fecske a andorinha impressa no maço, fiquei sem assunto para puxar. E uma boa meia hora permanecemos assim, olhando as cinzas no cinzeiro, porque eu não tinha como apontar as coisas que me passavam pela cabeça, minha mulher em Londres, as meninas de patins em Ipanema, a risada fina do meu sócio, o olho azul do meu cliente sem pestanas, o homem que escrevia em mulheres, os escritores anônimos em Istambul, as meninas de patins em Ipanema, minha mulher em Londres. Mas duas pessoas não se equilibram muito tempo lado a lado, cada qual com seu silêncio; um dos silêncios acaba sugando o outro, e foi quando me voltei para ela, que de mim não se apercebia. Segui observando seu silêncio, decerto mais profundo que o meu, e de algum modo mais silencioso. E

assim permanecemos outra meia hora, ela dentro de si e eu imerso no silêncio dela, tentando ler seus pensamentos depressa, antes que virassem palavras húngaras. Aí

ela se sacudiu inteira, como num calafrio, fazendo a mochila escorregar pelas costas, e buscou um cartão de visita, que rabiscou a lápis e me entregou. E

levantou-se e foi-se embora sem se despedir, deslizando de patins no tapete. Acho que me apeguei àquele silêncio, e a fim de prolongá-lo me recolhi ao quarto, onde passei o resto da noite olhando para o teto. Tive um pouco de fome, mas não liguei para a copa, na Vanda também pensei um pouco, mas não liguei para Londres. Ao ouvir os sinos da manhã, as portas batendo, bandejas tombando, vidros se espatifando e camareiras discutindo no corredor peguei no sono. E dormi doze horas de um sono só, porque agora eu tinha um pensamento simples. O meu pensamento era um cartão de visita na mesa-de-cabeceira, impresso com o nome dela, Fülemüle Krisztina, e o endereço, Tóth utca, 84,17, Ujpest, mais a anotação do horário das aulas, 20h00 — 22h00, e de uma quantia, forintes 3000, que como diária me pareceu razoável.

Com grande antecedência tomei um táxi, que me deixou na rua Toth, 84, em vinte minutos. Deixei passar outros quarenta, parado em frente ao portão elétrico, para me anunciar no interfone: José Costa. Era uma vila de casas geminadas, e Kriska me aguardava na soleira do número 17 sem os patins, ela era quase pequena e menos menina. Falou Zsoze Kósta... Zsoze Kósta... me olhando de alto a baixo, como se meu nome fosse um traje inadequado. Deixei que falasse Zsoze Kósta até

se habituar e não corrigi sua pronúncia, muito menos caçoei de Kriska, antes, dei-lhe razão e passei a me conhecer por Zsoze Kósta em Budapeste. Logo ela abandonaria o Zsoze e me chamaria de Kósta, julgando ser esse meu nome de batismo, que para os húngaros sucede ao sobrenome. E se fazia chamar de Kriska, como todas as Cristinas húngaras, Kriska e nada mais. Penso que cedo dispensamos certas formalidades por eu visitá-la no começo da noite, pegando-as descompostas, ela e a casa. Muitas vezes, para nos abrir espaço na mesa de estudos, ela amontoava no canto oposto a toalha e as louças do jantar recémterminado. Também às pressas prendia os cabelos com um elástico no alto da cabeça, e assim como alguns fios lhe caíam no rosto, pela mesa sempre sobravam umas migalhas. Sem falar que dia sim, dia não, o filho dela rondava por ali, mexia nas coisas, ria da minha cara, não sossegava enquanto Kriska não o despachasse para a cama. Divertia-se, Pisti, ao ver um homem grande olhando figuras em álbuns coloridos, um homem gago aprendendo a falar guarda-chuva, gaiola, orelha, bicicleta. Kêrekport, kêrekpart, kerékpár, mil vezes Kriska me

fazia repetir cada palavra, sílaba a sílaba, porém meu empenho em imitá-la resultava quando muito num linguajar feminino, não húngaro. E era escusado ela perder a paciência, morder a língua, derramar o café, acender cigarros pelo filtro, eu tinha autocrítica; nos primeiros dias estive mesmo persuadido de que, além de voltar a fumar, nada assimilaria de suas lições. As aulas me exauriam, ao cabo de duas horas minha testa latejava, mas nem por isso eu tinha vontade de voltar para o hotel. Kriska também não me apressava; depois de guardar os álbuns na mochila , costumava me servir uma taça de licor de damasco e tratava das tarefas domésticas como se eu não existisse, ou fosse da casa, o que dá no mesmo. Levava os pratos para a cozinha, acionava a lava-louças, batia a toalha na janela, circulava pela sala com a cabeça torta, o telefone sem fio prensado contra o ombro. Enchia minha taça sem me olhar, ligava o som baixinho, ia cobrir o filho e voltava cantando, fechava as venezianas e cantava, ajeitava o cabelo e cantava. Desconfio que o tempo inteiro estava se mostrando, como nos álbuns me mostrava estrelas e cavalos, mas olhando Kriska em movimento eu aprendia mais.

Para ajustar o ouvido ao novo idioma, era preciso renegar todos os outros. Segui a recomendação de Kriska, exceto por meia dúzia de palavras em inglês, sem as quais não teria roupa lavada nem um prato de sopa no quarto do hotel. Deliberei por via das dúvidas jamais atender ao telefone, que aliás nunca tocou, e ainda renunciei a rádio e televisão, cuja programação local, segundo Kriska, andava infestada de termos estrangeiros. Assim, depois de um mês em Budapeste, já me soava quase familiar a cadência das palavras húngaras, com a tônica sempre na primeira sílaba, mais ou menos como um francês de trás para diante. Um mês em Budapeste, na verdade, significava um mês com Kriska, porque sem ela eu evitava me aventurar na cidade; receava perder, no vozerio da cidade, o fio de um idioma que vislumbrava apenas pela sua voz. Passava os dias dentro do quarto, a olhar o relógio de cabeceira e não ver a hora de seguir para a casa dela, até que ela me consentiu encontrá-la à saída do trabalho. E comecei a esperá-la diariamente às cinco da tarde no portão do Instituto, que não era um internato onde ela alfabetizava crianças, como sua mímica me dera a entender, mas um manicômio onde contava histórias para os internos. Ela trazia a mochila às costas, e se me desse os patins atados para pendurar no pescoço, era sinal de que flanaríamos pelas ruas de Pest e margearíamos o Danúbio a caminho de sua casa. Já no dia seguinte ela saía patinando em disparada, e não me incomodava correr três quilômetros para alcançála na escola de Pisti. Mas com a chegada do outono as chuvas recrudesceram e ela deixou de lado os patins. Então, se dia par nos sentávamos num café, onde ela repassava lições e me fazia questionários, dia

ímpar tomávamos o metrô para buscar Pisti e jantar em casa. Num destes dias, tendo Kriska colada em meu peito no vagão lotado, sem que ela me perguntasse nada, me deu na veneta pronunciar a palavra szívem. Szívem quer dizer meu coração, e ao falar mirei seus olhos, para saber se a pronúncia estava correta. Kriska porém olhou para baixo, para os lados, para a janela, os anúncios, o túnel, seus olhos fugiram do assunto.

Pisti regulava com meu filho, apesar de miúdo, e puxara à mãe no rosto largo com as maçãs saltadas, nos lábios finos, nos cabelos escorridos porém negros, no tom imperativo. Enquanto Kriska preparava o jantar, ele me arrastava para jogar futebol no fundo da vila, num quintal quase às escuras. Escalava-me como goleiro, batia uma saraivada de pênaltis e apreciava que eu me atirasse no terreno pedregoso e encharcado. Depois de conquistar sua confiança, com a cara respingada de lama, eu acreditava que podia contar com ele para um bate-papo. Redonda bola, eu falava, ou magnífico sapato, ou cansado Kósta, mas ele não colaborava, me olhava com um olhar mortiço. O mesmo olhar da camareira, do concierge, do pessoal do hotel, quando comecei a abordá-los em húngaro. No entanto, a cada dia eu mais me orgulhava de meus conhecimentos, pouco importava que todos os húngaros me olhassem com aquele olho de peixe. Como o sujeito ao meu lado no banco do metrô, quando à falta de melhor idéia comentei: cheiroso vagão. Naquele domingo eu pegava o metrô sozinho pela primeira vez e, ansioso, saltei em Újpest-Városkapu em vez da estação de Kriska, Újpest-Kõszpont, que era a seguinte. Kriska me convidara para o almoço, preparava um espaguete à bolonhesa só para nós dois, e resolvi chamá-la de um telefone público. Telefonei sem necessidade, por puro cabotinismo, pois acabara de mentalizar uma frase de quatro palavras: aí estou chegando quase. Ela: como disseste? Repeti a frase. Ela, sonsa: não escutei. Eu, aos gritos: aí estou chegando quase! Ela, suplicante: de novo! Eu, idiota: aí estou chegando quase! Ela, que nem era muito de rir, estava às gargalhadas por causa da porcaria de um advérbio mal empregado: só mais uma vez! Naquele dia entrei em sua casa com o propósito de acertar as contas e dar por encerrado aquele curso de merda. Mas antes de partir faria um pronunciamento em língua portuguesa, num português brasileiro e muito chulo, com palavras oxítonas terminadas em ão, e com nomes de árvores indígenas e pratos africanos que a apavorassem, uma linguagem que reduzisse seu húngaro a zero. Deixei de fazê-lo devido ao visível arrependimento de Kriska, que só não me pediu perdão porque inexiste tal palavra em húngaro, ou melhor, existe mas ela se abstém de usá-la, por considerar um galicismo. Como forma coloquial de se expiar uma culpa, existe a expressão magiar végtelenül büntess meg, isto é, castiga-me infinitamente, numa

tradução imperfeita. Foi o que ela me disse, sabendo que eu compreenderia não as palavras, mas o sincero sentimento posto nelas. Afagou-me o rosto com a ponta dos dedos, fechou os olhos e sussurrou végtelenül büntess meg, mantendo em seguida os lábios abertos, e no meu entendimento ela pedia para eu lhe beijar a boca. Beijei-a, e seus lábios não eram tão sólidos quanto aparentavam. No segundo beijo ela já me beijava mais que eu a ela, e depois da boca me ofereceu a nuca, e se encolheu cheia de cócegas, escorregou dos meus braços, fugiu. Fui encontrá-la na penumbra do seu quarto, a me esperar em pé ao lado da cama. Num movimento único tirou o vestido pela cabeça, e vê-la inteiramente nua me deixou atordoado. Branca, branca, branca, eu falava, bela, bela, bela, e ao se esgotarem minhas palavras fiquei sem ação. Tive medo de, num arroubo, puxá-la contra o peito e falar as coisas que eu só sabia falar na minha língua, enchendo seus ouvidos de palavras indecorosas, quiçá africanas. E ela estava ali defronte quieta como eu, talvez porque também temesse falar palavras que ainda não me havia ensinado. Enfim afastou a coberta da cama, deitou-se, estendeu-me os braços e disse: vem. Vacilei um pouco, por não enxergála direito naquele claro-escuro, e ela dizia: vem. De tão branca a sua pele, era quase impossível discernir os contornos do corpo no lençol de linho, e ela dizia: vem. Deitei-me com Kriska, e para melhor abraçá-la me lembrei da Vanda.

Fora da Hungria não há vida, diz o provérbio, e por tomá-lo ao pé da letra Kriska nunca se interessou em saber quem tinha sido eu, o que fazia, de onde vinha. Uma cidade chamada Rio de Janeiro, seus túneis, viadutos, barracos de papelão, as caras de seus habitantes, a língua ali falada, os urubus e as asas-delta, as cores dos vestidos e a maresia, para ela tudo isso era coisa nenhuma, era matéria dos meus sonhos. No meio de uma aula podia me acontecer de pensar no Pão de Açúcar, digamos, ou num menino careca fumando maconha, ou na Vanda chegando de viagem, a Vanda perguntando por mim, a Vanda enrolada numa toalha branca, mas se Kriska me surpreendesse desatento, batia palmas e dizia: a realidade, Kósta, volta à realidade. E nossa realidade, além das aulas cotidianas, era a Budapeste dos fins de semana alternados em que Pisti ficava a cargo do pai. Esse ex-marido com quem ela só se comunicava por intermédio do filho, que um depositava para o outro sacar na escola, esse homem eu poderia desconsiderar, como uma alucinação de Kriska. Realidade eram os passeios na ilha de Margit com suas atrações domingueiras, os aqualoucos do Danúbio, as corridas de carneiros, as marionetes eslovenas, o coral de ventríloquos. Realidade eram as tertúlias no Clube das BelasLetras, o dancing giratório no alto da Torre de Átila, os fins de noite em Óbuda, a velha Buda, os restaurantes de palha onde comíamos pizza crua. E a garrafa de vinho Tokaj que levávamos para

beber no seu divã, ouvindo operetas húngaras. E a balada lancinante da filha do Barba-Azul que ela me ensinou, e que eu cantava a capella com impostação de barítono húngaro, levando-a às lágrimas. E Kriska nua, me estendendo os braços e pedindo que a castigasse, depois Kriska desacordada, atravessada na cama, no lençol de seda preta que lhe dei, contorcido sob o corpo fulgurante, o carimbo dos meus dentes no seu ombro. E Kriska ressonando e eu a sacudi-la, a implorar que falasse mais alguma coisa, que coisa? Qualquer coisa. Qualquer coisa, como? Como contar até dez. ...... kettõ... három... négy... a despeito de toda a boa vontade ela não chegava a cinco, tinha o sono fácil e pesado. Então eu me levantava; ela nunca me disse se eu podia dormir com ela. Apanhava minhas roupas pelo chão e evitava olhá-la, porque Kriska muda e inerte em posição fetal era uma irrealidade, um corpo perfeito demais, sua superfície lisa demais, a misteriosa textura. A hora em que eu partia não havia mais metrô nem táxis, mesmo gente na rua escasseava com a aproximação do inverno. Eu caminhava meia hora até o centro de Pest, pensando em beber alguma coisa quente, mas já não achava um bar aberto. Tinha mais meia hora de marcha sob um céu carregado, e às vezes me debruçava no parapeito da ponte para olhar o Danúbio, negro, silencioso. Levava bom tempo para me convencer de que ele se movia, e um ou outro carro sempre parava por perto, na aguarda, para ver se eu me atirava ou não. Mas o verdadeiro inverno chegou do dia para a noite, e nessa noite Kriska fez questão de me emprestar um gorro e um capote cheirando a cânfora. Eram resquícios de um homem de cabeça grande e tronco menor que o meu; o grosso capote de lã

repuxava minhas axilas, me impedindo de fechar os braços. Eu saía andando pelo meio da rua, com um jeito assim de macaco, e podia atravessar a cidade sem encontrar vivalma. Soprava um vento úmido, e mesmo com o gorro a me cobrir as orelhas eu não conseguia mais parar para olhar o rio. Apertava o passo até hotel, e não raro saltava o balcão para apanhar a chave, pois o porteiro noturno costumava dormir no serviço. Fechava-me no quarto e a calefação me queimava a garganta, a água mineral do frigobar era insuficiente, o room service não atendia, os cigarros se acabavam. E a lã do cobertor me pinicava, eu me coçava, eu me coçava, eu me enfiava as unhas no corpo inteiro, era irresistível, era como ter açúcar debaixo da pele. Numa dessas madrugadas, meio sem querer liguei para o Rio: oi, é Vanda, no momento não posso atender, deixe sua mensagem depois do sinal. Religuei em seguida, porque a Vanda não abandonaria o menino à noite: oi, é a Vanda, no momento não posso atender... Tornei a ligar e a ligar e a ligar, até perceber que ligava pelo gosto de escutar minha língua materna: oi, é a Vanda... Aí me veio o capricho de deixar uma

mensagem depois do sinal, porque havia três meses, ou quatro ou mais, que eu tampouco falava a minha língua: oi, é o José. Havia um eco na ligação, é o José, dando-me a impressão de que as palavras estavam desgarradas da minha boca, Vanda, Vanda, Vanda, Vanda. E comecei a abusar daquilo, e falei Pão de Açúcar, falei marimbondo, bagunça, adstringência, Guanabara, falei palavras ao acaso, somente para ouvi-las de volta.

Não exagerava, Kriska, quando me recomendou evitar outros idiomas durante o período letivo. Depois de uma noite a falar a minha língua e a sonhar que Kriska falava português, me vi sem embocadura para o húngaro, feito músico soprando um instrumento em falso. Passei a tarde me desentendendo com a funcionária da companhia aérea, que me fazia soletrar cada palavra, falando ela mesma um húngaro abstruso, devido ao acento francês. Quando cheguei ao portão do Instituto, tinha anoitecido e Kriskajá não estava; relutei em seguir para a casa dela, mas fui. Kriska me recebeu com grande aflição, contou que tinha telefonado para o hotel, para a polícia, para o hospital e o necrotério. Segurei suas mãos geladas, e creio que ela já adivinhava as coisas que a caminho eu vinha pensando em lhe dizer. Eu tinha alinhavado na cabeça um texto sincero em meus sentimentos por ela, além de rápida explicação para a minha partida. Mencionaria de passagem um filho enfermo, uma companheira idosa, entre outros aborrecimentos em meu longínquo país, e o que porventura soasse inconvincente em minha fala se levaria à conta do vocabulário impreciso, da má tradução do pensamento. A queima-roupa, porém, olhando nos olhos de Kriska, suas mãos a escorregar das minhas, a única palavra que me veio no idioma dela foi adeus. Não entendi, disse Kriska, e repeti: viszontlátásra. Minha boca estava seca, a articulação hesitante, e ela sorria sem graça: de novo!, só mais uma vez!, e eu: viszontlátásra!, viszontlátásra! Fiz-me compreender, finalmente, pois Kriska se aquietou por uns bons minutos. E de repente deitou a falar uma enxurrada de palavras difíceis, e não sei se me expulsava da sala ou pedia clemência, se me implorava uma bebida quente, se me acusava de tê-la enfeitiçado, roubado algum objeto, talvez um relógio de ouro, relógio?, ali eis relógio vosso evidente, eu me defendia desarvorado, apontando a bugiganga no seu pulso, mas não era isso, e Kriska que já vinha nervosa por causa do adeus, com minha ignorância se exasperava. Então renunciei de vez à língua magiar, deixei cair o rosto, os ombros, os braços, e ela se lançou sobre mim, se grudou em mim e me fincou os dedos, como se pretendesse enterrá-los nas minhas costas, porque eu era um homem cruel, ou formidável, ou pavoroso, porque eu estava dissipando os instantes mais preciosos da sua vida. Até pensei que ela quisesse sexo, e rocei a língua atrás da sua orelha. Aí ela me repeliu, virou a

cara, e no relance pareceu que em lugar dos olhos tinha duas postas de sangue. Andou devagar até a janela, enfiou os dedos entre as réguas de madeira da veneziana e ali permaneceu de costas para mim, tremendo um pouco. Dei umas voltas na sala, fui ao quarto dela, larguei na cama o capote e o gorro do ex-marido. Fui ao banheiro, fui à cozinha, dei outras voltas na sala e me lembrei que lhe devia duas aulas, seis mil forintes. Deixei o dinheiro na mesa, debaixo da garrafa térmica, mas ficou esquisito, peguei-o de volta. Abri a porta, nevava lá fora, saí assim mesmo.

Havia nevascas

O avião demorou a decolar, havia nevascas pela Europa, fui parar em Copenhague, perdi a conexão em Paris, me mandaram para Buenos Aires, mas gostei de chegar em casa quase à meia-noite. O menino já estaria dormindo, e mesmo a Vanda logo iria para a cama. Estaria bicando um vinho, ou fechando as cortinas, ou tomando um banho, ou em frente ao espelho, catando fios de cabelo branco, para mim era importante pegá-la desprevenida, queria ver com que gênero de surpresa me receberia. Girei a chave, na sala havia uma árvore de Natal, a Vanda estava no quarto, do corredor ouvi sua voz: no verão as mulheres ficam mais atrevidas, têm necessidade de mostrar o corpo... Devo ter aberto a porta com muito ímpeto, pois a babá, que estava sentada na ponta da cama, se levantou num pulo. Mas o menino não se mexeu, continuou recostado na cabeceira com os olhos fitos na televisão. Eu não sabia que a Vanda agora apresentava o jornal noturno, e à primeira vista me pareceu que sua cabeça diminuíra. Depois percebi que tinha clareado os cabelos, e esticara os cachos, e usava rímel, pingentes nas orelhas, uma camisa de colarinho, um paletó de homem, com ombreiras. Nem bem me sentei com o menino, ela encerrou a entrevista com o costureiro, anunciou o próximo programa de variedades e nos desejou uma excelente noite. Voltei-me para meu filho, mas ele acabava de adormecer ali sentado, com as costas no travesseiro. Abracei-o, tentei soerguê-lo, mas estava pesado, a babá se escafedera e eu não tinha forças para carregá-lo até

seu quarto. Não dava sequer para deslocar seu corpo e deitá-lo, tive de ir ao pé da cama e puxá-lo pelas canelas. Tirei meus sapatos, as roupas de lã, e me instalei de cuecas num espaço exíguo, porque nesse meio-tempo o menino se atravessou na cama. Acendi o abajur, havia uma revista de decoração na mesa-de-cabeceira da Vanda, na tevê uma discussão de adolescentes com espinhas e piercings na cara. Debaixo da revista encontrei um pedaço de papel com um

número de telefone, caligrafia estranha. Na gaveta da Vanda, grampos, tachinhas, elásticos, uma lixa de unhas, uma tampa de caneta e um porta-jóias contendo um dente de leite. A secretária eletrônica piscava: oi, é o José, Vanda, Vanda, Pão de Açúcar, marimbondo, bagunça, adstringência... Começava um filme de radiopatrulha, com um policial branco e outro preto, mas eu não conseguia acompanhar o enredo, sempre que escutava barulho de carro ia à janela para ver se era a Vanda. E tome pneus cantando, freadas bruscas, cavalos-de-pau, tiros para o alto que deixavam o menino agitado, esfregando os olhos. Numa hora em que me pareceu semiacordado, passei os dedos entre seus cabelos e perguntei: Joaquinzinho, cadê a mamãe? Cobriu o rosto, gemeu, com certeza o filme interferia no seu sonho, e aquilo não podia ser pedagógico. Consegui afastá-lo um pouquinho com os pés, subtrai um travesseiro que ele sobraçava, me deitei, apaguei o abajur e a tevê. Daí a pouco tornei a ligá-la, porque ao silêncio de Vanda não voltando, preferia tiroteio e ronco de motores. Mas tinha entrado um programa de telessexo com uma apresentadora de peitos grandes, e quando desataram a buzinar lá embaixo, reconheci o toque da Vanda, sempre impaciente com o portão automático. Fui ver, e era mesmo uma camionete escura descendo à garagem do prédio. Voltei para a cama e tentei me concentrar no programa, para não recebê-la com olhos ansiosos assim que ela surgisse no quarto. Passou um clipe com três mulheres peladas se agarrando, branca, preta e oriental, voltou a apresentadora com um pato no colo, a Vanda não entrava nunca, cutuquei o menino: cadê a mamãe? Terminou o programa, a televisão saiu do ar, cessou todo trânsito lá fora, mesmo assim fui à

janela e me sentei no peitoril, admitindo a hipótese de a Vanda vir a pé. Fiquei olhando a rua deserta, exceto por um sujeito na calçada, com um cigarro na boca. O

tipo olhava de tempo em tempo para a minha janela, e cismei que ele também estaria à espera da Vanda. Acendi um cigarro igualmente, meio que para demarcar território, e em resposta ele acendeu outro na brasa do primeiro, talvez no intuito de me provar que a esperava mais que eu. Mas era o vigia do condomínio, como pude constatar ao clarear o dia, então me lembrei da escola do menino e fui sacudi-lo pelos ombros. Quando ele abriu os olhos, perguntei: cadê a mamãe?, cadê a mamãe? Começou a chorar alto, estava banguela, e a babá entrou no quarto para retirá-lo. Espalhei-me no centro da cama de casal, mas logo vi que não iria mesmo dormir. Encontrei meu roupão no lugar de sempre, fiz a ronda da casa, na copa o menino comia waffles e a babá dava risadas. E a arrumadeira cantava, e a cozinheira assobiava, quando a patroa

dorme na rua as empregadas se regalam. Mandei levar meu filho à escola, ordenei uma omelete e frutas frescas descascadas, porém não tinham feito a feira e o menino estava de férias.

Rangeu o elevador, passos no hall, àquela altura talvez nem me importasse mais que fosse a Vanda ou não. Novo rangido, silêncio, silêncio, silêncio, abri a porta, tinham deixado o jornal sobre o capacho. Moisés desmente propinas no gasoduto, era a manchete; logo abaixo, em letras que eu mal enxergava, havia alguma coisa parecida com: segundo o esbelto porta-voz... Fui ao quarto buscar meus óculos de leitura, revirei os bolsos da roupa de viagem, a mala de mão, e nada. Encarreguei a arrumadeira de revistar a bagagem, me sentei na sala e apanhei uma revista na cesta marajoara; era uma revista de moda que folheei espiando figuras e títulos: Panos para manga, Costas quentes, Pé de chinelo, Olho por olho, dente por dente. Larguei a revista, me distraí com o pisca-pisca da árvore de Natal, fumei um, dois, três cigarros, eu pretendia passar na agência, mas não tinha pressa. Tão cedo de manhã, só haveria por lá a mulher da faxina, quando muito a secretária. E

excepcionalmente o Álvaro, se fosse dia de fechar o balancete. Nesse caso ele estaria incomunicável, trancado na sala com o contador, averiguando a receita da firma, as despesas, os impostos a deduzir, o faturamento líquido, a sua e a minha participação nos lucros. Acho que na hora de preencher um cheque nominal, a ser creditado em minha conta bancária, mesmo roubando um pouco o Álvaro se sentiria lesado. Meio torto, deitado no sofá em L, tateei a cesta à procura de outra revista e alcancei um livro de capa mole, cor de mostarda. Era insólito um livro na cesta de revistas, a Vanda não tolerava objetos fora de lugar. Ascendente em virgem, dizia ela, que normalmente já o teria disposto na prateleira dos livros cor de mostarda. Afastei-o da vista, apertei os olhos, tentei decifrar os garranchos no alto da capa, e eram letras góticas. Pareciam borrões, de tão vermelhas, e o título que eu lia era uma miragem, o nome do autor era um desvio da minha imaginação. Saí no terraço, expus a capa à luz do sol, li, reli, e o título era esse mesmo, O Ginógrafo, autor, Kaspar Krabbe. Era o meu livro. Mas não podia ser meu livro, jogado na cesta marajoara, eu nunca dei a clientes meu endereço particular. Meus livros apócrifos, guardava à chave na escrivaninha da agência, e aquele eu nem chegara a ver impresso. No entanto ali estava o romance autobiográfico do alemão, seu nome na capa, na contracapa sua foto com pose de escritor, a mão no queixo. Verguei o livro, com o polegar deixei correr folha a folha como um baralho, e num átimo vi passar de trás para a frente milhares de palavras ilegíveis, tal qual um formigueiro em alvoroço. Até chegar

à primeira página, nua, com uma dedicatória nítida, as letras um pouco tremidas, mas garrafais: para Wanda, lembrança do nosso tête-à-tête, encantado, K. K. Encantado, tête-à-tête, Wanda, eu não entendia aquela dedicatória. Eu olhava o livro em minhas mãos e não entendia aquele livro. Olhava a capa mostarda, as letras góticas encarnadas, olhava a contra-capa e não entendia a careca do alemão, o encantado, o tête-à-tête, olhava a cozinheira que apareceu com um cafezinho, eu não entendia aquela cozinheira, com o polegar eu abria o livro como um leque, e como um leque o livro se fechava, e me voltava sempre aquela página branca, a dedicatória, Wanda, lembrança, tête-à-tête, encantado, K. K., as letras garrafais, eu não entendia aquela campainha na minha cabeça, e era o telefone a tocar na cozinha. Fui atendê-lo, mas a babá já o passara para o menino; mamãe... mamãe... mamãe... mamãe... dizia ele, e não saía disso. Tomei o aparelho, a tempo de ouvir a Vanda: e quem é que canta o meu chapéu tem três bicos para o Joaquinzinho?

Vanda, sussurrei, cadê você?, ela estava no residence. Que residence?, falei entre dentes, as três empregadas me olhando. Ela fora transferida para São Paulo, por que São Paulo? Porque o telejornal da noite era gerado em São Paulo, ora, e de segunda a sexta a Vanda ia ao ar em rede nacional. Era um upgrade na carreira, disse ela, tanto assim que em Higienópolis todo mundo a parava na rua, chegava a ser chato. Disse que por outro lado adorava a efervescência cultural da cidade, tinha ido a um catatau de exposições. Freqüentava restaurantes magníficos no fim da noite, de tarde malhava na academia. Sem contar que três vezes por semana tinha fonoaudióloga, porque apresentara problemas de fadiga nas cordas vocais. Pensava em alugar um apartamento, mas ao mesmo tempo se sentia mais protegida num residence. Disse também que exigiu da gerência a troca do colchão, e com isso estava melhor da coluna, depois perguntou como era Budapeste. Titubeei, sem saber por onde começar, do que ela se aproveitou para dizer que viria na primeira ponte aérea do sábado e pediu para falar de novo com o filho. Ainda ouvi: e quem é

que vai levar o Papai Noel para o Joaquinzinho? Corri para o quarto, pois da extensão teria liberdade para lhe pedir satisfações pelo livro. Peguei o fone, ouvi o menino falar mamãe... mamãe... mamãe... e do outro lado da linha vinha sinal de ocupado, a Vanda já desligara. Consegui com a babá o número do residence, mas no quarto da Vanda ninguém atendia.

Cá, erre, a, bê, bê, é, soletrei, estendendo a agenda para a arrumadeira, já que ela tinha desistido de procurar meus óculos. O alemão atendeu com voz de sono e ao

escutar meu nome se calou. Tornei a falar alô, alô, é o José Costa, e ele calado. Eu tinha a esperança de que me respondesse com naturalidade: olá, José Costa, tudo bom, e você?, você sumiu, o livro ficou ótimo, te mando ainda hoje, para você

também, tchau. Ficaria assim implícito que dia desses ele tinha dedicado o livro a uma Vanda, sem suspeitar que fosse a minha mulher. Não seria improvável ele tê-la avistado por aí, como eu mesmo a conhecera andando na rua de braços com a irmã

gêmea Vanessa, em meio a um bando de gente moça. Facilmente se encantaria com ela, como eu naquela noite me apaixonei de estalo, embora por rigorosa escolha, porque não hesitei entre ela e outra que lhe era idêntica. Então ele a seguiria, como eu também dei meia-volta e entrei numa casa de espetáculos, onde atrás dela assisti de pé a um show de rock e cantei todas as músicas sem conhecer nenhuma. Seria de se esperar que ele a abordasse, como eu na saída ofereci carona às gêmeas e sugeri pararmos num bar da Lagoa, onde tomamos chope e falei da minha pós-graduação em letras, do meu conhecimento de línguas, falei até

que tartaruga em alemão é sapo com escudo e elas tiveram um frouxo de riso, sabe lá se fumaram alguma coisa. Depois a Vanda se pôs a contar histórias que não recordo, mas poderia recordar por leitura labial, por ainda me lembrar tão bem daqueles lábios que eu olhava como o alemão olharia a cor dos seus ombros, e pelo decote a nesga branca dos seus seios, como ele olharia o andar da Vanda quando ela foi ao toalete com a irmã, e como eu, tendo olhos só para ela, achei óbvio ela voltar sozinha. Eu nunca poderia censurá-lo por ter usado argumentos iguais aos meus, e suplicado as súplicas que supliquei para levá-la ao seu, como a levei ao meu apartamento de solteiro. Seria um contra-senso eu querer mal a ele por ter feito o que eu faria em seu lugar, como pedir para ela tirar a roupa de baixo antes da roupa de cima e tal e coisa. Ao deixá-la em casa de madrugada, se fosse ele, eu também pegaria no porta-luvas um exemplar de O Ginógrafo, que apoiaria nas coxas dela no escurinho do carro e dedicaria para Wanda, lembrança do nosso têteà-tête, encantado, K. K., mesmo sabendo que ela leria apenas a última página, no elevador. E por julgá-lo um livro muito magro e mole, indigno de ocupar a estante, o atiraria na cesta de revistas. E ali o esqueceria, como esqueceria o alemão, que também a esqueceria, como ela vinha esquecendo o marido que a esquecia em Budapeste, e pronto. Ao alemão agora só me caberia dizer: tudo bem?, às mil maravilhas, estive viajando, e o nosso

livro?, estou louco para ver, o.k., um abraço, tchau. Mas não, depois de uma longa pausa ele falou: o que é que você quer comigo?, e o sotaque exacerbado era sinal de que perdera o prumo. Senti-lo assim acuado me insuflou, me deu vontade de ser rude: preciso te ver já. E ele: essa telefonema é alguma ameaça? Estou te esperando na minha casa, falei, e para arrematar: você deve saber onde eu moro. Ia bater o telefone na sua cara, mas ele foi mais rápido, bateu antes.

Tomei um banho pelando, fiz a barba no chuveiro, aos poucos para mim ficava claro que o alemão me havia procurado na agência a fim de me contemplar com seu livro. Informado de que eu estava no exterior, pediu meu endereço ao Álvaro, que o forneceu inadvertidamente, pensando noutras coisas. Em vez de remeter o volume pelo correio, descrente que era de nossos serviços públicos, decidiu levá-lo em pessoa a seu destino; queria estar seguro de que o livro chegaria às mãos do homem cuja generosa literatura lhe atribuíra palavras e pensamentos que seu espírito jamais conceberia. Deixaria o livro aos cuidados de um secretário particular, ou de um parente, quem sabe a esposa, se o homem fosse casado, alguém de confiança que ao seu regresso lhe dissesse simplesmente: foi um forasteiro calvo que o entregou e partiu. Antes de partir redigiria um bilhete, ou breve dedicatória, capaz de exprimir toda a sua gratidão sem pôr em risco o sigilo profissional. Sucedeu porém que, ao ser recebido por uma mulher de trinta anos, saia branca plissada e blusa sem mangas, cabelos castanhos, olhos negros, rosto, pernas e braços morenos, na sala varrida pelo sol poente, sentiu súbito desejo de se vingar do homem generoso. Apresentou-se: Kaspar Krabbe, de quem vós já deveis ter ouvido falar, menos por autor muito publicado na Alemanha, que por amigo de vosso ausente marido José. Aí o semblante da mulher esmaeceu, seus olhos perderam o brilho, sua pele se acinzentou, uma sombra encobriu-a por inteiro; na luz do terraço apareceu outra mulher, parelha àquela como dama do mesmo baralho, porém de naipe superior. A esposa de José Costa sem dúvida era esta, que logo o convidava a se sentar, afirmando conhecê-lo sim de nome, não pelo marido circunspecto, mas por citações em suplementos literários. Propôs um drinque, solicitou à outra que providenciasse o gelo e lastimou não ter acesso à sua literatura no original. Passou por ele, a saia de tenista, abriu uma arca no canto da sala, apanhou uma garrafa de uísque precioso. A essência do estilo se dilui até nas melhores traduções, falou com voz cantante, no momento em que a outra chegava com o balde de gelo. E

acrescentou: do idioma alemão, eu e Vanessa só sabemos que tartaruga é lagarto com escudo. Não seja por isso, disse Kaspar Krabbe, e sacou do envelope O

Ginógrafo, sua primeira criação em língua portuguesa. Livro que gostaria de presentear à senhora Costa, à moda das gentes de Hamburgo, oferecendo uns poucos trechos para sua apreciação, como se dá a provar um vinho. Pôs-se de pé, leu não mais que duas páginas preliminares, e ao fazer menção de se despedir, ouviu da esposa de José: não se vá, por favor, desejamos mais e mais. Adiantou-se pois na leitura e se agradou da própria voz, soava-lhe adequado até seu moderado sotaque, visto que José Costa, com misterioso engenho, lograra imprimir na escrita mesma um moderado sotaque. Anoitecia, a ninguém ocorreu acender as luzes, e em Kaspar Krabbe a penumbra caiu bem; ele sabia que assim se obliterava sua figura quase ridícula, sua cabeça quase de boneco, e em breve se veriam dele apenas dois olhos claros, suspensos na sala a um metro e noventa do chão. Olhos que cintilavam quando ele pronunciava o nome das mulheres que ao longo da história o fizeram gozar e padecer, todas elas com cabelos castanhos, olhos negros, todas com rostos, pernas e braços morenos por igual, menos debaixo da calcinha e nos seios pequenos, cor de areia. Já sem enxergar o texto, Kaspar Krabbe o declamava de memória com desembaraço, e um segundo antes da escuridão completa pôde ver os lábios entreabertos da esposa de José, uma lágrima no canto do olho esquerdo, o copo com gelo na mão direita, as pernas dobradas sobre o sofá, ocupando o assento da outra dama; da outra dama, soube que se retirava pelos passos no carpete e o suave bater da porta. E prosseguiu Kaspar Krabbe em seu recital, o dedo com saliva virando as páginas e as percorrendo, como se pelo tato localizasse cada parágrafo, frase, vírgula, e a cada vírgula se ouvia da esposa de José uma respiração intensa; era flagrante que, apesar de esposa de José, aquela era uma mulher abandonada, e antevendo-a em seus braços ao final da leitura, Kaspar Krabbe acelerou o ritmo. A Vanda, com efeito, estava prestes a se entregar ao alemão, e eu teria preferido não continuar imaginando semelhante cena. Todavia a cena era escura, e eu sentia prazer em escutar a respiração da Vanda, eu necessitava fruir o som das minhas palavras, na verdade eu ansiava pelo instante em que a Vanda sucumbiria às minhas palavras. Então Kaspar Krabbe falou: e a mulher amada, cujo leite eu já sorvera, me fez beber da água com que havia lavado sua blusa. E fechou o livro. E silenciou, ciente de que qualquer palavra a mais, oriunda de sua mente bruta, poderia gelar e endurecer a esposa de José, como talvez repugnasse a ela o contato de sua pele escorregadia. Possesso, Kaspar Krabbe saltou sobre a mulher sem se despir, deitou-a em L no sofá em L e dessa forma a possuiu. Ao consumar o ato gritou palavras góticas, depois perguntou como era mesmo o nome dela, apalpou o paletó atrás de uma caneta e assinou a dedicatória com letras enormes, como escrevem os cegos. E grafou Vanda com W, para atestar que por uma noite ela tinha sido Wanda, mulher de alemão; antes de bater a porta, teve a impressão

de ouvir uma criança chorar no fundo do apartamento. Quanto à Vanda, não ouviu criança nem porta, largou o livro na cesta marajoara e adormeceu. E ali o deixou adrede para que eu o notasse e pegasse e vergasse e deixasse correr folha a folha como um baralho, e lesse a dedicatória e soubesse que por uma noite ela pertencera a um autêntico escritor, caso algum dia me animasse a voltar de Budapeste.

Usei o xampu da Vanda, o condicionador, um creme de avolumar cabelos, me enxuguei com a toalha dela. Escolhi uma roupa esporte e uns tênis de sola com amortecedores que me deixariam quase da altura do alemão. Mas quando avisaram pelo interfone que um senhor vinha subindo ao apartamento, parei no meio da sala; sinceramente eu não acreditava que ele tivesse coragem de atender a meu chamado, e agora de improviso não sabia como proceder, exigiria uma retratação?, estapearia suas faces com uma luva?, desafiaria Kaspar Krabbe para um duelo?

Tocaram a campainha, andei pé ante pé até a porta, espiei pelo olho mágico, e ver o nariz abatatado do Álvaro me encheu de júbilo. Abri-lhe a porta, escancarei-lhe os braços, mas ele, depois de meses sem me ver, me saudou assim: eu empenhei minha palavra, cara, eu garanti a ele que você não ia fazer asneiras. Soubera da minha chegada pelo alemão, que pelo visto também lhe contara pormenores de sua aventura com minha mulher. E tinha o Álvaro o desplante de vir à minha casa interceder pelo cafajeste. Vinha com aquela voz fina me dizer que um escândalo respingaria na minha própria reputação, que eu deveria pensar na vergonha da Vanda, no sobrenome do seu filho, falou em confidenciabilidade. Se fosse uma questão de dinheiro, disse que se chegaria a um acordo amigável, mesmo porque eu havia firmado um contrato pro forma, para um serviço particular, sem finalidade comercial. O romance autobiográfico do alemão seria mais um livreco na minha gaveta, não fosse o Álvaro se investir em seu agente literário e desenvolver uma estratégia de marketing que otimizasse o produto, ele falou essas palavras. Agora, contabilizadas as sucessivas reedições do livro, além da perspectiva de vendas para o exterior e eventual adaptação para o cinema, era justo que eu recebesse algum por fora. A dinheiro Kaspar Krabbe não tinha apego, segundo Álvaro, e mesmo um sucesso assim de mão beijada, honestamente relutara em aceitar. Mas quando afinal o aceitou, se tornou avaro dele, estremecia de um dia o perder, não admitia sequer o dividir comigo. Toda madrugada, saía a comprar os jornais do dia seguinte, que esmiuçava ali na banca, procurando nos cadernos culturais um artigo meu, uma carta minha na seção de leitores, um comunicado à praça em matéria paga,

reivindicando a autoria de O Ginógrafo. Nas noites de autógrafo, nas entrevistas de rádio ou nos talk shows da televisão, até num colóquio informal com a Vanda, no jornal da noite, ficava tenso, olhava para os lados, se virava de costas, imaginava que eu irromperia a qualquer momento para o desmascarar. Tinha portanto motivos para entrar em pânico com meu telefonema fora de propósito, tão cedo naquela manhã, sendo inútil o Álvaro empenhar sua palavra e lhe garantir que eu não faria asneiras. Faltava-me dar prova cabal a Kaspar Krabbe, dizia o Álvaro, de que não iria pôr a perder uma vida honrada, além de um bom negócio, em troca de luzes que jamais almejei. Faltava-me dar mostras de ser ainda o velho José Costa, tão zeloso do próprio nome, que por nada neste mundo abriria mão do anonimato.

A caminho da agência, com os vidros fechados, o carro do Álvaro recendia à mesma água-de-colônia do nosso tempo de estudante, quando ele costumava me dar carona até a casa do meu pai. Eu então morava no subúrbio, mas para o Álvaro a gasolina saía até barato, tendo em conta as redações que eu forjava em seu nome, premiadas com notas melhores que as minhas. Quarenta e quatro quilômetros diários, sentados lado a lado, eram extensão suficiente para nos conhecermos, e pelo canto do olho nos admirarmos, trocarmos confidências, criarmos implicâncias, às vezes discutirmos aos berros. Porém algum instinto sempre nos continha quando se chegava perto de um humilhar o outro, ou de se abrir demais o peito. Com um mínimo de pudor, mais um tanto de ódio preservado, nossa amizade se consolidou; à diferença do amor, que extravasa a toda hora, a amizade precisa ter seus diques. Assim, por exemplo, o Álvaro nunca procurou saber o que meu pai fazia da vida, ou que fim levara minha mãe, como eu também jamais lhe perguntei por que diabos ele usava tanta daquela água-de-colônia. E agora, mesmo um tanto nauseado, eu me sentia confortável no seu carro, atender a seu pedido tinha um sabor nostálgico. Parecia-me estarmos novamente quites, porque ao mencionar o encontro profissional da Vanda com o alemão, ele a inocentara de meus sórdidos pensamentos, como que respondendo a um meu apelo mudo. Creio porém que na permuta ele ainda se sentia devedor, pois de quebra me comunicou sua decisão de restaurar as condições originais da nossa sociedade, partilhando comigo de igual para igual a gerência e os proventos da Cunha & Costa. Estava delicado, o Álvaro, perguntou se não me incomodava o ar-condicionado, achou ótimo eu fumar dentro do carro, pôs música clássica no CD player. Cedeu-me passagem no elevador, me abriu a porta da agência, e da ante-sala tive o gosto de ver meu quartinho intacto, meus dicionários, minha cadeira giratória. A recepcionista não estava a postos, e o Álvaro me indicou sua sala na outra extremidade. Sempre me constrangia um

pouco cruzar meu antigo local de trabalho, atravancado de móveis e de rapazes que eu mal conhecia. Mas dessa vez vi ali somente uma mesa, com um menino de seus quinze anos jogando sinuca no computador, depois vi as vidraças quase opacas, num misto de fuligem com maresia, depois olhei o Álvaro. Rapidamente ele afirmou que decidira enxugar os custos da empresa, por uma questão de operacionalidade, e me chamou a atenção para os quadros nas paredes, com recortes de jornais onde eu divisava os títulos e as fotos de Kaspar Krabbe. No sofá da sala principal, ao lado do tabelião com um livro de capa preta no colo, me aguardava Kaspar Krabbe em carne e osso. Levantou-se, avançou dois passos e me estendeu a mão; usava o consueto paletó sem gravata, mantinha o jeito de balançar de leve o corpo, como se acabasse de descer de um navio, era aparentemente o mesmo homem anterior à

fama, apenas um nada mais vagaroso em cada movimento. O tabelião abriu o livro de notas sobre a mesa do Álvaro e leu em voz alta a escritura declaratória, onde José Costa confirmava ter prestado serviços de digitação a Kaspar Krabbe, sem qualquer participação autoral em seu relato autobiográfico O Ginógrafo; subscrevi o documento, o Álvaro assinou como primeira testemunha, a segunda ficou de se arranjar. Em seguida busquei na minha escrivaninha e entreguei a Kaspar Krabbe, conforme o combinado, as vinte fitas cassete com sua voz gravada nos lados A e B, vinte horas de histórias mal contadas, imprestáveis. Retribuiu-me com um exemplar de seu, para não dizer meu livro, que autografou no ato, com letras garrafais e firmes: ao Sr. José Costa, estes despretensiosos escritos, cordialmente, K. K. desculpou-se por aquela sua obra de estréia que, malgrado o caloroso acolhimento, estava longe de satisfazer suas ambições literárias. Relendo-a com o distanciamento devido, encontrara um punhado de tolices, exageros, redundâncias, escassa imaginação no desenho das personagens femininas, em suma, deficiências que superaria em seu segundo volume de memórias, já em gestação. O alemão falava a sério, olhando nos meus olhos, e ainda disse que em breve me requisitaria para ditar o novo livro.

Além de expostos de longo a longo na vitrine, havia uma pilha deles no balcão. As pessoas entravam, passavam a mão num exemplar e se acertavam no caixa, quando não iam diretamente ao caixa como quem compra cigarros: me vê um Ginógrafo. Outros se chegavam, davam uma olhada nas estantes, apuravam o preço dos importados, bordejavam a bancada com os lançamentos recentes, acabavam topando a pilha sobre o balcão; está saindo àbeça, dizia o livreiro, ou, até

o Natal bate os cem mil, e essa espécie de recomendação era tiro e queda, mais um Ginógrafo embrulhado para presente. Postado no centro da pequena livraria, num pedaço de tarde perdi a conta dos fregueses que saíram com meu livro. Passavam por mim sem me olhar, esbarravam em mim sem imaginar quem eu fosse, e aquilo me enchia de uma vaidade que havia muito tempo eu não sentia. Talvez julgando que eu perturbasse a circulação, em má hora o livreiro decidiu me interpelar: deseja alguma coisa? Não falei nada, somente lhe mostrei meu Ginógrafo aberto na folha de rosto, com o autógrafo, para ele ver que eu não era um ladrão de livros. E ali permaneci, soprando fumaça, encarando o idiota, ruminando palavras de desdém, porque se não fosse pelo meu livro, aquela quitanda já teria fechado as portas. Só

arredei pé quando através da vitrine vi passar a Vanda, de canga e chapéu de palha, em direção à praia. Claro que não era a Vanda, fui olhar sua cara e não tinha nada a ver, mas poderia ser uma prima, pelo parentesco do andar. Porque idênticas no andar, não há duas mulheres no mundo, nem as manequins, as gueixas, nem mesmo irmãs gêmeas. Kriska, por uma hipótese, se surgisse a caminhar no calçadão, a um quilômetro de distância me saltaria aos olhos. Mas Kriska não vale, porque húngara, e em toda a orla do Rio não há mulher que caminhe como as húngaras. Na praia de Ipanema, o simples pensamento em Kriska me parecia deslocado, e entretanto eu ainda pensava um pouquinho nela. E ri de me lembrar que, antes de conhecer seu corpo, chegara a suspeitar de qualquer coisa errada nele, tão diferentes seus movimentos dos da Vanda. A não ser quando ela andava de patins, porque sobre rodas o molejo do corpo é quase neutro e todas as mulheres se parecem. As vezes, observando-a a caminhar na sala, a me passar um ditado ou coisa assim, eu lhe sugeria que os calçasse; era uma maneira de melhor a apreciar, ou de me recordar da Vanda, embora a Vanda nunca tenha andado de patins. Kriska me atendia, meio confusa, devia pensar que era alguma tara minha. E pegou a mania de andar de patins dentro de casa, mesmo com o filho presente, tive mesmo de lhe pedir para parar com aquele negócio. E fui com o tempo me enamorando dos movimentos naturais de Kriska, mas não a ponto de esquecer a Vanda, tanto assim que, já no final da praia, a reconheci de novo noutra moça, não pela andadura, mas exatamente pela forma de estar imóvel, sentada num banco de frente para o mar. Eu sabia muito bem que a Vanda estava em São Paulo, mas ainda pensei, é a Vanessa, que também tinha esse modo de dobrar ambas as pernas para um lado, como a guardar o lugar para outra pessoa, talvez um cacoete de gêmeos. Claro que não era a Vanessa, era pouco mais que uma menina, e só ao parar às suas costas lhe notei um sinal de vida, um suave e espaçado alçar de ombros, sua lenta respiração. Já estava

convencido de que era uma iogue, quando me assustou o gesto abrupto de sua mão esquerda. Olhei por cima de sua cabeça, e ela acabava de virar a folha de um livro. Só então percebi que estava lendo, e o que tinha no colo parecia o meu livro. Sentei-me na ponta do banco ao lado dos seus pés e conferi a capa mostarda de O Ginógrafo, que ela lia com os olhos em ziguezague. Abri também meu exemplar e segui de viés a leitura dela, seus lábios semi-abertos, com aparelho nos dentes. Ela virava as folhas com sofreguidão, para não perder o fio da aventura, ou a cadência das minhas frases, e já ia pela metade do livro quando deteve os olhos no alto de uma página ímpar, franziu a testa, pareceu embatucar numa palavra, receei que desistisse da leitura. De fato fechou o livro, marcando-o com um palito de picolé, guardou-o numa cesta de lona, e ao desdobrar as pernas me chutou de leve, pediu desculpas, não me havia visto. Então apontei a capa mostarda em minhas mãos, a coincidência, depois busquei a folha de rosto com a dedicatória, disse que o autor era meu amigo, mas ela já tinha ido embora. Espiei à

minha volta, a praia se esvaziava, as pessoas bebiam cerveja nos quiosques, o sol se punha atrás do morro Dois Irmãos.

Houve um tempo em que, se tivesse de optar entre duas cegueiras, escolheria ser cego ao esplendor do mar, às montanhas, ao pôr-do-sol no Rio de Janeiro, para ter olhos de ler o que há de belo, em letras negras sobre fundo branco. Ia ao cinema, mulheres extraordinárias se exibiam na tela, o filme era falado em língua conhecida, e eu não conseguia despregar os olhos das legendas. Mas agora, ainda que encontrasse os óculos de leitura, eu não me animaria a abrir meu próprio livro, de cujo conteúdo mal me lembrava. Tampouco tocaria no jornal jogado ao pé da cama, ou nos volumes acumulados em minha mesa-de-cabeceira, mesmo que estivesse são e alerta, e não insone desde Budapeste. Se antes dos trinta eu já tinha a vista cansada, não surpreenderia que chegasse aos quarenta com a mente saturada da palavra escrita. Era possível que para elas me restasse apenas um bom ouvido, e atrás das palavras mais sonoras entrei pela noite recorrendo os canais de televisão. Encontraria quem sabe um programa de assuntos literários, com sorte uma mesaredonda onde falassem do meu livro, alguma atriz bonita a declamar meus fraseados. Mas depois de ouvir fragmentos de novelas, humorísticos, musicais, frivolidades, parei num filme de gângsteres à espera do telejornal da Vanda. O sono já me derrotava, eu via na tela umas figuras e meu pensamento escapava delas, um pouco assim como as palavras dubladas se desencaixavam na boca dos atores. E

quando ouvi a Vanda iniciar o noticiário, acho que eu já cochilava, penei para abrir os olhos. E quando abri os olhos, tinha ficado cego. Esfreguei os olhos, esbugalheios, eu estava completamente cego. Procurei manter a calma, mordi o travesseiro, tratei de me concentrar na voz da Vanda, atentar para suas palavras, ministério, frente fria, gasoduto, hecatombe, tie break... Sua voz estava bastante serena, melodiosa, e embalado por ela fui pouco a pouco reatando o sono, me resignando à

minha nova condição; amanhã eu pensaria no que fazer, comprar um cachorro, essas coisas. Amanhã de qualquer modo a Vanda me daria assistência, pois tão logo tomasse conhecimento do acidente, com certeza pediria dispensa da televisão. Em última análise, não me parecia mais tão grave ficar cego ao lado da Vanda para o resto da vida. Iria com ela à praia, ao hospital, à biblioteca, ao restaurante, a Londres, atrás da sua voz iria de bom grado a qualquer parte. Desembaraçado da visão, com maior tino perceberia se ela estava alegre, se estava mentindo, se tinha dó de mim, se cochichava ao telefone, se sentia vergonha de ter marido cego. E ela me leria cada noite um novo livro, e me cobriria as pálpebras com umas compressas que só me serviriam para gostar ainda mais dela. Às vezes as compressas estariam fervendo, ou embebidas em limão; às vezes a Vanda resolveria passar vários dias muda, para me ver andando às tontas; às vezes leria do livro só as páginas pares, mas eu jamais reclamaria de coisa alguma, nem de ela estar envelhecendo, adquirindo como que rugas na voz. Eu fingiria não notar que de quando em quando ela chorava pelos cantos, ora por ter ficado velha, ora por ter desperdiçado a vida a guiar um parasita. De vingança, um dia ela seria mesmo capaz de amanhecer encostada em mim, mas toda fria, gelada na cama igual a uma estátua de gelo, e nosso filho soltaria um berro na porta do quarto. O menino gritava feito um doido no corredor, e além da televisão acesa, a luz vazada pelas frestas da persiana me batia na cara. Quando vi nove horas no despertador, pulei da cama, decidido a fazer uma surpresa para a Vanda. Chegaria a São Paulo na hora do almoço, iria pegá-la no residence, iria com ela às exposições, à academia, à emissora, eu a levaria para jantar num restaurante indiano. Mas ao me olhar no espelho, dei com um rosto disforme, cheio de bossas, os olhos inchados, talvez nem me deixassem embarcar com aquele aspecto. A barba feita na véspera, já espessa, era uma barba de três dias, e então compreendi que havia dormido pelo menos umas trinta horas de enfiada. Lembrei-me da gritaria do menino, fui à sala, a porta estava aberta e o zelador mais um chofer de táxi entravam com montes de embrulhos, que depositavam ao pé da árvore de Natal. Escutei umas risadas, e no sofá em L vi a Vanda deitada sobre o menino, esfregando o nariz na cara dele. Tinha os cabelos úmidos,

novamente escuros e cacheados, eu nunca desejei mulher nenhuma como desejava essa, e quando se voltou para mim, levou dois tempos para me reconhecer.

Nem cheguei a me barbear, porque a Vanda praticamente me enxotava de casa. Sabedora do meu temperamento arredio, por vezes agressivo, e de como repórteres e fotógrafos não têm escrúpulos em invadir os ambientes domésticos, mal esperou que eu vestisse umas bermudas e sandálias de dedo; me fez sair pela porta de serviço, enquanto a equipe que a vinha entrevistar subia pelo elevador social. Acendi um cigarro em frente ao prédio e fui andando. Daria na praia, caso seguisse em linha reta, mas virei à direita, à direita, à direita e à direita, porque não me conduzia um pensamento linear. Meus pensamentos giravam em torno da Vanda, e muitas voltas dei no quarteirão até ver o carro da reportagem deixar a calçada do prédio. Ao mesmo tempo uma camionete saiu da garagem, buzinou no meu ouvido, e era ela, levando no banco traseiro a babá com o menino, num uniforme estufado da seleção brasileira. Subi para casa sozinho pois não me apetecia ir almoçar na casa da Vanessa, nem que fosse convidado. Preferia mesmo preparar um sanduíche e esperar a Vanda no terraço, fumando. Fumei até esvaziar meu último maço de cigarros Fecske, amassei-o, e na falta de cigarros húngaros eu largaria o fumo sem problemas. Já o fizera dois anos antes, quando a Vanda me convenceu de que o Joaquinzinho se tornara um fumante passivo, e nem no terraço me deixava dar minhas tragadas. Esmaguei o maço de Fecske, mas em seguida me arrependi; afinal, de Budapeste, eu só trouxera na bagagem um pacote de cigarros e aquela palavra escrita, fecske. O tabaco se fora, mas a palavra húngara, talvez eu não a conseguisse largar assim de estalo. Pousei o maço na coxa, alisei-o, pensei em guardá-lo dentro de um livro de poemas a que a Vanda não teria acesso, numa prateleira alta e em francês. Dessa maneira eu o viria espiar toda madrugada, a princípio, depois dia sim, dia não, depois esporadicamente, em datas especiais, até

que um dia a palavra fecske, num papel amarelado com o desenho de uma andorinha, não me diria mais nada. Mas ao ouvir a voz da Vanda, tornei a esmagar o maço, e num gesto reflexo o atirei lá embaixo, na escuridão. E fui acudir mãe e babá, que arrastavam o menino adormecido pelos braços; ergui seus pés, e o transportamos na horizontal até sua cama. A Vanda descalçou as chuteiras dele e me sussurrou para buscar os presentes na árvore. Catei uns sete embrulhos e os distribuí ao redor da cama, onde a Vanda se deitara com o menino e cantava noite feliz, noite feliz, embora faltassem três noites para o Natal. Fui apanhar um segundo lote, e na volta a Vanda já não cantava, somente

acariciava a cabeça dele. Ao chegar carregando um videogame e um velocípede, vi a Vanda de olhos fechados, encaracolada no filho. Recolhi-me ao nosso quarto e me deitei, esperando que a qualquer hora ela despertasse em posição incômoda e viesse ter comigo. Veio já de manhãzinha na ponta dos pés, e a deixei pensar que eu estava dormindo. Dava-me grande prazer ver a naturalidade com que a Vanda despia a blusa, sem sutiã por baixo, depois desabotoava a saia, ficando só de calcinha, e constatei que a temporada longe do mar não lhe alterara o tom da pele. Quando pensei que ela procurasse um pijama ou uma camisola, tirou do cabide um vestido leve, de alças, que enfiou pelos pés. Levantei-me, tossi, ela tomou um susto, e antes que eu lhe perguntasse qualquer coisa, se apressou em dizer que precisava pegar o primeiro avião para São Paulo. Virou-se para a parede, disse que tinha um brunch na prefeitura, depois disse que tinha de cobrir um evento no hipódromo, depois disse que tinha de se mudar do residence, e eu não entendia por que ela falava essas coisas de costas para mim. Mas era para eu ajudá-la com o vestido, e ao fechá-lo, vi se formar em sua pele uma ligeira dobra, que o zíper por pouco não beliscou. Deume um beijo no rosto, saiu em disparada, alcancei-a pelo braço no hall, e ali ela se lembrou que também me havia comprado um presente. Puxou da bolsa um pequeno embrulho, e pelo formato adivinhei que era um livro. Nem precisei adivinhar que livro era, porque a embalagem estava troncha, e dava para ver um pedaço da capa mostarda e as letras góticas. Desculpou-se por tê-lo aberto no avião; já o tinha lido duas vezes e não resistira a uma terceira leitura: é absolutamente admirável. Entrou no elevador e com a porta fechada repetiu: absolutamente admirável.

Referências de viva voz a meu trabalho, elogiosas ou não, aprendi a ouvi-las impassível, desde o tempo em que me misturava ao povo para acompanhar discursos políticos recém-escritos. Já quando comecei a escrever para a imprensa, me aprazia entrar nesses bares de Copacabana, onde homens solitários passam a tarde a tomar chope e ler os jornais. Caso encontrasse alguém entretido com um artigo meu, me sentava à mesa ao lado, e era quase certo que daí a pouco o sujeito comentasse o texto comigo, longe de suspeitar que fosse eu o autor. E que comigo as pessoas sempre puxam assunto, julgando conhecer de algum lugar este meu rosto corriqueiro, tão impessoal quanto o nome José Costa; numa lista telefônica com fotos, haveria mais rostos iguais ao meu que assinantes Costa José. Muitas vezes o sujeito já estava adiantado nos chopes e me cutucava, citava trechos do artigo com entusiasmo, ou eventualmente com antipatia, menosprezo. No primeiro caso eu me permitia fazer alguma ressalva, de maneira a inflamá-lo mais ainda, levá-lo a se erguer no centro do bar e reler aos brados as frases mais brilhantes; no caso contrário eu sempre lhe dava pronta

razão, a fim de encerrar o assunto. Mas depois de casado, nos dias em que estava seguro de haver escrito um texto com grande inspiração, eu dispensava a opinião dos botequins; meu desejo era o de que a Vanda o lesse. Então comprava vários exemplares do jornal e os deixava com meu artigo à mostra no caminho dela, na mesa de jantar, em cima do telefone, no berço do menino, junto ao espelho do banheiro. Ver a Vanda correr os olhos sobre as minhas letras, esboçar um sorriso, apreciar um texto meu sem saber que o era, seria quase como vê-la se despir sem saber que eu a estava olhando. Mas não, ela pegava o jornal e revirava as páginas, olhava umas fotografias, lia as legendas, a Vanda não tinha paciência para grandes leituras. Daí meu estupor ao saber da sua boca que ela lera meu livro, não uma, mas três vezes. E menos mal que estivesse tão apressada, e nem me olhasse ao dizer o que disse, porque naquele instante me portei como um amador. Devo ter enrubescido, mordi meu lábio inferior, meus olhos se encheram de água, tive pena e orgulho de mim, era como se duas palavras dela reparassem sete anos de descaso. Depois de um momento de paralisia, me dei conta de que nem lhe agradecera a lembrança; desci as escadas a jato e corri à

calçada, justo a tempo de vê-la partir num radio táxi. Fui à farmácia, comprei um par de óculos, me encostei no balcão, abri o livro, mas logo senti que a leitura não teria graça, eu gostaria de lê-lo com os olhos dela. Embrulhei-o de novo de qualquer jeito, para conservá-lo como o recebera de suas mãos, absolutamente admirável. Com as palavras dela tinindo na cabeça, meu próprio juízo a respeito do livro valeria pouco, valeria tanto quanto o dos bêbados de Copacabana, ou o das matérias que o Álvaro me enviara num book que não abri, O book deveria me servir de estímulo para retornar ao trabalho: o alemão não sai do meu pé, cara, tem que tocar o novo livro, eu até descolei um patrocínio... Foi marcado um encontro na agência para Kaspar Krabbe gravar seu depoimento, mas faltei, aleguei estafa, me parecia até

ofensivo que esperassem de mim a produção de best-sellers em série. O Álvaro insistia, me ligava a toda hora, a voz reverberando na agência vazia, e se eu fosse um sacana teria lhe sugerido que terceirizasse meu serviço. Eu sabia que seus rapazes o haviam abandonado um a um, roubado seus clientes, fundado prósperas agências onde se redigia de tudo, menos romances autobiográficos à altura dos meus. E se o fizessem, não só cobrariam uma fortuna, como exigiriam seu nome no topo da capa; afinal, pertenciam a essa nova classe de ghost-writers renomados, saíam até em fotos nas revistas, de braços com mulheres altas. Mas não mencionei os rapazes para o Álvaro, apenas lhe pedi que evitasse ligar tanto assim para minha casa. Eu poderia precisar do telefone numa emergência,

porque naqueles dias estava só com o menino e a babá, além disso a Vanda talvez quisesse se comunicar, ter notícias da família, dar seu novo endereço em São Paulo ou o número do seu celular. E quando ela telefonasse, eu aproveitaria para lhe dizer o quanto havia apreciado seu presente, me confessando surpreso pelo seu discernimento literário. Aí, desvanecida, ela discorreria sobre a fluência da narrativa e as qualidades estilísticas do livro, e tendo-o à mão me leria parágrafos inteiros que havia sublinhado. O telefonema não veio, mas a espera surtiu o efeito de nos aproximar, eu e meu filho; montei seus presentes de Natal, um helicóptero da polícia, um carro de bombeiros, pus para andar um jacaré com controle remoto, comíamos juntos na cozinha, para a noite de Natal mandei a delicatessen entregar quatro panetones. Convidava-o para assistir ao telejornal na minha cama, já

conseguia até trocar algumas palavras com ele: quem é a moça bonita na televisão?

Mamãe. Quem é o amor do Joaquinzinho? Mamãe. Quem é que vem passar o AnoNovo com o papai? Mamãe. Então dorme: o meu chapéu tem três bicos, tem três bicos o meu chapéu, se não tivesse três bicos, não seria o meu chapéu.

Eu contava com a Vanda para a passagem do ano, até porque naquela noite não haveria telejornal que a prendesse em São Paulo. Poderíamos ver os fogos em Copacabana, e como nos primeiros tempos jogaríamos flores brancas ao mar, faríamos pedidos, nos beijaríamos na boca à meia-noite. Ano-novo, vida nova; no seu ouvido eu prometeria nunca mais a perder de vista, estando disposto a tudo para lhe dar provas do meu amor, inclusive ir morar em São Paulo. Eu de fato cogitava largar definitivamente a agência, os livros, minhas atividades profissionais. Talvez me tivesse mesmo acontecido, como a tantos artistas desgraçados, de se truncar a veia criadora na plenitude da vida. Mas a mim isso não angustiava, não seria motivo para eu me entregar à bebida, a religiões. Tampouco necessitaria viver recluso, ou sob disfarces, porque sendo um anônimo, e não um artista despojado da glória, estaria a salvo do escárnio público. Não afundaria em reminiscências, muito menos iria virar um trapaceiro, um escritor maroto, falsificador de minha própria escrita. E nem sequer passaria privações, pois já possuía algum pecúlio, sem falar que a Vanda deveria estar ganhando bem na televisão. E a partir de zero hora ela se espantaria de rever em mim aquele jovem arrebatado, sempre com o coração na boca, pronto a externar seus melhores sentimentos. Porque logo no início do casamento, ainda modesto escritor, fui para ela sem dúvida um marido admirável. Mas à medida que

aprimorava minha literatura, naturalmente comecei a me relaxar no trato com a Vanda. De tanto me devotar ao meu oficio, escrevendo e reescrevendo, corrigindo e depurando textos, mimando cada palavra que punha no papel, não me sobravam boas palavras para ela. Diante dela nem tinha mais vontade de me manifestar, e quando o fazia, era para falar bobagens, lugarescomuns, frases desenxabidas, com erros de sintaxe, cacófatos. E se alguma noite, na cama com ela, me viessem à boca palavras adoráveis, eu as continha, eu as economizava para futuro uso prático. Enfim, eu contava com a Vanda para a passagem do ano, mas já admitia que ela tinha motivos para não comparecer. Já

quase aceitava a idéia de ela estar com outro homem, quem sabe um modesto literato paulista que lhe desse a merecida atenção. O menino também a esperou horas de olho na televisão, e não teve jeito de ele entender que naquela noite não haveria o jornal. Assistimos a espetáculos pirotécnicos em Moscou, Atenas, Berlim, aquilo me parecia tudo igual, e acho que foi no reveillon de Lisboa que peguei no sono. Levavam uma sinfonia com orquestra e coral, que foi se esvaindo, se esvaindo, dando lugar a o meu chapéu tem três bicos a duas vozes, e não era um sonho a Vanda e a Vanessa ninando o menino, ambas de cabelos escorridos, brincos, colares de brilhantes, braceletes, vestidos longos de paetês. Levantei-me num salto, a Vanessa riu das minhas cuecas samba-canção e a Vanda se admirou que eu quisesse ir à festa.

Mas que calor ooô ...... no elevador já se ouvia a marchinha de Carnaval. Abriu-se a porta no último andar, e deparei com um fotógrafo, a câmera apontada para a minha cara. Cheguei a ver a minha cara na lente, os olhos saltados, a boca aberta, a fisionomia que tenho em todas as minhas fotos, fotos de passaporte. Vi o dedo indicador do fotógrafo a pique de premer o botão, e se retrair em seguida. Desvieime, e aí sim, ele fotografou a Vanda e a Vanessa risonhas, com um pé no salão e outro no elevador. Quedaram as duas assim uns segundos, como que surpreendidas em movimento, diante do fotógrafo igualmente congelado. Até que a Vanessa foi perdendo o sorriso, baixou o rosto, saiu de quadro, e ele fotografou a Vanda, uma, duas, três, quatro chapas. Olhei ao redor as pessoas todas de trajes claros, mais cintilantes que claros, e achei que meu terno cinzento naquela festa seria quase espalhafatoso. A marchinha de Carnaval saturava os amplificadores: atravessamos o deserto do Saara... e algumas pessoas se sacudiam sem sair do lugar. O imenso salão, repleto, terminava em vidraças de alto a baixo sobre a praia de Copacabana; luzes espocavam aqui e ali, e às vezes era difícil discernir os fogos na praia dos flashes cá dentro. Tomei a mão da Vanda, procurei para nós um canto mais tranqüilo, mas na verdade era ela quem

me conduzia, e ela buscava as luzes, ela a carregar meu corpo escuro. Finalmente vi sua mão soltar a minha, como a de um afogado, vi a Vanda a voar quase, a arremeter para o maior luzeiro do salão. Era uma bateria de refletores, onde acima de todas as cabeças resplandecia a careca vermelha de Kaspar Krabbe. Ele dava entrevista a um repórter que eu conhecia da tevê, ambos de summer jacket, ambos se esgoelando ao microfone, mas de onde eu estava só se escutava a marchinha: viemos do Egito... Logo surgiu o Álvaro, num smoking amarelo-ouro, exibindo para a câmera um exemplar de O Ginógrafo, e se abraçaram os três às gargalhadas: Alá, Alá, Alá, meu bom Alá..., pareciam cantar em coro. Foi quando o repórter chamou a Vanda, que entrou em cena esfuziante como nunca a vi. Esticou-se todinha para trocar dois beijos com Kaspar Krabbe, e pude ler nos seus lábios: absolutamente admirável. Abanou a cabeça e repetiu: absolutamente admirável. O sol estava quente e queimou a nossa cara... dizia a marchinha, e ao se apagarem os refletores, me desencontrei da Vanda. Zanzei pelo salão, zanzei, e quem me apareceu no caminho foi a Vanessa; deu-me uma taça de champanhe, fez tintim na sua e me puxou escada acima, para um terraço descoberto. Atravessamos o deserto do Saara... era um crooner à frente de uma orquestra de metais, todos fantasiados de havaianos, num palco atrás da piscina. A Vanessa se debruçou na balaustrada, apontou a praia, acho que me pediu para levá-la à praia, mas eu não a entendia. Nossas taças estavam vazias, saí atrás de um garçom e esbarrei no Álvaro, que vinha subindo a escada com uma mulher de traços fortes, parecendo um travesti. Cadê o alemão?, perguntei, mas ele consultou seu relógio e respondeu onze e meia, depois me estreitou os ombros e gritou no meu ouvido algo a respeito de estratégia de marketing, direitos autorais. Alalaô ooô

ooô... agora todo mundo cantava aos pulos, de braços erguidos, à beira da piscina. E na outra ponta da piscina avistei a Vanda, posando de novo para fotografias. Estava sentada meio de banda, as pernas dobradas sobre a borda, cobertas pelo vestido prateado, talvez posasse de sereia. Eu lhe levaria um champanhe, se encontrasse o garçom, mas aí vi Kaspar Krabbe se chegando a ela com duas taças na mão. Ela alçou a mão, fazendo o bracelete deslizar do pulso ao cotovelo, e mesmo àquela distância divisei o movimento lento de seus lábios: absolutamente admirável. Para contornar a piscina atravessei grupos de bêbados, de cheiradores de éter, de políticos, de americanos, de gays: Alá, Alá, Alá, meu bom Alá... Estaquei afinal diante da Vanda e de Kaspar Krabbe, sentados lado a lado, cara a cara. Fiquei ali de pé, balançando as pernas, vendo o alemão falar baixinho com a Vanda, e pela testa franzida, imaginei que lhe estivesse descrevendo seu doloroso processo de criação. Ainda aturei um bom tempo o

brilho nos olhos da Vanda, sem perceber que minha mão se crispava, e a taça vazia que eu empunhava de repente se partiu. Os cacos caíram aos pés do alemão, que nem assim parava de falar, e parecia remoer o mesmo assunto, sempre com aquela expressão compungida. E eu já decifrava mais ou menos as palavras em sua boca: eram longas noites de outono, diante de uma folha em branco, ou: eram folhas e folhas rasgadas, ao longo das noites em branco, ou: eram como folhas de outono caindo, meus longos cabelos brancos, e a Vanda: absolutamente admirável. Enfim cutuquei as costas dele, e em seu paletó

branco ficou impresso o sangue dos meus dedos. Só então ele me olhou, sem grande interesse, e de fato não convinha que me desse intimidade em público; para todos os efeitos, eu não passava de um datilógrafo que lhe prestava serviços. A Vanda, porém, era minha mulher e me olhou com igual fastio. Vá lá que meu terno cinzento a encabulasse, estando ela acompanhada de um cavalheiro vestido a rigor. Mas ainda que estivesse semi-nu, de cuecas samba-canção, eu era o seu marido, portanto lhe estendi a mão e disse: venha. Agitei a mão para apressá-la e disse: vamos dançar. Ela deixou no ar a minha mão, ficou com nojo da minha mão pingando sangue, e isso não podia ser, eu nunca tive nojo dos sangues dela. Agarrei seu pulso, levantei-a num repuxão, e ela ainda olhou para Kaspar Krabbe, que não mexeu uma palha. Saí pelo terraço com ela a reboque, ela aos tropeços por causa do salto alto. Alalaô ooô ooô... atravessei grupos de gays, de americanos, de políticos, o fotógrafo saltou na minha frente e tirou uma, duas, três, quatro fotos. A Vanda cobria o rosto, chorava, chutei o fotógrafo, passei pelo Álvaro, pelo travesti, passei diante da orquestra: mas que calor ooô ooô... Atrás do palco havia um corredor estreito, escuro, cheio de uns estojos pretos, como sarcófagos em forma de instrumentos musicais, e aquele era um canto tranqüilo, ideal para nós dois. A Vanda resistia, fincava pé, se agachava, e assim agachada eu a arrastei para aquela cova, onde já não brilhavam seus olhos, nem seu vestido, nem nada. Ali ela se pôs a espernear, decerto pensou que eu arrancaria sua roupa, que eu a espancaria e abusaria dela. Limitei-me porém a pôr a Vanda de pé, imobilizá-la com meu corpo, apertar seus quadris contra as tábuas do estrado, porque pretendia apenas estar um minuto a sós com ela. Nem gritar com ela eu queria, só esperava o final da algazarra para lhe dizer umas palavras. Segurei seus cabelos com as duas mãos, colei meu nariz no seu, senti seu hálito de champanhe, ou era o meu, senti nossos corações batendo, e assim permanecemos. Até que a orquestra em peso produziu um acorde seco, e antes que rebentassem aplausos, morteiros e gritaria, houve um átimo de silêncio. Naquele instante oco, com uma voz que não era a minha, lhe comuniquei: o autor do livro sou eu.

A última vez que encarei a Vanda, ela tinha os olhos bem abertos e o rosto iluminado pelos fogos de artifício: ouro, prata, azul, verde e rosa. Depois escapei pela escada, tomei o elevador trepidante, o edifício parecia vir abaixo com o foguetório. Cruzei a avenida, desci na praia apinhada de gente, exceto por umas clareiras com iemanjás de areia cercadas de velas. Cheguei à beira da água, de onde pessoas com saias suspensas e calças arregaçadas atiravam flores brancas ao mar. Quebrou uma onda mais forte, recuei para não molhar os sapatos; a espuma chegou aos meus pés e um ramo de lírios encalhou na areia. Significava um pedido recusado, por ambicioso demais, ou pouco intenso, ou enigmático, ou indecoroso, sabe lá. Colhi o ramo, com suas três flores ensopadas, mirradas mas ainda inteiras, e pensei em avançar mar adentro de terno e tudo, para atirá-lo além da arrebentação. Mas talvez Iemanjá se aborrecesse por ver aquele lírio repetido, um lírio que acabara de rechaçar. Lírios, no entanto, são lírios, são todos iguais, e ela não haveria de estar ali julgando lírios, mas sim pedidos. Então fechei os olhos e cheguei a dar dois, três passos, até atinar que não tinha pedido nenhum para fazer. Eu que, sem acreditar em Iemanjá, sempre lhe lancei oferendas e fui atendido, agora era um homem crédulo com uma oferenda inútil na mão. Só se lhe pedisse para eu não ter dito o que tinha dito à Vanda. Só se lhe pedisse para rasurar aquelas palavras, trocá-las por outras quaisquer, cortá-las da minha história, mas a um pedido desses nem a rainha do mar pode atender. Então larguei os lírios e fui andando devagar na areia fofa até o forte de Copacabana, depois pela praia de Ipanema, e vi o sol nascer do mirante do Leblon. Entrei em casa na surdina, a porta do quarto estava aberta, a Vanda ainda usava o vestido prateado. Dormia toda encolhida, abraçada a si mesma, e desviei os olhos, tive medo de sentir desejos. Puxei a mala do alto do armário, joguei umas roupas dentro dela e a fechei depressa. Do fundo falso de uma gaveta retirei meu passaporte, meu cartão de crédito, algum dinheiro, dólares, forintes. Devo ter feito algum ruído ao deslocar a mala, porque Vanda falou: José. Já estava no meio da sala quando ouvi: eu vou esquentar tua sopa.

Grande senhor

Grande senhor comedor de merda. Kriska dava tapas na mesa, não tolerava que o filho falasse merda na hora do jantar. Grande senhor chupador de pica. Eu engolia calado minha porção de frango, meu repolho, a água, o pão, e contudo para mim eram alegres as noites em que Pisti vinha para casa. Nas outras eu chegava do trabalho, escutava fitas, tomava notas, esquentava qualquer coisa no microondas, lavava a louça, armava meu catre na despensa, fechava os olhos e inventava países. Inventava cidades históricas, vulcões, dava nome aos grandes

rios e seus afluentes, e com sorte pegava no sono. Mas acordava quase sempre com a voz de Kriska, fora do tom. Ela entrava a altas horas porque tinha dado para beber vermute, e quando bebia muitos vermutes, trazia homens para casa. E quando trazia homens para casa, fazia questão de me exibir ali deitado: eis o indivíduo de quem te falei, e o homem: e aí reside a infeliz criatura, e ela: aí reside o indivíduo. Depois iam para o quarto dela e nem tinham a delicadeza de fechar a porta. Então eu me sentava no catre, colocava os fones de ouvido e ligava o gravador de rolo a todo o volume para não ter de escutar mais nada. Escutava sonetos, dramas, diálogos, solilóquios, mas naquelas circunstâncias preferia as grandes polêmicas, ainda que perdesse metade das palavras, com todo mundo falando ao mesmo tempo. Penosas eram as pausas na gravação, as reticências dos poetas, a voz debilitada dos oradores mais velhos. Ou o momento de trocar a fita, quando eu era obrigado a emitir uns sons incidentais, fazia nham nham nham, nhom nhom nhom, e mesmo assim às vezes ouvia gemidos no quarto. E se me excedesse nesses meus sons, eles no quarto caíam às gargalhadas; Kriska até hoje pensa que nham nham nhom nhom é a língua falada na América do Sul.

Quando me arrumou o emprego, Kriska falou: é trabalho braçal, para imigrantes como tu. As palavras eram ultrajantes, mas o emprego não, pelo contrário; não fossem as relações de Kriska no Clube das Belas-Letras, dificilmente admitiriam em seu convívio um estrangeiro, claudicante no idioma. Se bem que aqueles intelectuais, às voltas com a semântica, a semiologia, a hermenêutica, nunca se dirigiam a subalternos. E para empurrar móveis, instalar microfones, ajustar o som, poucas palavras de húngaro me bastavam: com licença, testando, um, dois, três... Ao final da jornada, carregava o gravador para casa com o pretexto de sua manutenção, e escutava as fitas sem cessar, a fim de aprimorar meu aprendizado da língua. Na manhã seguinte voltava com o aparelho nas costas, deixava as fitas no gabinete, retirava outras tantas fitas virgens e retomava meu posto num canto da biblioteca. Assim que entrava o primeiro sócio do clube, eu acionava o gravador, tendo um sobressalente engatilhado, porque nenhuma palavra pronunciada no recinto podia se perder. Às vezes fitas inteiras rodavam em branco, estando os beletristas mergulhados em leituras, ou a meditar, ou a fazer anotações, ou a cochilar em suas poltronas. Mas antes de cair a tarde, quase sempre alguém propunha uma questão da atualidade, de relevância cultural, para apreciação dos colegas. Também se discutiam clássicos da literatura, quando não era um poeta que se punha a declamar versos inéditos, tomado de súbita inspiração. E nas noites de sábado o auditório do Clube das Belas-Letras era aberto ao público para exibições dos literatos, embora literatura, cá para mim,

seja das artes a única que não precisa se exibir. Eu chegava com três horas de antecedência, revisava fiações, cabos, plugues, enfileirava as mesas, cobria-as com uma toalha preta, atrás das mesas colocava as cadeiras, e defronte de cada cadeira um microfone. Minutos antes de se abrirem as cortinas, arranjava os copos e as garrafas de água mineral e me sentava na coxia, à mesa de som. Dali, esticando o pescoço, eu podia ver parte da platéia sem ser visto, podia ver se Kriska estava acompanhada ou não, pois ela sempre se sentava na primeira fila. E ainda que permanecesse no escuro, em tais ocasiões eu usava gravata e um terno azul-marinho adquirido no mercado búlgaro, em bom estado. No mesmo mercado eu já comprara, com o adiantamento do primeiro salário, uma boina apertada e um enorme casaco de pele de urso, que não tirava nem para dormir. Porque despensas não têm calefação, e aquele foi um inverno duro até para os europeus, que dirá para mim, que vinha despreparado. Na mala feita às pressas eu não trouxera roupa de lã suficiente, nem cuidei disso ao chegar, contando com o capote e o gorro que Kriska guardava em casa. Eu não acreditava que ela me receberia aos beijos, depois de minha partida intempestiva, mas tampouco a imaginava recusando a um homem friorento agasalhos que nem o cheiro dela tinham. O capote e o gorro de um ex-marido, eu poderia argumentar que de algum modo eram mais meus que dela. Mas Kriska não estava para conversas. Acho que Kriska só me fez entrar em casa porque não queria problemas com a polícia, caso eu viesse a falecer no seu portão.

Telefonar para Kriska tinha sido minha primeira providência, assim que me hospedei no Hotel Plaza. Deixei-lhe minhas coordenadas na secretária eletrônica, com pronúncia caprichada, e esperei em vão que me ligasse de volta. No segundo dia lhe mandei flores e um bilhete: Querida Kriska, em Budapeste eternamente estou, Kósta. Nada. No terceiro dia resolvi buscá-la à saída do manicômio, vi na janela um vulto que parecia o seu, mas se ela saiu, foi por alguma porta dos fundos. Anoiteceu, tomei o metrô, fui ao 84 da rua Tóth e interfonei para a casa 17. Toquei, toquei, ninguém respondeu, o frio apertou, o metrô estava fechado, voltei ao hotel em marcha batida. Na outra tarde me identifiquei no manicômio, perguntei por Kriska, mas a mulher que me atendeu ficou só me olhando, devia ser uma paciente. Fui à

porta dos fundos, contornei o manicômio sete vezes, passei nos cafés que outrora freqüentávamos, eu já me convencia de que Kriska viajara para alguma estação de esqui, ou de patinação no gelo. Rumei para sua casa por força do hábito, sem muita fé toquei o interfone, e ao ouvir o alô de Pisti, exultei: aqui amigo Kósta!, aqui goleiro Kósta! Pisti nada disse, não me abriu o portão elétrico, me deixou

um bom tempo plantado ao relento. Meus dedos já estavam dormentes, minha orelha parecia uma casca de vidro quando ele voltou ao interfone, fez voz grossa e afirmou que naquela casa não morava mais a Senhora Fülemüle. No quinto dia eu estava com os pulmões chiando, não sei se por causa dos cigarros Fecske ou já um princípio de pneumonia. Decidi comprar luvas, uma boina e um sobretudo de cashmere num grande magazine, e quando fui pagar, a mulher recusou meu cartão de crédito. Motivo qual vos detém?, perguntei, mas a funcionária era nervosa, creio que falava em dialeto, nem quis olhar meu passaporte. Parei num caixa eletrônico, digitei minha senha, apareceu um aviso incompreensível e o dinheiro não saiu. Repeti a operação, a tela escureceu, a máquina engoliu meu cartão. Pensei na hora, é o Álvaro; bloqueou minha conta bancária como forma de chantagem, para me ter de novo escravizado no quartinho da agência. Depois pensei melhor: é a Vanda que me quer de volta, para me levar às festas, para me apresentar a uma porção de amigos, a quem terá confidenciado: meu marido é o verdadeiro autor de O Ginógrafo. Fiquei um momento ali encarando a tela, mas insultar a máquina seria tão descabido quanto dar pontapés na Vanda, por repetir o que eu mesmo lhe dissera. Enfiei-me nas ruas mais agitadas de Pest, entrei e saí de shoppings, desci e subi de estações de metrô, procurei bares repletos de gente falando húngaro; julguei que assim conseguiria tirar da cabeça as palavras que dissera à Vanda. Conseguia, mais ou menos, sempre sabendo que elas estavam por ali, que nem uma música de fundo, que nem um zumbido constante atrás do meu pensamento. Para esquecer aquelas palavras, talvez fosse necessário esquecer a própria língua em que foram ditas, como nos mudamos da casa que nos lembra um morto. Talvez fosse possível substituir na cabeça uma língua por outra, paulatinamente, descartando uma palavra a cada palavra adquirida. Durante algum tempo minha cabeça seria assim como uma casa em obras, com palavras novas subindo por um ouvido e o entulho descendo por outro. Sem dúvida me daria pena ver se desperdiçarem tantas palavras belas, azulejos, por culpa de umas poucas peças que eu usara de forma desastrada. Mas em contrapartida, uma vez livre de todo o vocabulário latino, com o apoio de Kriska eu estaria apto a falar um magiar castiço. E se Kriska teimasse em não me receber, eu aprenderia de qualquer jeito o húngaro das esquinas, das putas, das cervejarias, de uma espelunca onde bebi naquele fim de tarde e noite afora até

fecharem as portas. Quando saí na rua, caía uma chuvinha fina que me obrigou a andar depressa, a correr, a desembestar em direção a Buda. E já estava no meio da ponte quando me dei conta de que não podia voltar ao hotel. Meu nome, num cartão de crédito confiscado, àquela altura já devia constar de alguma lista negra, e a qualquer momento o gerente do Plaza exigiria a quitação das despesas. Eu

gastara meus últimos forintes em cerveja e cigarros, portanto seria detido e repatriado, inapelavelmente. Dei meia-volta, corri três quilômetros, caminhei outros tantos, cheguei me arrastando ao portão de Kriska. Toquei o interfone, rezei para que ela me respondesse, chovia forte e eu estava ensopado. Quando fui tocar de novo, já

não conseguia sequer erguer a mão que, rígida e acinzentada, com os dedos colados uns aos outros, mais parecia a pata de um bicho estranho, voltada para dentro do braço. Pensei em procurar um abrigo qualquer, uma garagem, um mausoléu de cemitério, mas meus joelhos emperraram, eu não saía do lugar. Eu sem querer estava ficando corcunda, e enterrar o pescoço nos ombros me proporcionou algum conforto. Crispei o rosto, cerrei os olhos, meti o queixo no peito, enquanto tivesse fôlego eu poderia baforar meu peito, aquecê-lo um pouco com meu vapor. A friagem nas pernas também se atenuava, porque eu não sentia mais as pernas, que de repente se dobraram, não sei como. Caí de joelhos e dei com a testa nas grades de ferro do portão, mas o choque não me doeu, somente seu som repercutiu dentro da minha cabeça. Depois tive a sensação do sangue morno me descendo pela cara, e pensei que naquela posição daria para dormir um pouco. Assim estava quando ouvi às minhas costas um motor de carro, portas batendo, umas risadas, passos, ouvi a voz de um homem: e isso agora o que é?, e uma voz de mulher: é o indivíduo de quem te falei, e o homem: a infeliz criatura está à beira da morte, e ela: está à beira da morte o indivíduo em meu portão.

Despertei de pijama num divã, debaixo de cobertores, a cabeça enfaixada, olhei para Kriska e tive um pouco de medo de seus lábios delgados. Desatei a falar da minha penúria, da minha condição de sem-teto em Budapeste, me disse perseguido político em meu país e repetidas vezes a ouvi suspirar. Mas era por causa do meu húngaro, tão precocemente deteriorado, que ela se condoia. E me fez calar, magoada com razão, porque o idioma assim desaprendido, para ela, devia ser como a branca pele dela que eu teria esquecido tão depressa. Ordenou que eu me levantasse, e comecei a tremer inteiro de antemão, dando por certo que iria para o olho da rua com febre e tudo. Mas Kriska foi boa, me alojou em sua despensa, onde eu dispunha de um catre de lona e uma manta curta, dessas de avião. Ali convalesci durante não sei quantos dias, porque era um ambiente fechado com uma lâmpada de duzentos watts sempre acesa. Só me mexia para ir ao banheiro, e no espelho eu tinha alguma idéia do passar do tempo, pela barba a crescer, pela gaze apodrecendo em torno da cabeça; depois do banho, vestia de novo o pijama sujo e com nojo de mim voltava a me deitar. Vez por outra via

Kriska de relance, quando ela trocava meu prato e me deixava um copo d'água e um pires com o antibiótico. Falar, quase não me falava, talvez por uma questão de recato, da mesma maneira que nem o cachecol despia na minha frente. E assim segregado, eu tinha como passatempo roer as unhas, coçar a testa, ficar puxando os sete pontos na testa, fitar a luz no teto até lacrimejar e cantar músicas de Carnaval, na tentativa de abafar recordações indesejáveis. Daí que meu já pobre húngaro, em plena Budapeste, só

podia caducar. O húngaro que eu ouvia eram vozes ao longe, indistintas, vozes de rádio ou brigas de vizinhos. Ou era Pisti que metia a cara na despensa, gritava qualquer coisa, e me soava a turco. Ou era, no meio do sono, a voz alterada de Kriska, misturada a vozes de homens desconhecidos, e o que falavam não fazia sentido. Um dia Kriska me trouxe uma bandeja com pães de abóbora, passou-os fumegantes sob o meu nariz e perguntou: hány? Hány, pensei, hány significa quantos. Eu ia pedir cinco, mas na hora não me lembrei de como se dizia cinco, nem quatro, nem três, nem nada. E ao perceber que meu húngaro estava mesmo por um fio, Kriska se alarmou; me querer bem, já não queria, porém era mulher, e decerto não gostaria que eu me alheasse dela completamente. Logo me deu alta e me arranjou o emprego; pareceu me dizer que eu precisaria trabalhar como um mouro, para lhe pagar casa e comida.

Quando saiu O Colar de Ameixas, livro de contos de Hidegkuti István, eu já conhecia algumas passagens que o autor havia lido no clube em primeira mão. A caminho do mercado búlgaro, onde ia comprar um ventilador, vi o livro numa vitrine e optei por ele, após constatar que um livro novo custava o mesmo que um ventilador usado. Li os contos suando em bicas, porque no verão a despensa é uma estufa, e não obstante fiquei encantado, nem sei se pela prosa em si ou por ter compreendido uns oitenta por cento dela, podendo adivinhar o resto. Antes daquele livro, eu só havia lido em húngaro as atas diárias do Clube das Belas-Letras. Mas essas eram leituras facilitadas para mim, que presenciava as reuniões e tantas vezes as estudava no gravador. No final do verão até comprei uma velha máquina portátil e me meti a transcrever algumas fitas, para cotejar com o texto da ata e avaliar meus progressos na escrita. Tomei gosto, e ao cabo de um ano, erros ortográficos eu quase não cometia. E achei que, se Kriska olhasse meus exercícios, haveria de se orgulhar de seu ex-aluno; embora ainda me dispensasse poucas palavras, ela agora jantava comigo mais amiúde, costumava beber seu vermute em casa. Portanto eu arrematava a transcrição das fitas antes do jantar, levava as folhas datilografadas para a mesa e as deixava ali como esquecidas, depois do café. Lavava minha louça e me sentava na despensa,

de onde ouvia a opereta húngara que Kriska punha para tocar. E se Pisti não estivesse em casa, ela aumentava o volume a cada nova ária e soltava a voz em uníssono com a soprano. Quando cessava a musica, eu ia à sala e encontrava ao lado do abajur, sob a garrafa de vermute, meu trabalho corrigido a lápis vermelho. E folgava de ver que a maioria dos erros assinalados não eram meus, mas dos insignes literatos húngaros, que em tom de colóquio ou no calor dos debates, também incorriam em deslizes gramaticais. Então eu passava o trabalho a limpo e na manhã seguinte o entregava ao escrivão do clube, junto com as fitas. O

velho Puskás Sándor espiava à sua volta e, zás-trás, embolsava a papelada como se fosse uma propina. Não me agradecia, claro, nem me olhava na cara, meio envergonhado por receber seu serviço pronto e sem mácula, com que se desobrigava de perder o dia caso aparecesse no seu gabinete sem as transcrições, cravava os olhos em mim e rosnava: lusta vastagbörü, ou seja, preguiçoso paquiderme. Mas não era culpa minha se de quando em quando Kriska tinha suas recaídas, demorava na rua, chegava em casa incapacitada para me ajudar. Apesar de que, graças às suas aulas tácitas, com mais uns meses eu assimilaria a norma culta da língua, me habilitando a retocar por conta própria o húngaro dos maiores escritores da Hungria. Para tanto eu labutava sem trégua, renunciava a todo lazer, mesmo as tardes livres de domingo passava debruçado sobre o material da noite anterior. Como aquele domingo de primavera em que eu penava para transcrever uma conferência sobre onomatopéias, de que a língua magiar é sabidamente rica. Porém alguns conferencistas, talvez forçando a mão, viam sons da natureza na etimologia de tudo quanto é palavra. E para sustentar suas teses, emitiam estranhos ruídos de boca, fonemas primitivos, simulavam vozes de animais. Ainda por cima se ouvia o tempo inteiro, nos quatro canais da gravação, uma batida metálica, pléhek pléhek, e a mim cabia dar forma literal a todos esses sons. Também registrei, com os devidos reparos, manifestações do auditório e bate-bocas entre os membros da mesa, pois o tema era controverso, suscitava protestos, deboches, insultos pesados, e quanto mais se exaltavam os ânimos, mais o vernáculo padecia. Encerrei o trabalho exausto, e enquanto rebobinava a última fita, e mesmo depois de retirar os fones, continuava a ouvir: pléhek pléhek. Fui à janela, e só então entendi que aquilo era Kriska, andando de patins em frente de casa. Acho que a primavera fazia bem a ela; estava corada, usava uma saia curta, e naquela noite, em vez de comida descongelada, serviu um espaguete à bolonhesa preparado na hora. Também me mandou abrir um vinho italiano que apenas degustei, receoso de que me fosse debitado no fim do mês. E antes do café, alcançou os papéis que eu levara à mesa e os começou a ler

na minha frente. Não sei se era por causa do chianti, ou da primavera, não sei se era benevolência dela, mas Kriska nem pestanejava ao percorrer minhas páginas; um cigarro se esfumou entre seus dedos, e ao lado de seu prato o lápis vermelho permanecia intocado. Ao terminar a leitura, abaixou o rosto e disse: feddhetetlen, ou seja, irrepreensível. Disse a palavra com um tremor na voz, e percebi que seus olhos marejavam. Percebi que Kriska tornara a me querer bem. E provavelmente imaginava que eu lhe viraria as costas, tão logo desvendasse o idioma húngaro por completo. Então cobri sua mão com a minha e lhe disse: serei para sempre teu discípulo humilde e grato. Ainda com uma lágrima a lhe descer na face, ela sorriu e disse: fala mais, por Deus. E eu: as melhores palavras que sei emanaram de ti, devem a ti seu vigor e sua beleza. E ela: só mais uma vez, suplico-te. E eu: será somente teu o meu verbo, dedicar-te-ei meus dias e minhas noites. Foi quando Kriska disse que era muito engraçado meu sotaque. Para algum imigrante, o sotaque pode ser uma desforra, um modo de maltratar a língua que o constrange. Da língua que não estima, ele mastigará as palavras bastantes ao seu oficio e ao dia-a-dia, sempre as mesmas palavras, nem uma a mais. E mesmo essas, haverá de esquecer no fim da vida, para voltar ao vocabulário da infância. Assim como se esquece o nome de pessoas próximas, quando a memória começa a perder água, como uma piscina se esvazia aos poucos, como se esquece o dia de ontem e se retêm as lembranças mais profundas. Mas para quem adotou uma nova língua, como a uma mãe que se selecionasse, para quem procurou e amou todas as suas palavras, a persistência de um sotaque era um castigo injusto. Estava eu às vezes na cama com Kriska, louvando suas sobrancelhas grossas ou seu ventre nu, e de repente, era como se lhe tivesse feito cócegas: pára, Kósta, por Deus, pára, e se contorcia de rir. Onde foi que eu errei, em qual consoante? Pára, pára, Kósta, suplico-te. Com Pisti eu também passava por embaraços, malgrado minha determinação de lhe impor respeito, agora que o tinha mais ou menos como enteado; exigia ver suas notas na escola, conferia suas redações, achava um absurdo estudantes do ensino médio não saberem empregar o infinitivo pessoal. Estudantes de quê? Eu repetia: kõzépiskola, que é como se chama o curso secundário. E Pisti: não entendi. E eu: kõzépiskola. Ele: de novo. Eu: kózépiskola, não é assim que se diz? Não, idiota, é kózépiskola, e o pior é que eu não percebia a diferença. Eu me empenhava em falar um húngaro tão rigoroso que talvez por isso mesmo ele às vezes soasse falso. Talvez uma palavra aqui ou acolá, pronunciada com esmero excessivo, chamasse a atenção como um olho de vidro mais real que o bom. Por via das dúvidas, no Clube das Belas-Letras, embora tentado, eu não dava um pio. Ao revisar as atas, em compensação, já não me limitava a corrigir equívocos de linguagem. Porque nem mesmo escritores do calibre de um Hidegkuti lstván, por

exemplo, podiam se mostrar inspirados todo santo dia. Algumas reflexões assaz ordinárias, na boca de finos intelectuais, eu próprio já havia transcrito em ata, a contragosto. E não raro elas eram reproduzidas na edição mensal da Revista das Belas-Letras, que circulava sobretudo no meio acadêmico. Então, para preservar a reputação de uns e outros, fui tomando a liberdade de substituir certas baboseiras por tiradas de espírito, de minha autoria. Era um jogo arriscado, porque se minha intervenção não fosse do agrado do sujeito, a culpa recairia sobre o escrivão. E o velho Puskás, mesmo passando por relapso, para salvar seu emprego seria capaz de me sacrificar. Porém aqueles senhores nunca se queixaram de minhas palavras, antes, volta e meia as recitavam como se de fato fossem suas: conforme eu disse outro dia... E furtivamente olhavam para o velho, que se inflava todo e nem furtivamente olhava para o meu canto. Dispondo de largo tempo ocioso, Puskás Sándor passara a freqüentar a biblioteca, onde gozava de crescente prestígio. E nas sessões públicas de sábado, se sentava à mesa entre celebridades como o prosador Hidegkuti e o poeta Kocsis Ferenc, nos bastidores era cumprimentado mesmo pelo esquivo Sr... Quanto a mim, já que estava liberado de pagar pensão a Kriska, acabei por subcontratar um sonoplasta búlgaro para operar o gravador. E me instalei no gabinete do velho Puskás, certo de que ele não se incomodaria de me emprestar sua cadeira giratória. Ali eu atendia a alguns telefonemas, lia romances, ensaios, lia os jornais, as notícias de política local, os cadernos culturais, as páginas de esporte, até os classificados. E um dia tive a idéia de publicar um anúncio, me oferecendo para redigir monografias, teses, discursos e peças de ficção, no Clube das Belas-Letras. Não sei se era muito ético divulgar o endereço do clube com objetivos pessoais, ou mesmo dar expediente extra em suas dependências. Porém me parecia improvável que os membros do clube, homens de sofisticadas leituras, se dessem a ler classificados; em todo caso, para evitar problemas assinei o anúncio com o nome de Puskás Sándor, escrivão. E fiz imprimir em negrito a palavra bizalomgerjesztó, isto é, confidenciabilidade.

O anúncio saiu no Magyar Hírlap de domingo, e já na manhã de segunda-feira atendi a dois clientes, um jovem estudante de letras e uma funcionária aposentada de cabelos roxos. Esta, logo descartei porque me solicitava uma poesia, coisa que nunca escrevi; ademais, era uma desavisada, pretendia ser destinatária do poema, em papel timbrado com a chancela do Clube das Belas-Letras. O rapaz por sua vez me encomendou uma dissertação de cinco laudas sobre o dialeto székely. Como a matéria não me era estranha, lhe garanti a entrega do trabalho em vinte e quatro horas, pelo preço de cinco mil forintes, sem recibo. Possivelmente o mais rudimentar dos dialetos húngaros, o székely é

praticado na Transilvânia oriental. Assim principiava, em letra de mão, num caderno virgem aberto sobre a mesa de ébano do velho Puskás, minha primeira redação em húngaro. Praticado na Transilvânia oriental, o székely é possivelmente o mais rudimentar dos dialetos húngaros. Dos dialetos húngaros, o székely, praticado na Transilvânia oriental, é possivelmente o mais rudimentar. Rudimentar, possivelmente o mais dos dialetos húngaros... Findou a tarde, o clube fechou as portas e eu não avançava na tarefa. Voltei para casa agastado, recusei o jantar e me isolei na despensa, que mantinha como escritório particular; liguei o computador, o aquecedor elétrico, acendi um cigarro. Na Transilvânia oriental... Deixei um pouco de lado a redação e me forcei a retomar meu serviço cotidiano, os fones de ouvido, a transcrição das fitas, a revisão do texto. Aprontei a ata, Kriska cantarolava no quarto, mas eu ainda não podia ir para a cama, estava em jogo meu futuro profissional. Székely, possivelmente o mais rudimentar dos dialetos húngaros... Não havia um mês, por acaso, na fila da tabacaria, um tipo esquisito na minha frente pedira um pacote de cigarros Facské. Corrigi-o: com licença, cavalheiro, a pronúncia correta é fecske. Mas ele teimou: facské. Apontei a propaganda ali na cara dele, mostrei-lhe o desenho da andorinha, sublinhei a marca, letra por letra: é fecske, não sabe ler? E ele, grunhindo: facské. É fecske. Facské. Poderíamos chegar às vias de fato, não fosse pelo tabaqueiro, que mediou a pendenga; estávamos ambos cobertos de razão, eu com meu linguajar escorreito de cidadão budapestino, e ele com seu legítimo dialeto da terra székely. Acabei confraternizando com o campônio; levei-o a um café da praça Czibor, ofereci-lhe quatro ou cinco aguardentes e peguei algumas manhas da sua língua. Depois andamos por ruas de Pest que ele não conhecia, jogamos boliche, comemos salsichas, na sex shop ele se esbaldou, saiu falando peito, boceta e cu em dialeto. Seguimos para um shopping center, insisti para que subisse na escada rolante, entramos em várias butiques, ele comprou óculos escuros, ganhou de brinde um boné inglês, tomamos cerveja no terraço panorâmico, mas aí me enjoei do jeito dele. Paguei minha despesa, me levantei, desci a escada rolante e ele veio atrás. Estava inconveniente, deu para falar alto demais, falava peito, boceta e cu, e mesmo em dialeto todo mundo entendia aquilo. Atravessei a rua fora da faixa, ele me alcançou, pulei para dentro de um táxi, ainda o ouvi falar facské, facské, e quase esmaguei seus dedos ao bater a porta. Graças àquele episódio, porém, passei a me interessar pelos diversos dialetos húngaros. Apanhei uns livros na biblioteca e colhi um bocado de informações a respeito, sem imaginar que pudessem me servir tão cedo. Mas ainda que fossem parcos meus conhecimentos lingüísticos e antropológicos, eu julgava dispor de recursos de estilo suficientes para encher com brilho laudas e laudas de um trabalho universitário. E entretanto, na Transilvânia oriental...

Fumei, fumei, ensaiei escrever sobre outra coisa, um objeto à minha mão, o maço de cigarros, por exemplo. Esbocei algumas linhas inspiradas no meu maço de cigarros, ganhei alento, fui em frente. Até comecei a me divertir, a achar graça na inusitada feição de minha própria escrita. As frases eram minhas, mas não eram frases. As palavras eram as minhas, mas com outro peso. Eu escrevia como se andasse em minha casa, porém dentro d'água. Era como se meu texto em prosa tomasse forma de poesia. Eu não sabia escrever poesia, e todavia estava escrevendo um poema sobre andorinhas. Sei que era poesia, porque intraduzível, a não ser para o dialeto székely, onde na palavra andorinha, facské, também soa esse bater de asas, fecske. Concluí o poema e muitas vezes o reli na tela, em voz baixa, embasbacado. E ao divisar através da fumaça o vulto de Kriska, lhe disse que eu era um homem feliz e que iria já, já para a cama. Kriska me respondeu que lá fora fazia sol e que eu estava com cara de doido. Mas não, eu estava era mordendo a língua, porque não podia lhe revelar que fora um escritor, em minha língua nativa. Nem ela iria acreditar se eu lhe dissesse que na língua húngara me tornei poeta, simplesmente.

Nas palestras de sábado à noite eu assumia a mesa de som, para evitar que Kriska soubesse do sonoplasta búlgaro; ela na certa me perguntaria o que eu andava fazendo em minhas horas livres. E as horas livres eu passava à toa no gabinete do escrivão, à espera de clientes que se interessassem por poesia. Meu único poema, o da andorinha, eu guardava no bolso do paletó azul-marinho, manuscrito em papel timbrado do clube. Contava vendê-lo à funcionária aposentada que o encomendara, e era à procura dela que eu esticava o pescoço na coxia, nas palestras de sábado à

noite. Especialmente durante as apresentações de Kocsis Ferenc, o emérito poeta, o bem-amado de todas as aposentadas de cabelos roxos. Vendo-as porém reunidas no auditório, eu não conseguia distinguir a minha. Eram dezenas de senhoras que aguardavam Kocsis Ferenc boquiabertas, tendo o costume de acompanhar seus poemas em coro, como a um cantor de antigos sucessos. Tais poemas até eu já

sabia de cor, pois Kocsis Ferenc repetia sempre os mesmos. E fechava a exibição com seu carro-chefe, um poema épico que as aposentadas declamavam num crescendo, para culminar no verso: egyetlen, érintetlen, lefordíthatatlan! Esse verso eu tinha a impressão de conhecer de um tempo distante, antes ainda de conhecer o idioma; Kocsis, ele mesmo me lembrava um poeta húngaro que eu avistara no Brasil, muitos anos atrás. Mas além das marcas do tempo, havia

estragos de outra natureza a separar aquele poeta altivo deste senhor de olhos baços. E eu me compadecia dele nas noites de sábado porque, tirante as mulheres de cabeça roxa, o público não o recebia bem. À simples menção de sua presença, se ouviam muxoxos na platéia. Comentários irreverentes eram lançados nas brechas de seus versos, e gente mais jovem, ou exigente como Kriska, abandonava a sala em pleno recital. Seus colegas de mesa se entreolhavam, cochichavam, riam às esconsas, e o Sr...., assíduo nos bastidores, me fazia sinal para sustar a gravação, que eu já

sustara. Tampouco era favorável a Kocsis Ferenc o clima na biblioteca, em dias de semana, talvez por lhe faltarem as boas graças do Sr..... No âmbito do Clube das Belas-Letras, o Sr.... exercia grande influência, mesmo sendo homem de poucas palavras, sem obra publicada, que eu então soubesse. A todos ouvia com interesse, se não com paciência, mas quando era Kocsis Ferenc a se pronunciar, olhava para o chão e abanava a cabeça. Era o bastante para o poeta perder o rumo, e seus já

turvos pensamentos ficavam inconclusos, suas raras intervenções eram eliminadas na edição da ata. Ultimamente, aliás, quando vinha ao clube, ele passava na biblioteca apenas para assinar o livro de presenças, depois saía a vagar pelos corredores. Falava sozinho, silabava palavras na ponta dos dedos, e um dia invadiu o gabinete esbaforido. Papel, me pediu algum papel com urgência, e sem pensar duas vezes lhe passei o caderno novo em folha que eu tinha comprado para minhas futuras poesias. Sentou-se à minha frente, do outro lado da mesa de ébano, na cadeira reservada para meus clientes. Abriu o caderno, tirou do bolso uma caneta antiquada, desenroscou a tampa com dificuldade, e sua mão tremia, tremia como se escrevesse freneticamente, no ar. Mas nem bem pousou a pena no papel, passou a tremedeira, a mão se imobilizou, palavra nenhuma aconteceu. Olhei o semblante do poeta, vi gotas de suor nos sulcos de sua testa, vi dentes amarelos, pensei que o poeta estivesse rindo, mas era um ricto da sua boca. Depois seus nervos foram se distendendo, seus ombros cederam, seu corpo inteiro afrouxou, a caneta escorregou de sua mão, e com a boca mole Kocsis Ferenc disse: perdi. Retirou-se devagar sem falar mais nada, nem tinha por que falar, não devia sequer saber direito quem era eu. E no entanto, bem ou mal, ele tinha inaugurado meu caderno de poesia. Deixara um ponto negro no alto da primeira página, ali onde havia fincado a pena. E a partir daquele ponto escrevi um verso, depois outro, e mais um. Li meus três versos e fiquei satisfeito, talvez fossem aquelas mesmas as palavras que Kocsis Ferenc vinha perseguindo anos a fio. No dia seguinte escrevi nova

estrofe de três versos que com certeza Kocsis também gostaria de haver escrito. Já os três versos do terceiro dia me pareceram de um nível mais elevado, conquanto ainda lembrassem, longinquamente, o estilo de Kocsis Ferenc. Daí em diante, a cada dia me ocorria uma estrofe melhor que a da véspera, e completei meu caderno de poesia com versos que Kocsis Ferenc jamais sonhara escrever. Antevi seu assombro quando batesse os olhos naquela obra, assinada com seu nome, e comovido decidi nada cobrar por um trabalho que, no fim das contas, nada me custara. Certa manhã o segui à distância pelos corredores até vê-lo entrando no banheiro. Mijávamos lado a lado, quando em silêncio lhe entreguei o caderno com o extenso poema, intitulado Titkos Háromsoros Versszakok, ou seja, Tercetos Secretos.

A língua magiar não se aprende nos livros. O que disseste? A língua magiar não se aprende nos livros, repeti dentro do ouvido de Kriska. Era para lhe recordar a primeira frase que ela me dissera, quando de nosso primeiro encontro naquela mesma livraria. Kriska custou a entender, depois me sussurrou qualquer coisa a que já não dei atenção, porque eu tentava escutar os cochichos de um casal atrás de mim. Apesar de reunir um mundo de gente, o lançamento de Tercetos Secretos transcorria numa atmosfera quase reverencial. Um quarteto de cordas tocava no mezanino e não era fácil pescar uma palavra no burburinho das pessoas que empunhavam, exibiam, alisavam, folheavam, falavam do livro pelos cantos. Cinegrafistas filmavam um documentário com Kocsis Ferenc e a fila de autógrafos não progredia. Sempre que chegava à mesa um artista, uma mulher glamorosa, Kocsis se levantava, lhe estendia a mão, tornava a se sentar, se levantava, lhe estendia a mão, tornava a se sentar, e assim repetidas vezes, para que a cena fosse registrada de diversos ângulos. De repente entrava um ministro ou um senador, comitivas oficiais furavam a fila, a fila andava para trás e íamos parar debaixo da marquise. Estávamos apanhando chuva quando me insurgi: é inconcebível que um acontecimento cultural desta envergadura se transforme em rega-bofe para privilegiados. Kriska me pediu para baixar o tom, mas os vizinhos de fila me apoiavam com acenos de cabeça. Não, Fülemüle Krisztina, não é justo que padeçam no sereno os verdadeiros aficionados da alta literatura. Naquela noite senti que meu falar húngaro atingia a perfeição, talvez levemente nasalado, à maneira das velhas famílias de Buda, e vários sujeitos vieram me apertar a mão. Acompanha-me, Fülemüle Krisztina, já basta de estarmos a andar de costas em meio à arraia-miúda. Puxei-a pelo braço e desdenhando alguns insultos penetrei a livraria até o fundo, onde esbarrei nuns brutamontes ao redor da mesa. Poeta, gritei, brandindo meu exemplar, não vais me honrar com um autógrafo? Corta!, gritou de volta o diretor do filme; apagaram-se os refletores e

um puxa-saco me interpelou: tu, quem julgas ser? Pergunta-o ao poeta, amorfa criatura, falei, e Kocsis Ferenc fez sinal para que me abrissem passagem. Depositei na mesa meu livro, que ele custava a assinar, a mão tremendo rente à página branca. É para Zsoze Kósta, falei, não me digas que esqueceste o nome deste teu serviçal. Para Zsoze Kósta, cordialmente, K., foi sua dedicatória. Tomei em seguida o exemplar das mãos de Kriska: este é para minha amada, Fülemüle Krisztina. Virei-me para os cinegrafistas: estai à vontade, senhores, não vos pejeis de filmar minha bela esposa. Ora, Kósta, disse Kriska, mas os refletores se acenderam e Kocsis Ferenc se levantou três vezes para a cumprimentar, depois autografou o livro: para Fülemüle Krisztina, cordialmente, K. Eu pretendia desfrutar mais um pouco da recepção, ouvir violinos, provar drinques e canapés, mas Kriska estava inquieta, saiu da livraria procurando um táxi. Convenci-a a voltarmos para casa a pé, pois a chuva cessara e aquela era a primeira noite fresca da primavera. Descendo a avenida Bozsik, com suas bétulas em flor, não resisti a recitar as páginas iniciais do livro, que munido de óculos eu fingia ler. Estava certo de que Kriska se deliciaria com os tercetos do Intróito Ornítico, onde as palavras copiavam o canto matinal dos pássaros húngaros. De fato, tão silenciosa me ouviu que resolvi prosseguir o poema, pelo menos até a Sinfonia das Ninfômanas, com que contava arrancar dela alguns risos maliciosos. Mas ela não riu, talvez porque recomeçara a chuviscar, o que nos forçou a apertar o passo. E por andar depressa eu automaticamente acelerava minha récita, em prejuízo da interpretação. Já perto de casa a chuva engrossou e nos abrigamos debaixo de um álamo. Foi providencial, porque o poema chegava ao clímax e ali eu o podia proferir com as apropriadas inflexões. E com um nó na garganta declamei os tercetos finais, dos Crepúsculos Especulares. Fechei o livro que, encharcado, quase se desmanchava em minhas mãos, e perguntei a Kriska: o que achaste? Assimassim, ela disse. Assim-assim, como? Aí ela olhou a rua cheia de poças, olhou a chuva que não cedia e decidiu: agora vamos; descalçou os sapatos de salto e partiu correndo com eles na mão. Assim-assim, como?, perguntei ao entrar em casa, e Pisti que fumava estirado no divã reclamou das horas, disse estar morto de fome. Kriska foi para a cozinha, e enquanto trocava de roupa eu remoia aquele seu assimassim. Assim-assim, como?, perguntei, já à mesa de jantar. É uma opinião, ora. Opinião, e o que entende de literatura uma mulher que vive de ler historietas para mentecaptos? Kriska engoliu a comida, bebeu um gole de vinho, ficou muda. Não me leves a mal, querida Kriska, mas posso assegurar-te que nosso Pisti é sensível à

poesia de Kocsis Ferenc mais que tu. Abri o livro e recitei para Pisti a Rapsódia da Diáspora, com certeza os mais exuberantes dos tercetos. O que me dizes,

Pisti? E

Pisti respondeu: mortífero, adjetivo que no jargão da juventude húngara se aplica a coisas excepcionais, para o bem ou para o mal. Mortífero bom ou mau? Mortífero assim-assim, disse Pisti. Aí fiquei mordido, falei do prefácio do livro, assinado pelo professor Buzanszky Zoltán, falei das exaltações a Kocsis Ferenc que ouvira de gente graduada na fila de autógrafos. Pois bem, Kósta, há quem aprecie o exótico, disse Kriska. Exótico? Como, exótico? É que o poema não parece húngaro, Kósta. O

que dizes? Parece que não é húngaro o poema, Kósta. Não me ofenderam tanto as palavras, quanto a cândida maneira com que Kriska as pronunciou. E disse mais: e como se fosse escrito com acento estrangeiro, Kósta. Esta sentença ela emitiu quase a cantar, e foi o que me fez perder a cabeça. Peguei meu prato de espaguete e o atirei em cheio na parede. O prato se espatifou, e na parede ficou aquela maçaroca de tomate com carne moída, mais boa parte do macarrão, que era pegajoso, porque Kriska nunca acertava o ponto de cozimento. Fora um gesto brutal, o meu, mas insuficiente para me aplacar. Ainda precisei olhar na cara dela e berrar que detestava espaguete à bolonhesa. Fez-se um silêncio, até que Pisti apontou a parede e falou: mortífero. Kriska se levantou, caminhou devagar para a cozinha, voltou com uma vassoura, uma pá, um balde d'água, um trapo, e me irritou vê-la agachada, como se urinasse, o vestido ainda molhado de chuva a pingar no chão. Recolheu os cacos, a comida em torno de seus tamancos, retirou a sujeira espessa da parede, foi à cozinha, voltou com uma esponja. Passava a esponja na parede com movimentos amplos, espalhava de propósito a mancha vermelha, e compreendi que naquela casa eu não teria mais ambiente.

Meus pertences couberam numa mala de mão, havia estrelas no céu, andei em direção ao centro da cidade. Mas bem antes do centro encontrei um hotel de aparência modesta, o nome Zakariás em letras de ferro sobre a porta. Toquei a sineta no balcão, e uma tabela de preços indicava a diária de quatro mil forintes por um quarto de solteiro. Calculei que poderia me alojar ali por mais de um mês, pois Kocsis Ferenc havia insistido em remunerar meu serviço, um cala-boca de duzentos mil forintes. Já ia tocar a sineta de novo quando apareceu um velhinho ajeitando os suspensórios. Pediu meus documentos num inglês medonho, falou Mister Costa, Mister Costa, vasculhou uma gaveta, falou yes e disse que eu era aguardado desde a quarta-feira. Deu-me a chave do 713 e um cartão plastificado, impresso com o nome Mr. Costa e logo abaixo, Brazil. Fiquei

zonzo, olhei para o crachá, para o velhinho, ele informou que a reunião era no subsolo. Então atinei que o hotel Zakariás de Budapeste hospedava o encontro anual de autores anônimos. Eu nunca mais os procurara, por algum motivo me julgava indigno deles, e me sensibilizou saber que ainda assim contavam sempre comigo. Desci a escada, e ao abrir a porta o final do corredor dei numa sala sem janelas, com cadeiras enfileiradas, de onde umas trinta cabeças se voltaram para mim. Identifiquei de imediato aqueles rostos, e tive um calafrio. Eu não os via desde Istambul, havia não sei quantos anos, e poderia bem ou mal avaliar a passagem do tempo em cada rosto, se em cada rosto me detivesse um pouco. Mas ver os rostos todos de uma vez foi assustador, foi como se eles tivessem ficado decrépitos naquele exato instante. Outros rostos que eu já recordava caquéticos não estavam mais ali, e na outra ponta da sala o homem em pé, nem velho nem moço, que alheio à minha chegada continuava sua leitura ao microfone, este não pertencia a minha memória. Este era um homem tão próximo e presente, que numa sala de gente remota eu hesitava em reconhecer. Tampouco me era estranho o texto que ele lia em húngaro, embora não o tivesse acompanhado do início. Eu me lembrava das frases que ouvia, mas não compreendia suas circunstâncias, como se estivesse em casa conhecida sem me lembrar dela por fora. A muito custo recompus mais ou menos aquela história, que parecia tratar de um psicanalista corcunda, num conto chamado, se não me engano, Interrogar Coelhos. E quem o lia era ele mesmo, o Sr...., com uma voz rouca que eu não estava certo de ter escutado antes. Voz adequada a um relato cheio de lances macabros, aos quais os espectadores, com um fone enfiado no ouvido, não reagiam. Mas lá adiante, numa passagem banal, faziam oh, porque nem o mais ligeiro intérprete dá conta do idioma húngaro em tradução simultânea. Havia meia dúzia de intérpretes instalados com seus equipamentos na última fila, onde também me acomodei para não perturbar a sessão. E quando o ...... acabou de ler o conto, ouvi a reverberação de seu trágico desfecho durante um minuto, em seis línguas diferentes. Aí o público irrompeu numa ovação, seguida de fartas risadas depois que o Sr.... declinou o nome do suposto autor, Hidegkuti István, e relacionou os prêmios literários concedidos ao célebre contista. Aplaudi também, por polidez, pois a bem da verdade não me impressionava a prosa de Hidegkuti, ou do Sr..... Também é verdade que a partir de certo ponto não lhe prestara maior atenção, pois o conto era algo prolixo, e eu já coçava as mãos, ansioso para agarrar aquele microfone. Mas o Sr. ... não pretendia largá-lo tão cedo; agitando a cabeleira negra, pegou a ler trechos de seus romances, ensaios, peças de dramaturgia, obras atribuídas a autores os mais heterogêneos, e que entre eles não houvesse um poeta me tranqüilizou. Quase afônico, concluiu sua apresentação com um apanhado de generosas críticas

daquelas mesmas obras, que publicara na imprensa com a assinatura do venerando professor Buzanszky Zoltán, levando a platéia a aclamá-lo de pé. E antes que alguém se apoderasse do microfone, saquei meu livro da maleta e atravessei a sala a passos largos. Postei-me ao lado do Sr...., que tinha na lapela o crachá: M....., Hungary, e esperei que empilhasse contra o peito seus livros com encadernação de couro. Só então ele me viu, me reconheceu, e sua pilha de livros por pouco não desabava; escorou-os com o queixo e me olhou de cima para baixo, apesar de ser bem menor que eu. Sentou-se numa cadeira lateral, entulhou outras duas com sua livralhada, e ao ver em minhas mãos uma brochura úmida, desengonçada, solta da capa, se reclinou no assento, de pernas abertas. Retesou-se, porém, assim que anunciei os Tercetos Secretos, poema de minha autoria outorgado ao emérito Kocsis Ferenc, com prefácio do venerando professor Buzanszky Zoltán. Eu tencionava ler, mas não li o prefácio, um autêntico Buzanszky, cujo estilo tão superior ao seu poderia humilhar o Sr ....Preferi humilhá-lo com a poesia, arte que ele ignorava, e que o faria sofrer muito mais por não saber onde lhe doía. Eu declamava os versos lentamente, havia palavras que eu quase soletrava, pelo prazer de vê-lo se remexer na cadeira. Eu fazia longas pausas, silêncios que só um poeta se permite, e ele baixava o rosto, olhava para os lados, para seus montes de livros, chegou a juntar os livros no colo, fez menção de se retirar. Mas eu estava a cavaleiro, com meus tercetos na ponta da língua, eu estava declamando a Apoteose dos Poetas e sabia que ele quedaria sentado até o fim. Pouco me ocupei dos demais espectadores, uns a enxugar os olhos, uns a achar graça em tudo, outros voltados para os intérpretes, que pareciam se descabelar no fundo da sala; ante a inviável tarefa de traduzir um poema húngaro, imagino que cada qual falasse o que lhe vinha à cabeça. Era para o Sr.... que eu me exibia, e para ele fiz uma mesura ao encerrar o poema, debaixo de bravos e vaias. Lépido atravessei a sala, encontrei o elevador enguiçado, subi as escadas num ímpeto, que foi arrefecendo a partir do terceiro lance. Levei horas para chegar com minha mala de mão ao sétimo andar, bufando, me amparando nas paredes. Entrei no quarto com ânsias, fui à privada, enfiei o dedo na garganta, mas eu não jantara, não tinha o que vomitar. Deitei-me, senti falta de Kriska, o telefone não dava linha. Pensei em voltar para casa, porém já

não tinha forças, já não tinha as chaves, minha cabeça rodava, o poema rodava na minha cabeça e eu não queria mais saber de poema algum. Por sorte era tarde da noite, e já surgia uma tênue claridade nas frestas da janela quando bateram à porta. Ainda tonto me levantei, crente que era o café-da-manhã, e seria capaz de abraçar o camareiro, beijar suas bochechas; eu estava morto de fome, comeria

sete pães de abóbora sem mastigar. Mas no corredor um homem robusto se apresentou como agente Grosics, da Polícia Federal. Perguntou-me se eu era o Sr. Zsoze Kósta, funcionário do Clube das Belas-Letras, solicitou meu passaporte. Manuseou-o, indagou se eu não dispunha porventura de outros papéis, um visto de permanência, uma licença de trabalho, me fez ver que minha situação no país era de todo irregular. Requisitou meu bilhete aéreo, mas eu não o conservara, por inútil, viera a Budapeste sem passagem de volta. Instruiu-me a procurar minha embaixada, caso me faltassem recursos para a viagem; eu tinha quarenta e oito horas para deixar o território húngaro definitivamente.

Zanzei com a mala de mão pelas ruas de Pest até que a companhia aérea abrisse as portas. A funcionária que me atendeu mal-e-mal arranhava o húngaro, mas com um pouco de francês a ajudei a marcar minha partida no vôo de domingo à tarde. Logo em seguida me espantei de ter falado francês. E com maior espanto me vi resignado, depois desafogado, depois quase feliz por estar me despedindo da língua húngara. Guanabara, murmurei, goiabada, Pão de Açúcar. Falei arrivederci, falei alemão no meio da rua, até do turco relembrei umas palavras. Eu bicava palavras aqui e ali de línguas que conhecera, um pouco assim como um recém-solteiro sai a revisitar antigas namoradas. Ao chofer de táxi me dirigi em inglês, deixando que me tomasse por forasteiro incauto, que desse voltas e voltas a caminho da rua Tóth; os forintes que me restavam, mesmo escassos, não tinha com que gastar em um dia e meio de Budapeste. Eu poderia até seguir de vez para o aeroporto e divagar por ali, tomar uns drinques, passar no free shop, dormitar um tempo no salão de embarque, se não tivesse de dizer adeus a Kriska e lhe deixar melhor recordação que um prato atirado na parede. Mas ao entrar na nossa rua, de longe avistei a vila de casas gêmeas, e entre dezenas de telhados idênticos, distingui a meia-água que me abrigara por tantos anos. E me lembrei de Kriska na soleira, a me receber pela primeira vez: Zsoze Kósta... Zsoze Kósta... Em pensamento respondi: aí estou chegando quase, bela, branca, cigarros Fecske, mesa, café, patins, bicicleta, janela, peteca, alegria, um, dois, três, nove, dez, e caí em mim; aprender o idioma húngaro fora brinquedo, difícil mesmo seria apagá-lo da mente. E estremeci de imaginar que, em breve, longe de Kriska e de sua terra, todas as palavras húngaras me serviriam tanto quanto essas moedas que sobram nos bolsos de torna-viagem. Pedi ao taxista: deixa-me à direita, depois do velho caminhão, no número 84. E ele me olhou estranhado, não porque de uma hora para a outra eu falasse húngaro, mas por falar frase tão pífia com voz constrita. Sou eu, falei baixinho no interfone, e passado um tempo Pisti acionou o portão elétrico. Encontrei a porta de casa aberta, a sala vazia, espiei a parede, que à primeira vista estava incólume. De perto, porém, eram

visíveis alguns resíduos vermelhos e marrons em sua superfície crespa. Kriska sentada na cama, com as janelas do quarto fechadas, a luz oblíqua do abajur a lhe salientar as maçãs do rosto, tinha um ar oriental. Aproximei-me com prudência, me sentei a seu lado, daí a pouco lhe tomei a mão; ela não disse nada, nem eu sabia o que falar. Relaxei o corpo, me estendi, deitei o rosto em seu regaço, e súbito me acometeu um espasmo, uma sensação de estrangulamento, uns arquejos violentos, eu soluçava como grunhe um porco, e demorei a compreender o que me estava sucedendo. Meus olhos se inundaram, minhas faces, meu rosto inteiro, a camisola de Kriska, suguei a camisola de Kriska para comprovar o sabor das lágrimas. E Kriska falava: não é nada, não é nada, já passou, já passou, pensando que eu chorava por causa do estrago na parede. Um dia a gente pinta, ela disse, e com a ponta das unhas me roçava a careca, dizia: dorme, dorme, dorme, dorme. Acordei com Kriska escancarando a janela do quarto, e havia sol lá fora. Ela usava bermudas e disse que mandara Pisti passar o fim de semana na casa do pai. Abriu minha maleta, despejou na cama as roupas emboladas, me deu a calça jeans para vestir. E me emprestou uma camisa de Pisti, verde e branca, com o número 9 do centroavante do Ferencváros, camisa que me deixava barrigudo. Ela tinha preparado uma cesta com queijos e vinhos, programara para nós uma tarde na ilha de Margit.

Ventava muito na ilha de Margit, a toalha se revirava, voavam os guardanapos de papel e Kriska ria. Voava seu chapéu de palha e ela apontava minha cabeça, eram meus raros cabelos que esvoaçavam, ela ria à beça. Fomos para casa trocar de roupa, ela passou a ferro meu terno azul-marinho e vestiu um tailleur cor-de-rosa. Era noite de sábado, mas ao clube eu não iria de jeito nenhum. Felizmente ela própria sugeriu que fôssemos dançar, pois não haveria mal em faltar ao serviço uma vez na vida, além do mais... Ia dizer que além do mais nos pouparíamos de ouvir os tercetos de Kocsis Ferenc. Além do mais é nosso aniversário de noivado, inventou na hora. Fomos ao dancing giratório, dançamos até ficarmos lesos, depois comemos uma pizza na cidade velha e levei do restaurante uma garrafa de vinho Tokaj. Andávamos abraçados, meio de banda, ventava demais na ponte e o Danúbio estava todo encapelado. Bebemos o Tokaj no seu divã, cantando em dueto a balada lancinante da filha do Barba-Azul. No quarto ela se despiu com a luz apagada e disse: vem. Deitei-me por cima dela, e mesmo no escuro eu via a expressão de seu rosto, gostava de vê-la assim transtornada, os olhos girando sem parar, como se não soubesse onde eu estava. Quando adormeceu, tentei reanimá-la, sacudi-a, lhe pedi que falasse alguma coisa, que coisa?, qualquer coisa. Amanhã a gente pinta.., foi o que ela balbuciou. Fiquei na vigília, atento aos ponteiros fosforescentes do despertador.

Fumei os cigarros que tinha, peguei um maço na mesa de Kriska, dei cabo dele também. Ao meio-dia me levantei, tomei um banho, me vesti, Kriska dormia toda nua, e na penumbra tinha o mesmo corpo de quando a conheci. Recolhi minhas roupas caídas no carpete, soquei-as de volta na mala de mão, fechei a mala. E tornei a abri-la, fechei e abri seu zíper várias vezes, porque despertar Kriska com um ruído metálico me pareceu mais honesto que a chamar docemente pelo nome. Kriska acendeu o abajur, pulou da cama, olhou a mala, me olhou, olhou a mala, me olhou, e eu lhe disse adeus. Disse que ia para o Rio de Janeiro, Brasil, mais que isso não devia lhe dizer. Ela ficou me encarando, mas eu não iria lhe contar que fora escorraçado do país. Não iria lhe falar de um agente de polícia que me surpreendera de madrugada, num hotel obscuro, movido sem dúvida por denúncia anônima. Não podia revelar o nome do escritor anônimo, invejoso dos meus versos, que eu desafiara numa reunião sigilosa de escritores anônimos. E por nada no mundo lhe confessaria ser eu também um escritor anônimo, autor de um livro de poesia que, de mais a mais, ela achava assim-assim. Permaneci imóvel, deixando-a pensar o que quisesse, e esperei que me cuspisse na boca e me arranhasse a cara, depois me enfiasse aquelas unhas nos olhos e os arrancasse das órbitas, eu tudo suportaria. Kriska porém não ergueu as mãos, preferiu não me tocar. Respirou fundo, abriu a boca para falar alguma coisa, e senti que, com uma palavra apenas, me causaria dano maior. Com uma só palavra Kriska me cobriria de vergonha, me aleijaria, me faria andar torto de arrependimento pelo resto da vida. A palavra estava ali nos seus lábios vacilantes, devia ser uma palavra que ela nunca se atrevera a pronunciar. Devia ser uma palavra arcaica, derivada da voz de alguma ave noturna, uma palavra caída em desuso de tão atroz. Devia ser a única palavra que eu não conhecia, em todo o vocabulário magiar, devia ser uma palavra estupenda. Então não me contive e supliquei: fala! Kriska não falou. Expirou todo o ar que tinha, balançou a cabeça, voltou para a cama, se cobriu, se virou para o lado e apagou a luz.

Ao som de um mar

As manhãzinhas eram propícias a caminhadas na orla, de preferência em plena cerração, ao som de um mar sereno. Dos automóveis na avenida só se viam as lanternas acesas, ninguém buzinava, ninguém buzina no invisível. E eu ia a passos cadenciados, com arrancadas esporádicas porque não gostava que emparelhassem comigo. Os caminhantes em sentido contrário mal surgiam, já tinham passado, e com eles palavras soltas, pedaços de palavras. Mais tarde começava a se afinar a bruma, e as montanhas se desanuviando, era a cidade

querendo exibir sua pele. Entretanto as pessoas que eu topava, por mais que rissem e balançassem os corpos, não me pareciam afeitas ao ambiente. As vezes eu as via como figurantes de um filme que caminhassem para lá e para cá, ou pedalassem na ciclovia a mando do diretor. E as patinadoras seriam profissionais, ganhariam cachê os moleques de rua, ao volante dos carros estariam dublês, fazendo barbaridades na avenida. Acho que eu tinha conservado da cidade uma lembrança fotográfica, e agora tudo o que se movia em cima dela me dava a impressão de um artifício. Enfim eu me sentava num banco à beira-mar e ficava espiando os barcos; mesmo o oceano, na minha memória, estivera a ponto de se estagnar. Mas não durava muito meu recolhimento, pois algum desocupado sempre acabava por se sentar comigo. E

dava de puxar assunto, sem desconfiar que se intrometer nos meus ouvidos naquele momento equivalia a me cortar a respiração. Tocava meu ombro, meu joelho, decerto me tomava por outro, se reportava a acontecimentos que eu teria presenciado, mencionava pessoas de minha suposta intimidade. Ou trazia um jornal para compartilhar as manchetes, que se referiam a fatos e nomes que também não me diziam nada. Pegaram os facínoras, viu só?, e com as costas da mão o sujeito estapeava uma foto escura, num jornal de letras borradas. Olha os facínoras, e me mostrava a foto de dois corpos estendidos no asfalto, um preto e um mulato. Eu olhava a foto, desviava os olhos para a praia, para as meninas jogando vôlei, voltava a olhar a foto, um preto gordo e um mulato comprido, decapitados. Os facínoras da leiteria, lembra deles?, claro que lembra, lembra não?, olha eles aí. Eu precisava de um tempo para me inteirar dos assuntos, e já na primeira noite no Rio saíra à escuta de conversas de rua sem entender do que tratavam, me detendo afinal numa casa de sucos cheia de gente jovem. Ali, por uns segundos tive a sensação de haver desembarcado em país de língua desconhecida, o que para mim era sempre uma sensação boa, era como se a vida fosse partir do zero. Logo reconheci as palavras brasileiras, mas ainda assim era quase um idioma novo que eu ouvia, não por uma ou outra gíria mais recente, corruptelas, confusões gramaticais. O que me prendia a atenção era mesmo uma nova sonoridade, havia um metabolismo na língua falada que talvez somente ouvidos desacostumados percebessem. Como uma música diferente que um viajante, depois de prolongada ausência, ao subitamente abrir a porta de um quarto pudesse surpreender. E dentro da loja de sucos eu fazia a mais extensa das minhas viagens, pois havia anos e anos de distância entre a minha língua, como a recordava, e aquela que agora ouvia, entre aflito e embevecido. Assim, sem querer me apoiei no balcão, fui me chegando a dois rapazes mais falantes, já os espiava pelo canto do olho, e com isso os devo ter incomodado, porque de

repente ambos se calaram e me afrontaram. Eram jovens musculosos, de cabeças raspadas e abundantes tatuagens, um com répteis que lhe subiam pelos braços, o outro com uma espécie de hieróglifos espalhados no peito nu. Mastigavam sanduíches de boca aberta, me olhavam com desprezo, sabe lá, talvez pensassem que eu fosse veado. Disfarcei, olhei as frutas expostas na loja, saí andando devagar, pressenti uns passos de botas às minhas costas, me apressei. Perto da esquina acreditei que já não fizessem caso de mim, e de fato estavam quietos ao pé de uma moto quando olhei para trás. E foi com certeza esse meu olhar para trás que os reatiçou; deviam ser desses skinheads que gostam de encher as bichas de porrada. Ouvi roncar a moto, virei numa transversal que não dava mão para eles, desatei a correr sabendo que seria inútil, porque eles subiam na contramão e me pegariam quando bem entendessem. Virei à esquerda de novo, era uma rua mais escura, e ainda corri uma quadra com a moto na minha cola, rente ao meio-fio. Cansei, reduzi o passo, e eles vinham aos trancos, acelerando e freando, soltando estrompidos com a descarga solta, pretendiam arrebentar meus nervos. Então estaquei e encolhi os ombros, à espera de que me saltassem no pescoço e terminassem com aquilo de uma vez. Passaram por mim, logo adiante embicaram a moto na calçada, desceram, o piloto se agachou para observar o motor e o da garupa mirou na minha direção. Veio andando com um cigarro na boca e me fez um sinal com os dedos, pedindo fogo. Apalpei o bolso onde costumava levar cigarros, estava vazio, mas ele continuava a avançar, praticamente se colou em mim. Era um palmo mais alto que eu, meus olhos batiam no seu peito, e por instantes imaginei que poderia decifrar os hieróglifos ali tatuados. Depois olhei os olhos com que me fitava, e eram olhos femininos, muito negros, eu conhecia aqueles olhos, Joaquinzinho. Sim, era meu filho, e por pouco não pronunciei seu nome; se eu lhe sorrisse e abrisse os braços, se lhe desse um abraço paternal, talvez ele não entendesse. Ou talvez soubesse desde o início que eu era seu pai, e por isso me olhava daquele jeito, por isso me encurralava no muro. E fechou o punho, armou o golpe, acho que ia me acertar o fígado, quando umas vozes surgiram ao meu lado. Umas pessoas começaram a sair da parede, gente e mais gente saía daquele buraco preto, que era a porta dos fundos de um cinema. Então me misturei ao público, segui em bando para a avenida, passei pela fachada do cinema, bares, farmácia, banca de jornais, desembestei no meio dos carros e entrei no hotel.

Talvez por ter largado o fumo, eu era capaz de ir do Leblon a Copacabana, ir e voltar, ir e voltar, do nascer do sol ao início da tarde. Chegava ao hotel com fome, subia ao quarto, pedia uns sanduíches que custavam a chegar, e os camareiros rejeitavam os forintes que lhes oferecia de gorjeta. O gerente também

andou ressabiado comigo, porque ao cabo de uma semana eu ainda não tinha pago as diárias. Eu passara no banco e minha conta não existia mais, nem ninguém tinha conhecimento da Cunha & Costa Agência Cultural. Do Álvaro, soube que se estabelecera em Brasília, trabalhava na assessoria de um deputado parente seu. Consegui o telefone do gabinete, uma funcionária tomou meu recado, porém o Álvaro não me devolveu a ligação. Na certa julgou que eu estivesse também atrás de um bico em Brasília, quando só pretendia um rápido ajuste de contas, algum dinheiro sem dúvida ele me devia. Tornei a ligar dias depois da portaria do hotel, e diante do gerente passei uma descompostura na moça do gabinete. Com o acento áspero que trouxera da Hungria, afirmei ter amigos na imprensa, ameacei fazer escândalo, o assecla de um deputado federal me devia quase um milhão de dólares, e eu ali sujeito a constrangimentos no Hotel Plaza. Nem assim o Álvaro me atendeu, mas junto ao gerente ganhei algum crédito. Ganhei tempo para pensar numa saída; ao deputado federal, por exemplo, poderia interessar uma autobiografia. Recostado na cama, eu rabiscava papéis aéreos com o timbre do hotel, e o que me saía nem eram palavras, eram figuras toscas, desenhos infantis. E me perguntava que destino eu teria se, em vez de me ensinarem as primeiras letras, na minha infância me apresentassem tão-somente livros de arte. Daí imaginava pintores anônimos e analfabetos, que obrariam em segredo as telas dos grandes mestres da pintura. Seriam pintores cercados de mimos, comeriam do bom e do melhor, teriam amantes silenciosas, mas acima de tudo amariam ver suas obras-primas assinadas pelos grandes mestres, expostas em museus do mundo inteiro. E seriam gratos reciprocamente, se telefonariam todo dia, zelariam pela saúde uns dos outros, seriam tão longevos aqueles mestres quanto fecunda fosse a inspiração de seus artífices. Eu varava as noites a cogitar nessas coisas e a desenhar meus bichos, à

espera da manhãzinha propícia a caminhadas. E um dia, em Copacabana, ao passar em frente ao prédio da agência, num impulso atravessei a avenida, cumprimentei o porteiro e tomei o elevador. Nas salas da Cunha & Costa funcionava agora um consultório dentário, e a recepcionista perguntou se eu tinha hora marcada. Visei a porta nos fundos da ante-sala, invadi meu ex-quartinho, e debruçado numa bancada com tampo de fórmica estava um protético, que ao me ver quase caiu da cadeira; pensou que fosse um assalto e me ofertou umas bocas de gesso com dentes de ouro. Mas quando compreendeu que eu era de paz, que só

queria saber aonde fora parar minha escrivaninha, se enfureceu, saiu de jaleco no corredor clamando pela segurança. Deixei o prédio desiludido, seria impossível

reaver os livros que eu guardava à chave na gaveta da escrivaninha. Eu tinha encasquetado que, se os fosse copiando um por um à mão, recobraria o pulso para novos romances de encomenda. Abriria uma agência só minha, ficaria milionário, quem sabe compraria um andar inteiro do Hotel Plaza. Pensei em telefonar para Brasília, mas o Álvaro não haveria de ter guardado minhas tralhas, quando muito possuiria um exemplar de O Ginógrafo, e O Ginógrafo eu não queria ver pela frente. No entanto, andando pelo comércio de Copacabana, avistei uma livraria com a vitrine coberta de livros cor de mostarda. Aproximei-me, e talvez o reflexo do sol na vidraça faiscasse as cores, pois os livros derivavam para um tom de ocre com letras verdes. Mais um pouco, e já era quase nítido o título O Ginógrafo, em letras góticas lilás nas capas do livro cor de canela. Mas quando cheguei à livraria, o livro era azulmarinho e se chamava O Naufrágio. Entrei, espiei variados volumes expostos nas mesas, só por curiosidade rondei as estantes, dei com o livreiro: O Ginógrafo, me faça o favor. Como disse? O Ginógrafo. O senhor deve estar equivocado, aqui temos O Naufrágio, que já vendeu mais de cem mil exemplares. Insisti: O Ginógrafo. Perguntou se era algum livro técnico, nunca ouvira mencionar semelhante nome. Mentira dele, eu me lembrava da sua figura, ele ganhara uma fortuna às custas do meu romance. Acedeu em consultar um computador, indagou se a palavra se escrevia com gê, falou: guia de Gênova... manual de ginástica.., as girafas...... ginógrafo não consta. O senhor por acaso tem o nome do autor? Kaspar Krabbe?

Cá, erre, a, bê, bê, é? Krabbe... Krabbe... Kaspar... Kaspar Krabbe também não consta. A editora, por acaso?

Ao entrar no quarto, encontrei o envelope enfiado por baixo da porta. Trazia um cartão da superintendência dos Hotéis Plaza, me lembrando que eu completava cem dias de hospedagem, em anexo a fatura que nem quis olhar. Eu chegara a crer que me houvessem esquecido, até porque os pedidos que eu fazia à copa nunca mais chegavam. Como o gerente tampouco tornara a me procurar, eu supunha mesmo que meu nome, junto com o quarto 707, se apagara da memória do computador do hotel. Mensageiros me davam as costas, porteiros não me abriam as portas, na recepção talvez não entendessem direito que hóspede era esse, de que diabo de quarto entrava e saía todo dia. Mas a partir de então achei por bem suspender minhas saídas. Caminhadas, só dentro do quarto, e outra coisa eu não tinha a fazer o dia inteiro. Já rabiscara todos os papéis de carta, desenhar não me apetecia mais. A televisão eu ligara distraído uma vez só, mas desliguei assim que ouvi uma musiqueta nervosa, de telejornal. Não utilizava o telefone, não acendia mais meu abajur, o 707 vivia às escuras. As arrumadeiras

não dava trabalho, roupa não tinha para lavar, andava nu, na maçaneta estava sempre pendurado o cartão: do not disturb. Em horários incertos fazia minhas refeições, às vezes uma coxa de frango, legumes, às vezes arroz, às vezes um naco de pão com a raspa do molho de estrogonofe. Dependendo das bandejas que os vizinhos deixavam no corredor, podia até me regalar com algum queijo francês, meia taça de vinho com marca de batom na borda. E uma noite eu estava posto em sossego, bebericando um uísque meio aguado, quando o telefone pegou a tocar. Tocou umas dez vezes seguidas, parou, recomeçou, ainda pensei que pudesse ser o Álvaro, mas para saldar uma dívida ninguém telefona tanto assim. Havia mesmo de ser a superintendência dos Hotéis Plaza, porque entrávamos na alta estação, lotação esgotada, o senhor vai nos desculpar, acabou de chegar um casal de argentinos, necessitamos disponibilizar o 707, porém eu não atenderia à ligação, me fazia de morto. Avançava a noite, e terminei por me habituar àquela campainha, às suas intermitências, já

conhecia o último toque de uma série, contava até sete e adivinhava o início da série seguinte. O som que ainda agora me irritava foi me apaziguando, e no seu embalo adormeci, como deve adormecer quem mora pegado a uma estrada de ferro. E

assim como deve acordar sobressaltado esse morador no meio da noite em que o trem não passa, pulei da cama quando o telefone silenciou. Sem ele eu estava mais vulnerável, logo, logo alguém viria esmurrar a porta, um agente federal romperia quarto adentro. Tirei meu terno da mala de mão, me vesti às pressas e resolvi me antecipar ao adversário, desci ao seu encontro. De terno escuro e gravata, me sentia em condições de negociar com qualquer um de igual para igual. Poderia requerer do gerente um prazo para buscar outro hotel, reivindicaria o direito a pelo menos uma noite de sono, quem sabe pediria que continuassem a me ligar regularmente até o amanhecer. Lá embaixo, porém, só havia o porteiro noturno que eu não conhecia, e que me deu boa-noite. Cheguei à rua, respirei ar fresco, fui dar uma espiada no mar, e lamentei não ter descoberto antes o prazer de caminhar àquelas horas em que ninguém mais saía a pé, por medo dos marginais. Assim o calçadão da praia era todo meu, nem os marginais apareciam por lá, e eu o percorreria sapateando, se me desse na telha. Fui até a ponta do Arpoador, voltei ao mirante do Leblon, perambulei dentro do bairro, e quando vi estava chegando ao meu antigo endereço. Esgueirei-me, segui para o hotel, mas devo ter perdido o rumo, porque depois de umas voltas fui parar de novo em frente ao prédio onde morei com a Vanda. Na terceira vez que passei por lá, deparei com uma cara conhecida e me escondi atrás de uma mureta. Era o

vigia, que fumava fora da guarita, olhando para o alto. Não havia luz alguma nos apartamentos, mas numa janela do sétimo andar se acendeu uma minúscula chama, alguém fumava no quarto da Vanda. Dava três, quatros tragadas contínuas, profundas, e atirava a guimba cá

em baixo, onde o vigia acendia um cigarro na ponta do outro. E já despontava o sol por trás do prédio, o vigia a olhar para o céu, a brasa a escandescer no quarto escuro, quando ouvi um guincho de pneus, dois faróis me iluminaram, eu estava na entrada da garagem. Apertei-me contra a mureta, uma camionete vinha descendo, freou a meu lado, fiquei junto à janela do motorista, tive a impressão de que me observavam ali de dentro. Mas através do vidro preto eu não enxergava nada, só me via a mim mesmo naquele espelho, as olheiras, a barba por fazer, o terno todo amarrotado. A buzina do carro disparou, o portão da garagem se abriu rangendo. O

carro afundou na garagem, o vigia se metera na guarita e a persiana da Vanda já

estava arreada.

Era dia claro quando cruzei zunindo a portaria do hotel, e nem bem alcancei minha porta, o telefone tocou. Alguma coisa me dizia que dessa feita eu devia atendê-lo, era uma boa notícia, era uma boa notícia. Era uma reviravolta em minha sorte, eu sabia que era, eu tinha essa intuição, e entretanto penava para abrir a porta. Passava o cartão magnético pela fechadura, e nada, uma luzinha vermelha se acendia, o telefone a tocar, era uma reviravolta em minha sorte. O telefone cessou, contei até sete, mas só no treze ele voltou a tocar, eu devia estar contando depressa demais. Passei, repassei o cartão, sacudi a porta, forcei o trinco, só então atinei que o cartão estava de cabeça para baixo. Luz verde, uma reviravolta, me precipitei no quarto, o telefone cessou, contei até vinte, alô! Senhor Zsoze Kósta?

Természetesen!, confirmei. Deus seja louvado!, disse o homem, se apresentando como cônsul da Hungria. Já procurara todos os Costa José da lista telefônica, e desde a véspera rastreava os hotéis da cidade. Por caridade, falei, não me priveis de escutar vosso amado idioma, e notei que minha prosódia húngara estava intacta. Mas persistindo em seu português horroroso, o cônsul me perguntou se eu porventura já ouvira falar em Lantos, Lorant & Budai. Sim, obviamente, Lantos, Lorant & Budai, os grandes livreiros húngaros, editores dos mais destacados autores do país, entre os quais o emérito poeta Kocsis Ferenc. Pois

disse o cônsul que tinha em mãos uma passagem aérea Rio - Budapeste, emitida em meu nome por Lantos, Lorant & Budai. Rio-Budapeste? Em meu nome? Não escarneceis de mim? Um visto de entrada no país, com direito a livre permanência, também me seria concedido no consulado. Passagem para Budapeste, visto de permanência, agora estava claro; pressionado por seus editores a repetir o estrondoso êxito de Tercetos Secretos, Kocsis Ferenc lhes teria confessado sua invalidez para a poesia. Sôfrego, porém, ele também por renovadas glórias, entre quatro paredes sugeriu que se importasse do Brasil o abnegado poeta Zsoze Kósta. Via Milão, disse o cônsul, eu poderia embarcar ainda naquela noite. Respondi que ia ver, tinha alguns afazeres no Rio, assuntos pendentes, perguntei se a passagem era de primeira classe, mas minha cabeça já alçava vôo, meus pensamentos vinham em versos.

Escrito aquele livro

A capa furta-cor, eu não entendia a cor daquela capa, o título Budapeste, eu não entendia o nome Zsoze Kósta ali impresso, eu não tinha escrito aquele livro. Eu não sabia o que estava acontecendo, aquela gente à minha volta, eu não tinha nada a ver com aquilo. Eu queria devolver o livro, mas não sabia a quem, eu o recebera de Lantos, Lorant & Budai e fiquei cego. Os refletores me ofuscavam, era a Duna Televízió, eu não entendia aquela Duna Televízió, eu precisava sair dali, atrás de mim as portas da alfândega se fecharam. Eu olhava os letreiros do aeroporto, e através do vidro umas pessoas me olhavam, me acenavam com livros de capa furtacor. E vi a cara risonha de Pisti, Pisti que nunca sorria, e a seu lado a mulher com uma pequena filmadora parecia Kriska, mas não era, era, não era, era, mas estava diferente. Um pouco à parte quem me sorria era o Sr...., eu nunca tinha visto aquelas gengivas escuras. E olhei Pisti, e olhei o Sr...., os corpos franzinos, as cabeçorras, os cabelos pretos, eu não entendia como de repente os dois se pareciam tanto. Busquei o olhar de Kriska, mas seu olho esquerdo estava fechado, o direito escondido atrás da filmadora, e não me entrava na cabeça que ela tivesse um dia se deitado com aquele sujeito. Quando mais tarde ela me garantiu que ele era um homem de bom coração, escutei calado, eu não podia dizer a Kriska que seu exmarido era um canalha. Mas naquela hora eu ainda não entendia nada, a viagem fora longa, eu tinha tomado vinho, barbitúricos. Eu estava atarantado, meu corpo balançava, cambava para um lado, meus olhos estavam vermelhos, meu corpo cambava para o outro lado. Enfim me aprumei, fixei o olhar à minha frente, minhas pupilas estavam dilatadas, e o rosto semi-encoberto de Kriska me parecia redondo, achei que ela tinha engordado muito. E quando compreendi que ela estava grávida, comecei a

tremer todo, deu um trejeito nos meus lábios, paralisei. Meio vesgo e de boca torta fiquei congelado, porque Kriska deu uma pausa no vídeo para acudir a criança, que desatara a chorar. Quando não estava amamentando, ela gostava de mostrar suas filmagens, as imagens vacilantes, o zoom irrequieto; tinha a minha cena no aeroporto, tinha a criança no berçário, o parto era para eu ter filmado, mas na hora me senti mal e saí da sala. E quando não passava um vídeo nem dava o peito para o menino, Kriska lia o livro. Não se cansava de ler o livro, agora que estava de licença-maternidade, já o lera umas trinta vezes em voz alta. Realmente inacreditável, falava, e me olhava admirada, e fazia comentários, pão de abóbora, de onde tiraste isso? Coral de ventríloquos, realmente inacreditável, e essa cidade do Rio de Janeiro, essas praias, essa gente andando para lugar nenhum, e essa mulher Vanda, de onde tiraste isso? Realmente inacreditável, realmente inacreditável, e eu sentia o sangue me subindo à cabeça aos borbotões. E ela ainda me dizia que o exmarido tinha um coração de ouro, se preocupara ao saber por Pisti de seu estado, mandara Pisti assegurar à mãe que não pouparia engenho e recursos para trazer seu homem de volta a Budapeste. Ingênua, Kriska se comovera às lágrimas, pois raros ex-maridos sabem ser tão altruístas, e fez com que Pisti transmitisse ao pai seu profundo reconhecimento. Enquanto isso o canalha escrevia o livro. Falsificava meu vocabulário, meus pensamentos e devaneios, o canalha inventava meu romance autobiográfico. E a exemplo da minha caligrafia forjada em seu manuscrito, a história por ele imaginada, de tão semelhante à minha, às vezes me parecia mais autêntica do que se eu próprio a tivesse escrito. Era como se ele tivesse imprimido cores num filme que eu recordava em preto-e-branco, oh, Kósta, essa festa de AnoNovo, essa canção do Egito, esse alemão sem pêlos, eu não suportava mais escutar aquilo. E uma noite, na cama, saltei sobre Kriska, atirei longe o livro, segurei-a pelos cabelos e assim quedei, arfante. O autor do meu livro não sou eu, queria lhe dizer, mas a voz não me saía da boca, e quando saiu foi para falar: é só a ti que tenho. E

Kriska sussurrou: hoje não; o menino dormia logo ali, no berço ao pé da cama, porque tinha de mamar de meia em meia hora. O autor do meu livro não sou eu, me escusei no Clube das Belas-Letras, mas todos me fizeram festa e fingiram não me ouvir, talvez porque, como se diz, eu falasse de corda em casa de enforcado. E o eminente poeta Kocsis Ferenc, por ocasião do lançamento solene de Budapeste, fez questão de me saudar em público na livraria Lantos, Lorant & Budai. Bemhumorado, lastimou que seus Tercetos Secretos não houvessem deveras brotado da fantasiosa pena de Zsoze Kósta, fazendo rir a multidão. O autor do meu livro não sou eu, emendei, levando a multidão às gargalhadas. Não era uma piada, mas como tal foi publicado o dito no dia seguinte, com foto na

capa do Magyar Hídap, e Lantos, Lorant & Budai me telefonaram para dizer que a primeira edição se esgotara nas livrarias. Populares me paravam na rua, me solicitavam o autógrafo em seus exemplares, e com mão dormente eu escrevia dedicatórias que me eram estranhas. Estranhos artigos com meu nome apareciam na imprensa quase todo dia. Fui recebido no Parlamento, jantei no Palácio do Arcebispo, na Universidade de Pécs me concederam um título de doutor, que agradeci com um discurso empolado, surgido em meu bolso não sei como. Meus passos se tornaram vagarosos, eu ia aonde me conduziam, eu já sabia o que me esperava, era como se meu livro continuasse a ser escrito. Em palestras, ainda tentava falar de improviso, tinha um ou outro lampejo de espírito, mas meus leitores já os conheciam todos. Eu ideava palavras estrambóticas, frases de trás para diante, um puta que o pariu sem mais nem menos, mas nem bem abria a boca, e na platéia algum exibicionista se me antecipava. Era um enfado, era muito triste, eu poderia baixar as calças no centro da cidade, ninguém se surpreenderia. Por sorte me restavam os sonhos, e em sonhos eu estava sempre numa ponte do Danúbio, às horas mortas, a fitar suas águas cor de chumbo. E soltava os pés do chão, e balançava de barriga sobre o parapeito, feliz da vida por saber que poderia, a qualquer momento, dar à minha história um desfecho que ninguém previra. Eu me demorava a gozar aquela onipotência, e com a demora o sol nascia, se esverdeavam as águas, daí a pouco me via de novo com os movimentos restritos. Policiais, bombeiros, para-médicos, transeuntes me agarravam: não cometais loucura, Ilustre Escritor Zsoze Kósta, tende fé em Deus, Ilustre Escritor Zsoze Kósta. Um padre, um rabino, um cigano, cada qual me puxava para um lado, provavelmente desejavam aparecer no livro. Eu me debatia, tentava me desvencilhar daquela turba e acordava enroscado no lençol, aliviado por me encontrar ao lado de Kriska, que pelo menos estava no livro desde o início. E no primeiro dia da primavera, observando o caminhar de Kriska, pressenti que findava seu resguardo. A tarde inteira cantou canções de outras primaveras, de noite ninou a criança no quarto de Pisti, tomou um banho, numa camisola de seda se deitou comigo. E me pediu que lesse o livro. Como? O livro. Eu não leria um livro que não era meu, não me sujeitaria a tamanha humilhação. E ela nem insistiu tanto, talvez porque soubesse que cedo ou tarde eu faria sua vontade. Apenas pousou o livro em meu colo e se deixou ficar inerte na cama. Tomei-o, suas folhas se soltavam em minhas mãos, eu não entendia por que precisaria ler um palavrório que ela já lera mais de trezentas vezes. Porém numa obra literária deve haver nuances, disse Kriska, que só se percebem pela voz do autor. Sem querer ela me dava a deixa para lhe comunicar, de modo peremptório, que não poderia ser eu o autor de um livro que trouxesse meu nome na capa. Ameacei arrancar meu nome daquela capa já meio manchada, untuosa,

mas ao ver o sorriso plácido de Kriska, seus olhos caídos, sua pele quase transparente, tive pena de magoá-la. Ela decerto preferia seguir imaginando que fosse meu o livro que levava sempre junto ao peito. Era para ela muito lisonjeiro que um autor tão premiado, tido pelo venerando Buzanszky Zoltán como o último purista das letras húngaras, fosse este tipo selvagem que ela iniciara no idioma. Então coloquei meus óculos, abri o livro e comecei: Devia ser proibido debochar de quem se aventura... Devagar, Kósta, mais devagar, e as primeiras páginas foram duras de vencer. Eu me atrapalhava com a pontuação, perdia o fôlego no meio das frases, era como ler um texto que eu tivesse mesmo escrito, porém com as palavras deslocadas. Era como ler uma vida paralela à minha, e ao falar na primeira pessoa, por um personagem paralelo a mim, eu gaguejava. Mas depois que aprendi a tomar distância do eu do livro, minha leitura fluiu. Por ser preciso o relato e límpido o estilo, eu já não hesitava em narrar passo a passo a existência tortuosa daquele eu. E por mais que padecesse aquela criatura, Kriska tampouco demonstrava grande comiseração. Pois se tinha pelo eu do livro alguma simpatia, era com seu desumano criador que ela se encantava. E a sós com ela, na meia-luz do quarto esfumaçado, cheguei mesmo a me convencer de ser o verdadeiro autor do livro. Eu usufruía os fraseados, a melodia do meu húngaro, eu me deliciava com minha voz. Rápido, Kósta, mais rápido, falava Kriska, quando eu me detinha além da conta nos episódios do Rio de Janeiro. Mas quando era ela a figurar na história, me pedia que relesse a página, só mais uma vez, Kósta, de novo. E ria, ria como se eu escrevesse com pluma em sua pele, esse dancing giratório, realmente inacreditável. Já perto do final, eu sabia que ela se ajeitaria na cama, para recostar a cabeça em meu ombro. Deitou-se de lado na cama e recostou a cabeça em meu ombro, ciente de que, sem interromper a leitura, eu sentia prazer em ver suas ancas realçadas sob a camisola. Então moveu de leve uma perna sobre a outra, deixando nítido o desenho de suas coxas debaixo da seda. E no instante seguinte se encabulou, porque agora eu lia o livro ao mesmo tempo que o livro acontecia. Querida Kriska, perguntei, sabes que somente por ti noites a fio concebi o livro que ora se encerra? Não sei o que ela pensou, porque fechou os olhos, mas com a cabeça fez que sim. E a mulher amada, de quem eu já sorvera o leite, me deu de beber a água com que havia lavado sua blusa.

***